



volume 1

as delícias da fofoca

gossip girl

Cecily von Ziegesar

Contra-cap: Adolescentes adoram fofocar em qualquer lugar do planeta, mas no mundinho dos jovens da alta sociedade nova-iorquina as fofocas são sempre mais divertidas, nem que seja pelas suas roupas caras de estilistas famosos, pelas casas de férias em lugares hiper-chiques, pelos litros de bebidas que consomem ou pelas brigas sem qualquer motivo. Em **Gossip Girl** iremos conhecer o universo quase secreto dos alunos de tradicionais escolas particulares para meninas e meninos, onde nem mesmo os horríveis uniformes conseguem esconder a beleza desses afortunados. Todos moram nos endereços mais caros da cidade, em apartamentos suntuosos com a vista para a Central Park. Herdaram os traços clássicos de suas famílias aristocráticas e não têm muito com o que se preocupar: podem beber a vontade, contanto que não deixem seus pais constrangidos; são inteligentes; têm toneladas de privacidade e, no máximo, ficam um pouco nervosos quando o assunto é sexo ou decidir em qual universidade irão se inscrever. Mas tudo com muita classe, of course.

Defeitos? É claro que eles têm muitos. Nossa nem sem tão bondosa narradora, a, digamos assim, rainha da fofoca, não esconde nada. Traições, drogas, bulimia, infidelidade, ciúmes, nada escapa à atenta e atenta Gossip girl. E assim vamos conhecendo a popular Blair Waldorf - a garota mais cool da escola, mas que sofre com o divórcio dos pais, separados - depois que o pai revelou ser gay, e com o novo namorado da mãe-; sua ex melhor amiga Serena von der Woodsen - expulsa do colégio interno - depois de aprontar todas no verão da Europa e não chegar a tempo para o primeiro dia de aula -; eu namorado, o garoto mais desejado da cidade, Nate Archibald - que está sempre tão chapado que não consegue dar atenção à namorada -; a desconcertante Vanessa - e sua paixão por Dan Humphrey e sua irmã Jenny; além de muitos outros personagens. E este é apenas o começo de um ano esfuziante desses bem-nascidos. Prepare-se para as reviravoltas e muitas traições nos próximos volumes da série...

Considerada a **Sex and the city** para adolescentes, Gossip girl é uma das séries mais lidas pelos jovens americanos, com mais de um milhão de exemplares vendidos. Os fans de segundas intenções, The OC, Gilmore girls e muitos outros filmes e séries de TV vão se deliciar com a alta dose de drama, romance, intriga e, claro, fofoca. O que torna esta série tão real é que sua autora, Cecily von Ziegesar, foi criada na alta-roda nova-iorquina e foi aluna dos mais chiques colégios da cidade, convivendo com pessoas tão requintadas, elegantes, fúteis e divertidas como os personagens que criou. Atualmente, ela escreve outros livros da série enquanto cuida dos filhos.

Autora - Cecily von Ziegesar
Editora Record
ISBN – 85-01-06977-9

Escândalo é a fofoca tornada tediosa pela moralidade.
— Oscar Wilde

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Vocês querem saber como é a vida dos eleitos? Bem, eu vou contar, porque faço parte deles. Não estou falando de modelos bonitas, nem de atrizes, nem de prodígios da música, nem de Gênios da matemática. Estou falando de pessoas que nasceram para isso - as que têm tudo o que qualquer pode querer e que não dão valor a nada.

Bem-vindos ao Upper East Side de Nova York, onde meus amigos e eu moramos, estudamos, namoramos e dormimos - às vezes uns com os outros. Todos nós moramos em apartamentos enormes, temos nosso próprio quarto, nosso próprio banheiro e nosso próprio telefone. Temos acesso ilimitado a dinheiro, bebida e qualquer e qualquer coisa que a gente quiser, e nossos pais raramente estão em casa, então temos toneladas de privacidade. Somos inteligentes, herdamos uma beleza clássica, usamos roupas incríveis e sabemos como nos divertir. Nosso cocô ainda fede, mas não dá para sentir o cheiro porque hora em hora a empregada borrifa m desodorizador refrescante feito exclusivamente para nós por perfumarias francesas. É uma vida de luxo, mas alguém tem que vivê-la.

Nossos apartamentos ficam perto do Metropolitan Museum of Art na Quinta Avenida, e das escolas particulares exclusivas para meninas ou meninos, como a Constance Billard, que a maioria de nós frequenta. Até de ressaca a Quinta Avenida sempre parece linda de manhã, com a luz do sol brilhando na cabeça dos meninos gostosões da St. Jude's School.

Mas há algo de podre no caminho do museu.

Flagra

B com a mãe, discutindo em um táxi na frente de Takashinaya. **N** apertando um na escadaria do Met. **C** comprando sapatos novos para a escola na Barneys. E uma loura alta conhecida e incrivelmente bonita, saindo de um trem de New Haven na Grand central Station, idade aproximada, 17. Quem será? **S** voltou?!

A GAROTA QUE VAI PARA O INTERNATO É EXPULSA E VOLTA PARA CASA.

Sim, **S** está voltando do internato. Seus cabelos estão mais compridos e mais claros, os olhos azuis têm o mistério profundo de segredos bem guardados. Ele está usando as mesmas roupas fabulosas, agora aos trapos depois de enfrentar as intempéries da Nova Inglaterra. Hoje de manhã, o riso de **S** ecoou na escadaria do Met, onde não pudemos mais curtir um fumo e um cappucino sem vê-la acenando para nós do apartamento dos pais dela do outro lado da rua. Eça agora tem o hábito de roer as unhas, o que nos deixa ainda mais curiosos. Apesar de todo mundo estar morrendo de vontade de lhe perguntar por que ela foi chutada do internato, ninguém pergunta, porque preferimos que ela fique bem longe. Mas **S** definitivamente está aqui.

Só por segurança, devemos todos sincronizar os relógios. Se não tivermos cuidado, S vai conquistar nossos professores, usar aquela roupa que não cabe na gente, comer a última azeitona, transar na cama dos nossos pais, derramar Campari no nosso tapete, roubar o coração de nossos irmãos e namorados e basicamente acabar com a nossa vida e irritar a gente de um jeito que você nem imagina.

Vou ficar de olho. Vou ficar de olho em todos nós. Este será um ano turbulento e desagradável. Dá para sentir o cheiro dele.

Beijos,

Gossip Girl.

como muitas histórias picantes, esta começou numa festa

- Fiquei vendo o Nickelodeon a manhã toda no meu quarto, então não tive de tomar o café da manhã com eles - disse Blair Waldorf a duas de suas melhores amigas e colegas de turma na Constance Billard School, Kati Farkas e Isabel Coates. - Minha mãe fez uma omelete para ela. Eu não tinha a menor idéia de que ela sabia usar o fogão.

Blair prendeu os cabelos compridos castanho-escuros por trás das orelhas e bebeu um gole do uísque da mãe no copo de cristal que tinha na mão. Já estava no segundo copo.

- Que programa você assistiu? - perguntou Isabel, tirando um fio de cabelo do cardigã preto de Blair.

- Que diferença faz? - disse Blair, batendo o pé. Estava usando as novas sapatilhas pretas. Bem de aluna caretinha de escola preparatória, da qual ela conseguiu escapar porque mudou de idéia na última hora e colocou botas surradas, pontudas e de salto alto e aquela saia metalizada e sexy que a mãe dela odiava. A gatinha peruinha meio rock. Miau. - O caso é que fiquei presa no quarto a manhã toda porque eles estavam ocupados tendo um baita café da manhã romântico, cada um com um roupão de seda vermelha combinandinho. E eles nem tomaram banho. - Blair tomou outro gole da bebida. A única maneira

de agüentar a idéia de sua mãe dormindo com aquele homem era ficar bêbada - muito bêbada.

Por sorte Blair e as amigas vinham daquele tipo de família para a qual beber era tão comum quanto assoar o nariz. Os pais dela acreditavam na idéia meio européia de que quanto mais acesso as crianças têm ao álcool, menos provável será que abusem dele. Então Blair e as amigas podiam beber o que quisessem, desde que mantivessem as notas altas e as aparências e não passassem vergonha nem envergonhassem a família vomitando em público, urinando na calça ou falando demais na rua. O mesmo valia para qualquer outra coisa, como sexo ou drogas – desde que você mantivesse as aparências, tudo bem.

Mas nada de arriar a calcinha. Isso fica pra depois.

O homem com quem Blair estava irritada era Cyrus Rose, o novo namorado da mãe. Naquele momento Cyrus Rose estava parado do outro lado da sala, recebendo os convidados para o jantar. Ele parecia alguém que podia ajudar você a comprar sapatos na Saks – careca, com um bigodinho cerrado, a barriga gorda meio aparecendo no terno azul brilhante trespassado. Ele tinha as moedas no bolso sem parar e, quando tirava o paletó, havia marcas de suor grandes e horrendas nas axilas. Ele ria alto e era muito gentil com a mãe de Blair. Mas não era o pai de Blair. O pai de Blair fugiu para a França com outro homem no ano passado.

É sério. Eles moram em um chateau e administram um vinhedo juntos. O que é muito legal, se você pensar bem no assunto.

É claro que nada disso era culpa de Cyrus Rose, mas isso não fazia diferença para Blair. No que dizia respeito a Blair, Cyrus Rose era irritante, gordo e um *mané* total.

Mas hoje à noite Blair ia ter de agüentar Cyrus Rose, porque o jantar que sua mãe estava dando era em homenagem a ele, e todos os amigos da família Waldorf foram lá para conhecê-lo: a família Bass e seus filhos Chuck e Donald; o sr. Farkas e a sua filha Kati; o famoso ator Arthur Coates, a esposa Titi e as ilhas Isabel, Regina e Camilla; o capitão e a sra. Archibald e o filho Nate. Os únicos que ainda não tinha chegado eram o Sr. e a Sra. van der Woodsen cuja filha adolescente,

Serena, e o filho, Erik, estavam fora, estudando.

A mãe de Blair era famosa por seus jantares, e este era o primeiro desde o divórcio infame. A cobertura dos Waldorf tinha sido dispendiosamente redecorada naquele verão em vermelhos profundos e marrons chocolate, e estava cheia de antiguidades e obras que teriam impressionado qualquer um que entendesse alguma coisa de arte. No centro da mesa de jantar havia um enorme vaso de prata cheio de orquídeas brancas, folhas de salgueiro e ramos de castanheira – um arranjo moderno da Takashimaya, a loja de produtos de luxo da Quinta Avenida. Cartões folheados a ouro marcando os lugares foram colocados em pratos de porcelana. Na cozinha, Myrtle, a cozinheira, cantava músicas de Bob Marley para o suflê, e a empregada irlandesa desleixada, Esther, ainda não tinha derramado uísque na roupa de ninguém, graças a Deus. Blair estava prestes a dar uma de desleixada. Se Cyrus Rose não parasse de aporrinhar Nate, o namorado dela, ela ia ter de atravessar a sala e derramar

todo seu uísque nos sapatos italianos horrorosos dele.

– Você e Blair estão saindo há bastante tempo, não é? – disse Cyrus, cutucando Nate no braço. Ele estava tentando fazer com que o garoto relaxasse um pouco. Esses garotos do Upper East Side eram tensos demais.

Isso é o que ele pensa. Dê um tempo a eles.

– Você já dormiu com ela? – perguntou Cyrus.

Nate ficou mais vermelho do que a tapeçaria de carruagem francesa do século XVIII ao lado dele.

– Bem, a gente se conhece praticamente desde que nasci – murmurou Nate. – Mas só estamos juntos há mais ou menos um ano. Não queremos estragar tudo, sabe como é, apressando tudo antes de estarmos prontos. – Nate só estava repetindo a frase que Blair sempre dizia quando ele perguntava se ela estava pronta pra transar. O caso é que ele estava falando com o namorado da mãe de sua namorada. O que ele devia dizer, "Cara, se dependesse de mim, a gente ia transar *agorinha mesmo*."?

– Tem razão. – Cyrus Rose apertou o ombro de Nate com a mão gorducha. No pulso ele tinha uma daquelas pulseiras Cartier de ouro que você atarraxava e nunca mais tirava, muito popular na década de 1980 e não tão popular agora, a não ser que você realmente entre naquela onda de revival dos anos 80. *Se ligaaaa!* – Deixa eu te dar um conselho – disse Cyrus, como se Nate tivesse escolha. – Não ouça uma palavra do que essa garota diz. As meninas gostam de surpresas. Elas querem que você mantenha as coisas interessantes. Está me entendendo?

Nate assentiu, carrancudo. Ele tentou se lembrar da última vez em que tinha surpreendido Blair. A única coisa que lhe veio à mente foi a vez que ele comprou pra ela um sorvete de casquinha quando a pegou na aula de tênis. Isso já fazia um mês, e era uma surpresa insatisfatória por qualquer padrão. Nesse ritmo, ele e Blair não iam transar nunca.

Nate era um daqueles garotos que a gente olha e percebe que eles estão pensando *Essa garota não pode tirar seus olhos de mim porque eu sou demais*. Mas ele não era convencido. Não podia deixar de ser gostoso, só nasceu desse jeito. Coitadinho.

Naquela noite Nate estava usando o suéter de cashmere verde-musgo com gola em V que Blair tinha dado a ele na última Páscoa, quando o pai dele os levou para esquiar em Sun Valley por uma semana. Em segredo, Blair costurou um coraçõzinho de ouro no lado de dentro de uma das mangas do suéter, para que Nate sempre usasse o coração dela em sua manga. Blair gostava de se achar uma romântica incurável no estilo das atrizes do cinema antigo, como Audrey Hepburn e Marilyn Monroe. Ela sempre se saía com algum truque de filme que estrelava no momento, o filme que representava a vida dela.

– Eu te amo – disse Blair a Nate quando deu o suéter a ele.

– Eu também – respondeu Nate, embora não tivesse muita certeza disso.

Quando ele vestiu o suéter, caiu tão bem que Blair queria gritar e arrancar toda a roupa. Mas não parecia atraente gritar no calor do momento – mais *femme fatale* do que *garota-que-pega-garoto* –, então Blair ficou em silêncio, tentando parecer frágil como um filhote de passarinho nos braços de Nate. Eles se beijaram

longamente, suas bochechas ao mesmo tempo quentes e frias na rampa de esqui o dia todo. Nate enroscou os dedos nos cabelos de Blair e a deitou na cama do hotel. Blair colocou os braços por cima da cabeça e deixou que Nate começasse a despi-la, e isso não era um filme, era *real*. Depois, como uma boa menina, ela se sentou e fez com que Nate parasse.

Até hoje ela o fazia parar bem na hora. Só duas noites atrás, Nate apareceu depois de uma festa com uma garrafa de conhaque pela metade no bolso, deitou na cama de Blair e murmurou, "Eu quero você, Blair". Novamente, Blair quis gritar e pular em cima dele, mas resistiu. Nate dormiu, roncou baixinho, e Blair se deitou ao lado dele e imaginou que ela e Nate estrelavam um filme em que eram casados e ele tinha problemas com a bebida, mas ela ficaria com ele e o amaria para sempre, mesmo que de vez em quando se molhasse na cama. Blair não estava tentando ser implicante, só não estava *pronta*. Ela e Nate mal se viram no verão porque ela teve de ir para um acampamento horrível da escola de tênis na Carolina do Norte e Nate foi velejar com o pai na costa do Maine. Blair queria ter certeza de que depois de passar todo o verão separados eles ainda se amavam como sempre se amaram. Ela queria esperar para fazer sexo depois de seu aniversário de 17 anos, no mês que vem.

Mas agora ela estava cansada de esperar.

Nate estava melhor do que nunca. O suéter verde-musgo deixava os olhos dele de um verde-escuro brilhante, e os cabelos castanhos ondulados estavam riscados de fios dourados do verão no mar. E de repente Blair entendeu que estava pronta. Tomou outro gole do uísque. *Ah, sim*. Definitivamente, ela estava pronta.

uma hora de sexo queima 360 calorias

– Do que vocês dois estão falando? – perguntou a mãe de Blair, esgueirando-se ao lado de Nate e apertando a mão de Cyrus.

– De Sexo. – Cyrus deu-lhe um beijo molhado na orelha

Eca.

– Oh! – guinchou Eleanor Woldorf, ajeitando uma mecha loura que tinha escapado.

A mãe de Blair usava o tubinho de cashmere grafite que Blair tinha ajudado a comprar na Armani e mules de veludo pretas. Um ano antes ela não caberia no vestido, mas tinha perdido dez quilos desde que conheceu Cyrus. Estava ótima. Todo mundo achava isso.

– Ela parece mais magra. – Blair ouviu a sra. Bass cochichar com a sra. Coates.

– Mas aposto que tem uma marca no queixo.

– Você deve ter razão. Ela deixou o cabelo crescer... isso é um sinal patente.

Odeio as cicatrizes – cochichou a Sra. Coates em resposta.

A sala zunia de fragmentos de fofoca sobre a mãe de Blair e Cyrus Rose. Do que Blair pôde ouvir, os amigos da mãe achavam exatamente a mesma coisa que ela, embora não usassem palavras como irritante, gordo ou mané.

– Senti cheiro de Old Spice – cochichou a Sra. Coates com a Sra. Archibald. –

Você acha que ele está mesmo *usando* Old Spice?

Isso seria o equivalente masculino de usar desodorante corporal Impulse, que todo mundo sabe que é o equivalente feminino de asqueroso.

– Não tenho certeza – respondeu a Sra. Archibald aos cochichos. – Mas é bem possível. – Ela arrebatou um rolinho primavera de bacalhau e alcaparras da bandeja de Esther, colocou-o na boca e mastigou vigorosamente, recusando-se a dizer mais alguma coisa. Não suportaria que Eleanor Waldorf as ouvisse por acaso. As fofocas e o palavório eram divertidos, mas não à custa dos sentimentos de uma velha amiga.

Que besteira!, teria dito Blair se pudesse ouvir os pensamentos da Sra.

Archibald. *Hipócrita!* Todas essas pessoas eram fofoqueiras terríveis. E já que vai fofocar, por que não aproveitar um pouco?

Do outro lado da sala, Cyrus agarrou Eleanor e a beijou na boca na frente de todos.

Blair se encolheu à visão revoltante de sua mãe e Cyrus agindo como adolescentes chatinhos com paixõite aguda e se virou para olhar a Quinta Avenida e o Central Park da janela da cobertura. A folhagem de outono estava em fogo. Um ciclista solitário pedalava pela entrada do parque na rua 72 e parou num carrinho de cachorro-quente na esquina para comprar uma garrafa de água. Blair nunca tinha percebido o carrinho de cachorro-quente antes, e se perguntou se sempre ficava parado ali ou se era novo. Engraçado o quanto a gente pode deixar de ver nas coisas que vê todo dia.

De repente, Blair ficou faminta, e ela sabia que só queria uma coisa: um cachorro-quente. Ela queria um *agora* – um cachorro-quente fumegante, com mostarda, ketchup, cebola e chucrute – e ela ia comer esse cachorro-quente em três dentadas e depois arrotar na cara da mãe. Se Cyrus podia enfiar a língua pela garganta da mãe diante de todos os amigos de Blair, então ela podia comer uma droga de cachorro-quente.

– Eu já volto – disse Blair a Kati e Isabel.

Ela girou o corpo e começou a atravessar a sala, em direção ao hall da frente. Ia colocar o casaco, sair, pegar um cachorro-quente no carrinho, comer em três dentadas, voltar, arrotar na cara da mãe, tomar outro drinque e depois transar com Nate.

– Aonde você vai? – gritou Kati por trás dela. Mas Blair não parou; seguiu direto para a porta.

Nate viu Blair saindo e conseguiu se livrar de Cyrus e da mãe de Blair a tempo.

– Blair? – disse ele. – Que foi?

Blair parou e olhou nos olhos verdes e sensuais de Nate. Eram como as esmeraldas das abotoaduras que seu pai usava com o smoking quando ia à ópera.

Ele está usando seu coração na manga, lembrou para si mesmo, esquecendo completamente o cachorro-quente. No filme de sua vida, Nate a pegava, carregava para o quarto e a violava.

Mas infelizmente esta era a vida real.

– Tenho de falar com você. – Blair ergueu o copo. – Enche pra mim primeiro?

Nate pegou o copo e Blair o levou para o bar com tampo de mármore pelas portas duplas que se abriam para a sala de jantar. Nate encheu um copo de

uísque para cada um e depois seguiu Blair pela sala de estar mais uma vez.

– Ei, estão indo para onde, hein? – perguntou Chuck Bass quando eles passaram. Ele ergueu as sobrancelhas, olhando sugestivamente de banda. Blair revirou os olhos para Chuck e continuou, bebendo quanto andava. Nate a seguia, ignorando Chuck completamente.

Chuck Bass, filho mais velho de Misty e Bartholomew Bass, era bonito, de uma beleza de comercial de barba. Na verdade, ele tinha feito uma propaganda do drakkar noir britânico, para consternação pública e orgulho secreto dos pais. Chuck também era o garoto mais galinha do grupo de amigos de Blair e Nate. Uma vez, em uma festa da sétima série, Chuck tinha se escondido no armário do quarto de hóspedes por duas horas, esperando se enfiar na cama com kati Farkas, que estava tão bêbada que vomitou dormindo. Chuck não deu a mínima. Simplesmente foi para a cama com ela. Era totalmente inabalável quando se tratava de garotas.

A única forma de lidar com um garoto como Chuck era rir na cara dele, e é exatamente isso que faziam todas as garotas que o conheciam. Em outros círculos, Chuck podia ter sido banido como lixo da pior espécie, mas estas famílias eram amigas há gerações. Chuck era um Bass, e portanto estavam presos a ele. Eles se acostumaram com seu anel cor-de-rosa com monograma em ouro, o cachecol de cashmere com monograma azul-marinho e as cópias da foto de sua cara que se alastravam pelos muitos apartamentos e casas de seus pais e cuspiam para fora de seu armário na Riverside Preparatory School for Boys.

– Não se esqueçam da camisinha – gritou Chuck, erguendo o copo para Blair e Nate quando eles se viraram para o longo corredor atapetado em vermelho em direção ao quarto de Blair.

Blair pegou a maçaneta de vidro da porta e girou, surpreendendo Kitty Minky, sua gata Russian Blue, que estava enroscada na colcha de seda vermelha da cama. Blair parou na soleira da porta e se inclinou para Nate, apertando seu corpo junto ao dele.

Ela estendeu o braço para pegar a mão de Nate.

Naquele momento, as esperanças dele se reanimaram. Blair estava agindo de um jeito sexy e apaixonado e será... *que alguma coisa estava prestes a acontecer?*

Blair apertou a mão de Nate e o puxou para dentro do quarto. Tropeçaram um no outro, caindo na cama, e entornaram a bebida no tapete de pêlo de cabra. Blair riu; o uísque que ela derrubou tinha ido direto para a sua cabeça.

Estou quase transando com o Nate, pensou Blair. E depois os dois iam se formar em junho e iriam para Yale no outono, e teriam uma cerimônia de casamento enorme quatro anos depois e encontrariam um belo apartamento na Park Avenue e o decorariam todo com veludo, seda e peles e transariam um dia em cada cômodo.

De repente a voz da mãe de Blair soou, alta e clara, pelo corredor.

– Serena van der Woodsen! Que surpresa agradável!

Nate largou a mão de Blair e se pôs de pé como um soldado que levou uma bronca. Blair se sentou dura na ponta da cama, colocou o copo no chão e

agarrou a colcha com força, os nós dos dedos esbranquiçados.
Ela olhou para Nate.

Mas Nate já estava se virando para sair, andando a passos largos pelo corredor para ver se aquilo podia ser verdade. Será que Serena van der Woodsen tinha *realmente* voltado?

O filme da vida de Blair dera uma guinada súbita e trágica. Blair apertou a barriga, faminta novamente.

No fim das contas, ela devia ter ido comer o cachorro-quente.

s voltou!

– Oi, oi, oi – cacarejou a mãe de Blair, beijando as bochechas macias e encovadas de cada van der Woodsen.

Beijo, beijo, beijo, beijo, *beijo!*

– Eu sabia que você não estava esperando Serena, querida – sussurrou a sra. van der Woodsen num tom confidencial e preocupado. – Espero que esteja tudo bem.

– É claro que sim. Sim, tudo ótimo – disse a sra. Waldorf. – Veio passar o fim de semana em casa, Serena?

Serena van der Woodsen sacudiu a cabeça e entregou seu casaco fashion Burberry para Esther, a empregada. Empurrou uma mecha loura para trás da orelha e sorriu para a anfitriã.

Quando Serena sorria, ela usava os olhos – aqueles olhos escuros, quase azul-marinho. Era o tipo de sorriso que você podia tentar imitar, postando-se diante do espelho do banheiro feito uma idiota. O sorriso magnético e delicioso “dá pra parar de olhar pra mim, por favor” que as supermodelos passavam anos aperfeiçoando. Bem, Serena sorria desse jeito sem precisar se esforçar.

– Não, eu estou aqui para... – começou Serena.

A mãe de Serena a interrompeu rapidamente.

– Serena chegou à conclusão de que o internato não serve para ela – anunciou, ajeitando o cabelo casualmente, como se não fosse uma grande coisa. Ela era a versão meia-idade do cool total.

Toda a família van der Woodsen era assim. Todos eram altos, louros, magros e superequilibrados, e nunca faziam nada – jogar tênis, chamar um táxi, comer espaguete, ir ao banheiro – sem perder a classe. Especialmente Serena. Ela era dotada do tipo de classe que você não tem como adquirir comprando a bolsa certa nem os jeans certos. Ela era a a garota que todo cara queria ter e toda garota queria ser.

– Serena vai voltar para Constance amanhã – disse o sr. van der Woodsen, olhando a filha com os olhos azuis de aço e uma mistura meio coruja de orgulho e desaprovação que o deixavam mais assustador do que realmente era.

– Bem, Serena. Você está adorável, querida. Blair ficará emocionada ao ver você – treinou a mãe de Blair.

- Olha quem fala. – Serena abraçou-a. – Olha só como você está! E a casa está tão fantástica. Uau. Você tem obras de arte maravilhosas!

A Sra. Waldorf sorriu, obviamente lisonjeada, e passou o braço pela cintura

longa e delgada de Serena.

- Querida, gostaria que você conhecesse meu amigo especial, Cyrus Rose – disse ela. – Cyrus, esta é Serena.

- Fabulosa – retumbou Cyrus. Ele beijou Serena no rosto e a abraçou um pouco apertado demais. – E ela abraça bem também – acrescentou Cyrus, dando tapinha nos quadris de Serena.

Serena deu uma risadinha, mas não recuou. Tinha passado muito tempo na Europa nos últimos dois anos, e estava acostumada a ser abraçada por apalpadores europeus inofensivos e meio galinhas que a achavam completamente irresistível. Ela era um ímã total para apalpadores.

- Serena e Blair são muito amigas, muito, *muito* amigas – explicou Eleanor Waldorf a Cyrus. – Mas Serena foi para Hanover Academy no início do segundo grau e passou o verão viajando. Foi tão difícil para a pobre Blair você ter ido embora naquele ano, Serena – disse Eleanor, o olhar mais vago ainda. – Especialmente por causa do divórcio. Mas agora você voltou. Blair ficará tão *satisfeita*.

- Onde ela está? – perguntou Serena ansiosa, sua pele clara e perfeita adquirindo um tom de rosa com a perspectiva de rever a velha amiga. Ela se ergueu na ponta dos pés e esticou o pescoço para procurar por Blair, mas logo se viu cercada pelos pais – os Archibald, os Coates, os Bass e o sr. Farkas – cada um deles beijando-a e dando-lhe boas vindas.

Serena abraçou-os rapidamente. Aquelas pessoas eram o lar para ela, que ficara fora por muito tempo. Mal podia esperar para sua vida voltar ao que era. Ela e Blair iriam a escola juntas, passariam na Double Photography do Sheep Meadow no Central Park, deitariam de costas, tirariam retratos dos pombos-correios e das nuvens, fumariam e beberiam Coca-Cola e se sentiriam artistas da resistência. Tomariam coquetéis no Star Lounge no Tribeca Star Hotel novamente, que sempre se transformavam em festinhas prolongadas, porque elas ficavam bêbadas demais para ir para casa, então passavam a noite no quarto que a família de Chuck Bass tinha ali. Elas se sentariam na cama de baldaquino de Blair e veriam filmes de Audrey Hupburn, usando lingerie finas e bebendo gim e suco de lima. Conversariam sobre as provas de latim como sempre fizeram – *amo, amas, amat* ainda estavam tatuadas na face interna do cotovelo de Serena com marcador permanente (obrigada, meu Deus, pelas mangas três-quartos!). Elas iriam de carro a propriedade dos pais de Serena em Ridgefield, Connecticut, na velha station wagon Buick do zelador, cantando os hinos idiotas que repetiam na escola e agindo com damas loucas. Fariam xixi na escada de arenito da entrada da casa de seus colegas e depois tocariam a campainha e fugiriam correndo. Levariam o irmãozinho de Blair, Tyler, ao Lower East Side e o deixariam ali para ver quanto tempo ele levaria para achar o caminho de casa – na verdade, uma obra de caridade, porque Tyler agora era o garoto da St. George's que mais conhecia as ruas. Sairiam para dançar com um grupo enorme e perderiam uns cinco quilos suando nas calças de couro. Como se precisassem perder peso.

Elas voltariam a ter a velha e fabulosa identidade normal, como sempre foi.

Serena mal podia esperar.

- Peguei uma bebida para você – disse Chuck Bass, abrindo caminho pelo grupo de pais a cotoveladas e estendendo um copo de uísque para Serena. – Bem-vinda de volta – acrescentou ele, inclinando-se para beijar-lhe o rosto e errando de propósito para que seus lábios pousassem na boca de Serena.

- Você não mudou nada. – Serena aceitou a bebida. Ela tomou um longo gole. – E ai, sentiu minha falta?

- Sua falta? E pergunta é *você* sentiu a *minha* falta? Qual é, gata, fala ai. O que está fazendo de volta? O que aconteceu? Você tem namorado.

- Ih, sem essa, Chuck – disse Serena, apertando a mão dele. – Você sabe que eu voltei porque queria você desesperadamente. Eu sempre quis você.

Chuck deu um passo para trás de pigarreou, o rosto em brasa. Ela o pegou de guarda baixa, uma proeza rara.

- Bem, estou com a agenda lotada este mês, mas posso colocá-la na lista de espera – retrucou Chuck meio amuado, tentando recuperar a compostura. Mas Serena não o estava ouvindo mais. Seus olhos azul-escuros varriam a sala, procurando pelas duas pessoas que ela mais queria ver, Blair e Nate.

Finalmente Serena os encontrou. Nate estava na soleira da porta do corredor e Blair parada bem atrás dele, a cabeça inclinada, remexendo os botões do seu cardigã preto. Nate olhava diretamente pra Serena; quando seus olhares se encontraram, Nate mordeu o lábio inferior do jeito que sempre fazia quando ficava envergonhado. E depois sorriu.

Aquele sorriso. Aqueles olhos. Aquele rosto.

- Vem cá – gritou Serena acenando. Seu coração se acelerou quando Nate começou a andar na direção dela. Ele estava melhor do que ela se lembrava, *muito* melhor.

O coração de Nate batia mais rápido do que o dela.

- Ei e ai – murmurou Serena quando Nate a abraçou. O cheiro dele era como sempre foi. O cheiro do mais limpo, o mais delicioso garoto da face da Terra. Lágrimas vieram aos olhos de Serena e ela apertou o rosto contra o peito de Nate. Agora ela realmente estava em casa.

As bochechas de Nate ficaram cor-de-rosa. *Calma* , disse a si mesmo. Mas não conseguia se acalmar. Queria pegá-la, girar com ela, beijar seu rosto repetidamente. *“Eu te amo!”* , ele queria gritar, mas não o fez. Não podia. Nate era filho único de um capitão da marinha e de uma anfitriã da sociedade francesa. Seu pai era um velejador máster e era extremamente bonito, mas meio fraquinho no quesito abraços. A mãe era o posto completo, sempre adulando Nate, com uma tendência a ter crises emocionais durante as quais se trancava na cabine com uma garrafa de champanha e ligava para a irmã em Mônaco. O pobre do Nate estava sempre prestes a dizer como realmente se sentia, mas não queria fazer uma cena ou dizer alguma coisa de que pudesse se arrepender depois. Em vez disso, ele ficava em silêncio e deixava que outros tocassem o barco, enquanto se deitava e desfrutava o balançar estável das ondas.

Ele podia parecer meio galinha, mas na verdade era um banana.

- E ai, o que andou fazendo? – perguntou Nate, tentando respirar normalmente.

– A gente sentiu saudades de você.

Notou que ele não teve coragem de dizer *“Eu senti saudades de você?”*

- O que eu andei fazendo? – repetiu Serena. Ela deu uma risadinha. – Nem imagina Nate. Eu fui tão, tão *mã*”

Nate cerrou os punhos involuntariamente. Ah, cara, como ele sentiu a falta dela. Ignorado como sempre, Chuck se esquivou de Serena e Nate e cruzou a sala na direção de Blair, que mais uma vez estava de pé com Kati e Isabel.

- Aposto mil pratas como ela foi expulsa - comentou Chuck. – Ela não parece ferrada? Acho que ela se ferrou *totalmente*. Vai ver tem alguma coisa de prostituição rolando por ai. A Alegre Madame de Hanover Academy – acrescentou ele, rindo de sua piada imbecil.

- Também acho que ela está meio chapada – disse Kati. – Talvez seja heroína.

- Ou algum remédio – sugeriu Isabel. – Tipo Valium ou Prozac. Vai ver ela ficou totalmente biruta.

- Ela pode fazer seu próprio ecstasy – concordou Kati. – Ela sempre foi boa em ciências.

- Ouvi dizer que ela aderiu a uma espécie de seita – sugeriu Chuck. – Tipo assim, ela levou uma lavagem cerebral e agora só consegue pensar em sexo, e ela gosta, faz isso o tempo todo.

Quando é que esse jantar vai ficar pronto?, perguntou-se Blair, desligando-se das especulações ridículas dos amigos.

Blair tinha se esquecido de como o cabelo de Serena era bonito. Como a pele dela era perfeita. Como suas pernas eram longas e finas. Como os olhos de Nate ficavam quando olhavam para ela – como se não quisesse piscar nunca. Ele nunca olhou para Blair daquele jeito.

- Ei, Blair, Serena deve ter contado a você que ela estava voltando – disse Chuck. – Diz ai, vai. Qual é a parada?

Blair o olhou confusa, sua carinha de raposa ficando rubra. A verdade era que ela não falava com Serena havia mais de um ano.

No começo quando Serena tinha ido para o internato depois do primeiro ano, Blair realmente sentiu falta dela.

Mas logo ficou evidente que era mais fácil brilhar sem Serena por perto. De repente Blair era a mais bonita, a mais inteligente, a mais bacana, a mais espetacular da sala. Ela se tornou a garota que atraía os olhares de todos.

Então Blair parou de sentir muita falta de Serena. Ela se sentia meio culpada por não manter contato, mas até isso passou quando ela recebeu e-mails rápidos e impessoais de Serena, descrevendo como estava se divertindo no internato.

" Fui de carona a Vermont para fazer snowboarding e passei a noite dançando com uns caras demais!"

" Uma noite doidaça a de ontem. Droga, minha cabeça está estourando!"

As últimas notícias que Blair recebeu vieram num postal no verão passado:

"Blair: Dezessete anos no Dia da Bastilha. A França tá fervendo!!! Saudades!!! Beijos, Serena" era tudo o que dizia.

Blair tinha enfiado o postal na velha caixa de sapatos Frandi com todas as outras lembranças de sua amizade. Uma amizade que ela teria acalentado para sempre, mas que agora achava que tinha acabado.

Serena estava de volta. A tampa estava fora da caixa de sapatos, e tudo voltaria a ser como era antes de ela partir. Como sempre, seria Serena e Blair, Blair e

Serena, com Blair fazendo o papel da melhor amiga mais baixa, mais gorda e menos espirituosa da über-gata loura Serena van der Woodsen.

Ou não. Não se Blair pudesse evitar.

- Você deve estar tão empolgada com a Serena aqui – piou Isabel. Mas, quando vira a cara de Blair, mudou de tom.

- É claro que a Constance vai aceitá-la de volta. É tão típico. Eles estão desesperados demais para perder qualquer uma de nós. – Isabel baixou o tom de voz. – Ouvi dizer que na primavera passada Serena ficou com um universitário em New Hampshire. Ela fez um aborto – acrescentou ela.

- Aposto que não foi o primeiro – disse Chuck – Olha só pra ela.

E eles olharam. Os quatro olharam pra Serena, que ainda estava conversando com Nate. Chuck viu a garota com quem ele queria dormir desde que se lembrava de querer dormir com garotas - na primeira série, talvez? Kati viu a garota que ela imitava desde que começou a comprar as próprias roupas - na terceira série? Isabel viu a garota que conseguiu representar um anjo com asas de penas de verdade no presépio de Natal da igreja Heavenly Rest, enquanto Isabel era um pastor humilde e teve de usar um saco de aniagem. De novo na terceira série. Mas Kati e Isabel viram a garota que inevitavelmente roubaria Blair delas e as deixaria sozinhas uma com a outra, o que era deprimente demais até de se pensar. E Blair via Serena, sua melhor amiga, a garota que sempre amou e odiou. A garota com quem nunca conseguiu se equiparar e a quem tentou tanto substituir. A garota que ela queria que todos esquecessem. Por uns dez segundos Blair pensou em contar a verdade aos amigos: ela não sabia que Serena estava voltando. Mas como ficaria? Achavam que Blair era antenada, e como é que ia parecer antenada se admitisse que não sabia de nada sobre a volta de Serena, enquanto os amigos pareciam saber tanto? Blair não podia ficar parada ali, sem dizer nada. Além disso, quem é que vai querer ouvir a verdade quando a verdade era tão incrivelmente chata? Blair vivia para o drama. Esta era sua chance.

Blair limpou a garganta.

- Tudo aconteceu muito rápido... de repente - começou ela num tom enigmático. Ela olhou para baixo e remexeu no pequeno anel de rubi no dedo médio da mão direita. O filme estava rodando e Blair estava esquentando.

- Acho que Serena se atrapalhou toda. Mas prometi a ela que não contaria nada a ninguém - acrescentou ela.

Seus amigos assentiram como se entendessem totalmente. Parecia sério e picante e, o melhor de tudo, parecia que Serena havia confidenciado tudo a Blair. se Blair pudesse escrever o roteiro do resto do filme, ela certamente terminaria com o garoto. E Serena podia fazer o papel da garota que cai do penhasco, arrebenta o crânio em uma pedra, é devorada viva por abutres famintos e nunca mais é vista novamente.

- Abre o olho, Blair - alertou Chuck, apontando com a cabeça para Serena e Nate, que ainda estavam conversando em voz baixa perto do bar, sem desviar os olhos um do outro.

- Parece que Serena já achou a próxima vítima.

s e n

Serena segurava frouxamente as mãos de Nate, balançando-as de um lado para o outro.

- Lembra do Dentuço Nu? - perguntou ela, rindo com delicadeza.

Nate deu um risinho, ainda constrangido, mesmo depois de todos aqueles anos. O dentuço Nu era o alter ego de Nate, inventado em uma festa na sexta série, quando a maioria deles se embebedou pela primeira vez. Depois de beber seis cervejas, Nate tirou a camisa, e Serena e Blair desenharam uma cara bobalhona e dentuça em seu peito com marcador preto. Por algum motivo a cara despertou o demônio em Nate e ele começou a fazer o jogo da bebida. Todos se sentaram em círculo e Nate ficou de pé no meio, segurando um livro de latim e gritando verbos para que os outros conjugassem. A primeira pessoa a errar tinha de beber e beijar o Dentuço Nu. É claro que todos erraram, meninos e meninas, então o Dentuço teve muito agito naquela noite. Na manhã seguinte, Nate tentou fingir que nada tinha acontecido, mas a prova estava pintada em sua pele. Levou semanas para o Dentuço sair no banho.

- E o mar Vermelho? - disse Serena. Ela analisou a expressão de Nate. Agora nenhum dos dois estava sorrindo.

- O mar Vermelho - repetiu Nate, mergulhado no lago azul dos olhos dela. É claro que ele se lembrava. Como poderia esquecer?

Em um fim de semana quente de agosto, no verão antes da oitava série, Nate tinha ido à cidade enquanto o resto da família Archibald ainda estava no Maine. Serena acordou em sua casa de campo em Ridgefield, Connecticut, tão entediada que pintou uma unha de cada cor, dos pés e das mãos. Blair estava no castelo Waldorf em Gleneagles, na Escócia para o casamento da tia. Quando Nate telefonou, Serena pulou direto num trem em New Haven para Grand Central Station.

Nate encontrou Serena na plataforma. Ela desceu do trem usando um tomara-que-caia de seda azul-clara e sandálias de tira de borracha cor-de-rosa. Os cabelos louros pendiam soltos, mal tocando os ombros nus. Ela não levava bolsa, nem mesmo uma carteira ou chaves. Para Nate, parecia um anjo. Que sorte ele tinha. A vida nunca foi melhor que no momento em que Serena desceu na plataforma de sandálias, atirou os braços em torno do pescoço dele e o beijou na face. Que beijo maravilhoso e surpreendente.

Primeiro eles tomaram uns martinis no barzinho perto da entrada do Central Park, na Vanderbilt Avenue. Depois pagaram um táxi para a Park Avenue, até a casa na cidade de Nate, na rua 82.

O pai dele estava recebendo alguns banqueiros estrangeiros e ia chegar em casa muito tarde, então Serena e Nate tinham a casa só para eles. O estranho é que era a primeira vez que ficavam juntos sozinhos e eles *perceberam* isso. Não levou muito tempo.

Sentaram-se no jardim, bebendo cerveja e fumando cigarros. Nate usava uma camisa pólo de mangas compridas, e fazia muito calor, então ele a tirou. Seus ombros eram cheios de sardas pequenininhas e as costas musculosas e bronzeadas de horas nas docas, construindo um veleiro com o pai no Maine.

Serena também estava com calor, então subiu na fonte. Sentou-se no joelho da Vênus de Milo de mármore, borrifando água em si mesma até que o vestido ficasse completamente ensopado.

Não era difícil ver quem era a verdadeira deusa. Comparada a Serena, Vênus parecia um monte de mármore encaroçado. Nate cambaleou até a fonte e se juntou a ela, e logo os dois estavam arrancando o resto das roupas um do outro. Afinal, era verão. A única forma de suportar a cidade no verão é ficando completamente nu.

Nate ficou preocupado com as câmeras de segurança ligadas na casa o tempo todo, na frente e nos fundos, então levou Serena para o quarto dos pais no andar de cima.

O resto é história.

Os dois transaram pela primeira vez. Foi desajeitado e doloroso, excitante e divertido, e tão doce que eles se esqueceram de ficar constrangidos. Foi exatamente como você quer que seja sua primeira vez, e eles não se arrependeram.

Em seguida, ligaram a tv, sintonizada no History Channel, em um documentário sobre o Mar Vermelho. Serena e Nate deitaram-se na cama abraçados e ficaram olhando as nuvens pela clarabóia acima deles, enquanto ouviam o narrador do programa falar de Moisés dividindo o Mar Vermelho.

Serena achou aquilo hilário.

- Você dividiu meu Mar Vermelho! – lamentou ela, esmagando Nate com os travesseiros.

Nate riu e se enrolou no lençol feito uma múmia.

- E agora vou deixar você como sacrifício para a Terra Santa! – disse ele com uma voz gutural de filme de terror.

E ele a deixou por algum tempo. Levantou-se e pediu um festival de comida chinesa e um vinho branco vagabundo, e eles ficaram deitados na cama, comeram e beberam e ele dividiu o Mar Vermelho de Serena novamente antes que o céu escurecesse e as estrelas brilhassem na clarabóia.

Uma semana depois, Serena foi para o internato na Hanover Academy, enquanto Nate e Blair ficaram em Nova York. A partir daí, Serena passou todos os feriados e as férias fora – nos Alpes austríacos do Natal, na República Dominicana na Páscoa, viajando pela Europa no verão. Esta era a primeira vez que ela voltava, a primeira vez que eles se viam desde a divisão do Mar Vermelho.

- Blair não sabe, né? – perguntou Serena a Nate em voz baixa.

Quem é Blair?, pensou Nate, com um ataque momentâneo de amnésia. Ele sacudiu a cabeça.

- Não. Se você não contou a ela, então ela não sabe.

Mas Chuck sabia, o que era quase pior. Nate tinha deixado escapar a informação em uma festa duas noites antes num acesso de porre totalmente idiota.

Eles tinham tomado todas e Chuck perguntou: “E ai, Nate? Qual a sua melhor foda? Se é que você já comeu alguém.” “Bem, foi com a Serena van der Woodsen”, gabou-se Nate, como um imbecil.

E Chuck não ia guardar segredo por muito tempo. Era picante demais e útil demais. Chuck não precisava ler aquele livro, *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. Ele estava cagando para quem o escreveu. Apesar de ser meio fraquinho no quesito amigos.

Serena pareceu não perceber o silêncio constrangido de Nate. Ela suspirou, inclinando a cabeça para descansar no ombro dele. Serena não tinha mais o cheiro de *Cristalle* de Chanel, que costumava ter. Cheirava a mel, sândalo e lírio – sua própria mistura de óleos essenciais. Era muito Serena, completamente irresistível, mas se outra pessoa tentasse usar, provavelmente federia a cocô de cachorro.

- Que merda. Morri de saudades, Nate – disse ela. – Queria que você visse as coisas que eu fiz. Eu fui tão má.

- Como assim? O que você fez de tão ruim? – perguntou, Nate com um misto de medo e expectativa. Por um curto segundo ele a imaginou dando orgias em seu alojamento na Hanover Academy e tendo casos com homens mais velhos em quartos de hotéis em Paris. Ele queria ter podido visitá-la na Europa neste verão. Ele sempre quis transar num hotel.

- E eu também fui uma amiga horrível – prosseguiu Serena. – Mal falei com a Blair desde que eu fui embora. E aconteceu tanta coisa. Sei que ela está puta comigo, pois nem me cumprimentou.

- Ela não está puta. Talvez seja só timidez.

Serena olhou rapidamente para ele.

- Ah, tá – zombou ela. – Blair tímida. Desde quando Blair é tímida?

- Bom, ela não está puta – insistiu Nate.

Serena deu os ombros.

- Bem, de qualquer jeito, é irado estar aqui com vocês de novo. Vamos fazer tudo o que a gente costumava fazer. A Blair e eu vamos matar aula e encontrar você na escada do Met, depois vamos naquele cinema antigo no Plaza Hotel pra ver algum filme esquisito até começar happy hour. E você e Blair vão ficar juntos para sempre e eu serei a dama de honra do casamento de vocês. E vamos ser felizes para sempre, como nos filmes.

Nate franziu o cenho.

- Não faça essa cara, Nate. Não é assim tão ruim né?

Nate deu os ombros.

- Não, parece legal – disse ele, embora claramente não acreditasse nisso.

- O que parece legal? – perguntou uma voz ríspida.

Assustados, Nate e Serena desviaram os olhos um do outro. Era Chuck, e com ele estavam Kati, Isabel e, por último mas não menos importante, Blair, parecendo mesmo muito tímida.

Chuck deu um tapa nas costas de Nate.

- Desculpe, Nate. Mas você não pode roubar a van der Woodsen a noite toda, sabe como é.

Serena olhou para Blair. Ou, pelo menos, tentou olhar. Blair estava muito concentrada puxando as meias pretas, centímetro por centímetro, dos tornozelos ossudos aos joelhos ossudos, e mais para cima, em volta das coxas

musculosas de jogar tênis. Então Serena desistiu e beijou primeiro Kati, depois Isabel e por fim foi na direção de Blair.

Blair só podia passar uma quantidade limitada de tempo puxando as meias antes que ficasse ridículo. Quando Serena estava a centímetros de distância, ela olhou para cima e fingiu surpresa.

- Oi, Blair – disse Serena, animada. Ela colocou as mãos nos ombros da garota mais baixa e se inclinou para beijá-la no rosto. – Desculpe por não ter ligado para você antes de voltar. Eu quis. Mas as coisas foram tão *doidas*. Tenho tanta coisa para contar a você!

Chuck, Kati e Isabel assentiram um para o outro e encararam Blair. Era óbvio que ela mentira. Ela não sabia nada sobre a volta de Serena.

O rosto de Blair pegou fogo.

Acabada.

Nate percebeu a tensão, mas pensou que fosse por um motivo completamente diferente. Será que Chuck já contou a Blair? Será que *ele* é estava acabado?

Não sabia. Blair nem mesmo olhou para ele.

Foi um instante meio gelado. Não o tipo de momento que você espera ter com os amigos mais íntimos e mais antigos.

Os olhos de Serena dardejaram de um rosto a outro. É claro que tinha dito alguma coisa errada, e rapidamente tentou deduzir o que seria. *Eu sou uma imbecil*, resmungou Serena consigo mesma.

- Quer dizer, desculpe por não te ligar *ontem a noite*. Eu literalmente estava voltando de Ridgefield. Meus pais me esconderam lá até pensar no que fazer comigo. Fiquei *tão entediada*.

Boa saída.

Ela esperou que Blair sorrisse de gratidão por dar cobertura a ela, mas só o que Blair fez foi olhar Kati e Isabel de lado para ver se elas tinham percebido o deslize. Blair estava agindo de um jeito estranho, e Serena tentou controlar uma crise de pânico. Talvez Nate estivesse errado, talvez Blair estivesse realmente puta com ela. Serena deixou de acompanhar muita coisa. O divórcio, por exemplo. Tadinha da Blair.

- Deve ser muito ruim sem o seu pai aqui. - tentou Serena. - Mas sua mãe parece tão bem, e Cyrus é um doce, é só a gente acostumar com ele. - Ela deu uma risadinha.

Mas Blair ainda não estava sorrindo.

- Pode ser. Ela olhou a carrocinha de cachorro-quente pela janela. - Acho que ainda não me acostumei com ele.

Os seis ficaram em silêncio por um longo tempo, tensos.

O que eles precisavam era de outro bom drinque bem forte.

Nate sacudiu os cubos de gelo do copo.

- Quem vai querer outro? - ofereceu ele. - Vou pegar.

Serena estendeu o copo.

- Obrigada, Nate. Estou com uma sede danada. Eles trancaram a porcaria do armário de bebidas em Ridgefield. Dá pra acreditar nisso?

Blair sacudiu a cabeça.

- Não, obrigada.

- Se eu tomar outro, vou para a escola de ressaca amanhã. - desculpou-se Kati.
- Você sempre vai à escola de ressaca - disse Isabel e estendeu o copo para Nate. - Aqui, eu divido o meu com a Kati.

- Eu ajudo você - ofereceu-se Chuck. Mas, antes que pudesse ir muito longe, a sra. van der Woodsen se juntou a eles tocando o braço da filha.

- Serena - disse a sra. van der Woodsen. - Eleanor gostaria que nos sentássemos. Ela colocou outro prato para você perto de Blair; assim vocês podem colocar tudo em dia.

Serena olhou ansiosa para Blair, mas esta já havia se virado e se dirigia à mesa, sentando-se perto do seu irmão de 11 anos, Tyler, que estava em seu lugar há mais de uma hora, lendo a *Rolling Stone*. O ídolo de Tyler era o cineasta Cameron Crowe, que tinha feito uma turnê com o Led Zeppelin quando tinha 15 anos. Tyler se recusava a ouvir CDs, insistindo em que só os discos de vinil prestavam. Blair se preocupava com a possibilidade de o irmão se transformar num fracassado.

Serena se recompôs e puxou uma cadeira no espaço perto de Blair.

- Blair, me desculpe por ter sido uma imbecil total - disse ela, retirando se guardanapo de linho do anel de prata e colocando-o aberto no colo. - A separação de seus pais deve ter sido um horror.

Blair deu de ombros e pegou um pãozinho fresco de um cesto na mesa. Partiu-o em dois e enfiou metade na boca. Os outros convidados ainda entravam se dirigindo à mesa e procurando lugar para se sentar. Blair sabia que era uma grosseria comer antes que todos se sentassem, mas, se sua boca estivesse cheia, ela não poderia falar, e ela realmente não estava com vontade de conversar.

- Eu queria estar aqui - insistiu Serena, observando Blair besuntar a outra metade de pãozinho com uma grossa camada de manteiga francesa. - Mas tive um ano totalmente doido. Tenho as histórias mais malucas pra te contar.

Blair assentiu e mastigou lentamente o pãozinho, como uma vaca ruminando. Serena esperava que ela perguntasse que tipo de histórias, mas Blair não disse nada, só ficou mastigando. Blair não queria saber das coisas incríveis que Serena tinha feito enquanto estava fora e ela ficara presa em casa, vendo os pais brigando pelas cadeiras antigas nas quais ninguém se sentava, xícaras que ninguém usava e telas feias e caras.

Serena queria conta a Blair sobre Charles, o único rastafári da Hanover Academy, que lhe pediu que fugisse para se casar com ele na Jamaica. Sobre Nicholas, o universitário francês que nunca usava cueca e que perseguiu seu trem em um minúsculo Fiat em todo o caminho de Paris a Milão. Sobre fumar haxixe em Amsterdã e dormir em um parque com um grupo de prostitutas bêbadas porque tinha esquecido de onde estava hospedada. Ela queria contar a Blair o quanto foi chato descobrir que a Hanover Academy não a aceitaria de volta no ano seguinte só porque matou as primeiras semanas de aula. Queria contar a Blair como estava assustada de voltar para a Constance amanhã, porque não tinha estudado muito no ano anterior e se sentia completamente fora de ritmo.

Mas Blair não estava interessada. Pegou outro pãozinho e deu uma mordida.

- Vinho, senhorita? - ofereceu Esther, parado do lado esquerdo de Serena com a garrafa.

- Sim, obrigada. - Serena viu o Côtes de Rhône ser vertido na taça e pensou no mar Vermelho outra vez. *Talvez a Blair saiba*, pensou Serena. Será que é por isso que está tão estranha?

Serena olhou para Nate, quatro cadeiras à direita, mas ele estava envolvido numa conversa com o pai. Falando de barcos, sem dúvida.

- E aí, você e Nate ainda estão totalmente juntos? - Perguntou Serena arriscando-se. - Aposto que acabaram de casar.

Blair engoliu o vinho, seu anelzinho de rubi tilintando na taça. Alcançou a manteiga, passou uma grossa camada no pão.

- Oi? Blair? - disse Serena, cutucando o braço da amiga. - Você tá legal?

- Estou - balbuciou Blair. Era menos uma resposta à pergunta de Serena do que uma declaração vaga e genérica para preencher o vazio enquanto se inclinava para outro pãozinho. - Eu tô legal.

Esther trouxe o pato, o suflê de abobrinha, a acelga e o molho de lingonberry, e a mesa se encheu do som de pratos e talheres da prata se chocando e murmúrios de "delicioso". Blair fez uma pilha alta de comida no prato e atacou como se não comesse há semanas. Não se importava em parecer repugnante, desde que não tivesse de conversar com Serena.

- Caraca! - exclamou Serena, olhando Blair se empanturrando. - Você deve estar morrendo de fome.

Blair assentiu e enfiou uma garfada de acelga na boca. Um gole de vinho ajudou-a engolir.

- Estou faminta - disse ela.

- E então, Serena - interveio Cyrus Rose da cabeceira da mesa. - Fale-me da França. Sua mãe disse que você esteve no sul da França neste verão. É verdade que as francesas não usam a parte de cima do biquíni na praia?

- Sim, é verdade. - Serena ergueu uma sobrancelha de jeito sacana. - Mas não só as francesas. Eu nunca usei o sutiã do biquíni lá também. Como é que ia conseguir um bronzado decente?

Blair tinha abocanhado um enorme pedaço do suflê e o cuspiu no vinho. Ele flutuou na superfície no líquido carmesim como um bolinho encharcado até que Esther o levou e he trouxe uma taça limpa.

Ninguém percebeu. Serena tinha a atenção da mesa, e ela manteve o público cativo com histórias de suas viagens pela Europa até a sobremesa. Quando terminou a segunda porção de pato, Blair comeu uma tigela imensa cheia de pudim de tapioca com calda de chocolate, desligando-se da voz de Serena enquanto enfiava as colheradas na boca. Finalmente seu estômago se rebelou e ela se levantou de repente, arrastando a cadeira para trás e correndo pelo corredor até sua suíte, direto para o banheiro.

- Blair? - chamou Serena atrás dela e se levantou. - Com licença - disse Serena e correu para ver qual era o problema. Ela não precisava ir tão rápido; Blair não ia a lugar nenhum.

Quando Chuck viu Blair se levantar da mesa, e depois Serena, assentiu em reconhecimento e cutucou Isabel com o cotovelo.

- Blair vai soltar a porcaria toda - cochichou ele. - Que porra sinistra.

Nate se sentia cada vez mais inquieto ao ver as duas meninas saírem correndo da mesa. Ele tinha certeza de que a única coisa de que as meninas falavam no banheiro era sexo.

E na maioria das vezes ele estava certo.

Blair se ajoelhou diante da privada e colocou o dedo médio o mais fundo que pôde na garganta. Seus olhos começaram a lacrimejar e o estômago se sacudiu. Ela já fizera isso antes, muitas vezes. Era nojento e horrível, e ela sabia que não devia saber, mas pelo menos se sentia melhor quando acabava.

A porta de seu banheiro estava só meio fechada, e Serena pôde ouvir a amiga vomitando.

- Blair, sou eu – disse Serena baixinho. – Você está bem?

- Vou sair em um minuto – rebateu Blair, enxugando a boca. Ela se levantou e deu a descarga.

Serena empurrou a porta e Blair se virou para ela.

- Eu tô legal – disse Blair. - Sério.

Serena baixou a tampa da privada e se sentou.

- Ah, não seja tão chata, Blair. – Qual é o problema? Sou eu, lembra? A gente sabe tudo uma da outra.

Blair pegou a pasta e a escova de dentes.

- A gente *era* assim. – Blair começou a escovar os dentes furiosamente. Cuspiu um monte de espuma verde. – Quando foi a última vez que conversamos, aliás? Tipo assim, no verão retrasado?

Serena olhou para baixo, para as próprias botas de couro marrom desgastado.

- Eu sei. Desculpe. Eu estraguei tudo – disse ela.

Blair enxaguou a escova de dentes e a enfiou de volta no suporte. Encarou o reflexo no espelho do banheiro.

- Bem, você perdeu muita coisa – tornou Blair esfregando um pouco de creme para olheiras com a ponta do dedo mínimo. – Quer dizer, o ano passado foi realmente... diferente. – Ela quase disse “difícil”, mas “difícil” faria ela parecer vítima. Como se mal conseguisse sobreviver sem Serena por perto. “Diferente” era melhor.

Blair deu uma olhada em Serena, sentada na privada com um senso repentino de poder.

- Nate e eu ficamos muito íntimos, sabe. Conversamos sobre tudo.

É, tá legal.

As duas meninas se olharam desconfiadas por um minuto. Depois Serena deu os ombros.

- Não se preocupe com Nate e eu. Somos só amigos, você sabe disso. E depois, estou cansada dos garotos.

Os cantos da boca de Blair crispavam. Serena obviamente queria que ela perguntasse por quê, *por que* ela estava cansada dos garotos? Mas Blair não ia lhe dar essa satisfação. Puxou a suéter para baixo e olhou seu reflexo mais uma vez.

- A gente se vê – disse ela e saiu de repente do banheiro.

Merda, pensou Serena, mas ficou onde estava. Não valia a pena ir atrás de Blair

agora, enquanto ela estava tão obviamente naquele humor horroroso. As coisas iam melhorar amanhã na escola. Ela e Blair teriam uma de suas famosas conversas sinceras no refeitório, junto dos iogurtes de limão e de alface romana. Não é que tenham deixado de ser amigas.

Serena se levantou e examinou as sobrancelhas no espelho do banheiro, usando a pinça de Blair para arrancar uns fios extraviados. Pegou um brilho Urban Decay Gash na bolsa e passou outra camada nos lábios. Depois pegou a escova de Blair e começou a escovar os cabelos. Por fim, fez xixi e se reuniu à festa, esquecendo o batom na pia de Blair.

Quando Serena se sentou, Blair estava comendo a segunda porção de pudim e Nate desenhava para Cyrus um retrato em pequena escala de seu poderoso veleiro nas costas de uma caixinha de fósforo. Do outro lado da mesa, Chuck ergueu a taça de vinho para brindar com Serena. Ela não tinha idéia de por que brindava, mas estava pronta para tudo.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

S VISTA TRAFICANDO NA ESCADARIA DO MET

Bem, certamente este é um bom começo. Vocês me mandaram toneladas de e-mails, e tive muito tempo para ler todos. Muito obrigada. Não é legal ser cruel?

Seu E-mail

P: oi, gossip girl,
eu soube de uma garota em New Hampshire que a policia encontrou nua em um campo, com um monte de galinhas mortas. eca. eles acham que ela estava metida numa merda vodu ou coisa assim. você acha que era **S**? bem que parece ela né? até mais.
- catee3

R: Não sei, mas não me surpreende mais. **S** é tão fá de galinhas. Uma vez, no parque eu a vi comer um saco inteirinho de frango frito sem parar para respirar. Mas parece que ela estava com uma tremenda larica naquele dia.
- GG

P: Cara GG,
Meu nome começa com **S** e eu sou loura!!! Acabo de voltar do internato para

minha antiga escola em NY. Fiquei de saco cheio de todas aquelas regras, tipo não poder fumar, nem beber, nem levar meninos no quarto: (De qualquer forma, eu agora tenho meu próprio apartamento e vou dar uma festa no sábado – quer ir? :-)

- S969

R: Cara S969,

A **S** de quem estou escrevendo ainda mora com os pais como a maioria das garotas de 17 anos, sua putinha de sorte.

- GG

P: e ai, gossip girl?

ontem à noite uns caras que eu conheço conseguiram um monte de comprimidos com uma garota loura na escadaria do metropolitan museum of art. tinham a letra **S** impressa em todos. coincidência, ou o quê?

- Semnome

R: Caraca é só o que eu posso dizer.

- GG

3 GUYS E 2 GAROTAS

I e **K** vão ter um probleminha para caber naqueles vestidos bonitinhos que compraram na Bendel's se continuarem parando na **3 Guys Coffee Shop** para tomar chocolate quente e comer batata frita todo dia. Fui lá eu mesma para ver o babado, e acho que posso dizer que o garçom era uma gracinha, para quem gosta de ouvir abobrinha, mas a comida é pior que na **Jackson Hole** e as pessoas em lá têm em média uns 100 anos.

Flagra

C foi visto na **Tiffany**, comprando outro par de abotoaduras com monograma para uma festa. Olha ai! Estou esperando meu convite. A mãe de **B** foi vista andando de mãos dadas com um homem novo na **Cartier**. Hmmm, quando será o casamento? Também vistas: uma garota, com uma tremenda semelhança com **S**, saindo de uma clinica de DST no Lower East Side. Estava de peruca preta e óculos de sol enormes. Tipo disfarce. E ontem, bem de madrugada, **S** se inclinando na janela do quarto dela na Quinta Avenida, parecendo meio perdida.

Não quica não, meu bem, que as coisas só estão começando a melhorar.

Isso é tudo por hoje. Vejo vocês na escola amanhã.

Para você que me ama,

ouçam os anjos da anunciação cantando

- Bem-vindas de volta, meninas – disse a sra. McLean de pé no pódio na frente do auditório da escola. – Espero que todas tenham tido um ótimo fim de semana prolongado. Passei o meu em Vermont e foi absolutamente divino.

As setecentas alunas da Constance Billard School for Girls, do jardim de infância a terceira série do segundo grau, e seus cinquenta funcionários e professores abafaram o riso discretamente. Todos sabiam que a sra. McLean tinha uma namorada em Vermont. O nome dela era Vonda e dirigia um trator. A sra. McLean tinha uma tatuagem na coxa esquerda que dizia: “Me monta, Vonda.” É verdade, juro por Deus.

A sra. McLean, ou sra. M, como as meninas a chamavam, era a diretora da escola. Era a tarefa dela encaminhar a nata da escola – mandar as garotas para as melhores faculdades, os melhores casamentos, a melhor vida possível – e ela era muito boa no que fazia. Não tinha paciência com fracassados. Se apanhasse uma das meninas agindo dessa maneira – persistentemente alegando doença ou saindo mal nos exames de aptidão escolar -, chamaria psicanalistas, conselheiros e orientadores e se certificaria de que a menina tivesse a atenção pessoal de que precisava para ter boas notas, uma alta pontuação e uma recepção calorosa na faculdade de sua preferência.

A sra. M também não tolerava maldade. A Constance era considerada uma escola livre de panelinhas e preconceitos de qualquer tipo. Sua frase favorita era “Quem dissimula diz sim a uma lua”. A mais leve calúnia de uma menina a outra era punida com um dia de isolamento e designação de um trabalho muito difícil. Mas estes castigos raramente eram necessários. A sra. M felizmente não tinha conhecimento do que de fato se passava na escola. Sem dúvida, não podia ouvir os cochichos que corriam no fundo do auditório, onde as veteranas estavam sentadas.

- Achei que você tinha dito que a Serena ia voltar hoje – cochichou Rain Hoffstetter para Isabel Coates.

Naquela manhã, Blair, Kati, Isabel e Rain tinham se reunido no ponto habitual na esquina para fumar e beber antes das aulas começarem. Elas faziam a mesma coisa toda manhã havia dois anos, e meio que esperavam que Serena se juntasse a elas. Mas a aula começara dez minutos antes e Serena não tinha aparecido.

Blair não pôde evitar se irritar com Serena por criar ainda mais mistério em torno de sua volta. As amigas estavam praticamente se contorcendo na cadeira, ansiosas para ter o primeiro vislumbre de Serena, como se ela fosse uma espécie de celebridade.

- Vai ver ela está chapada demais para vir à escola hoje – cochichou Isabel em resposta. – Juro que ela passou tipo uma hora no banheiro ontem à noite na casa de Blair. Só Deus sabe o que estava fazendo ali.

- Ouvi dizer que ela está vendendo aqueles comprimidos impressos com a letra

S. Ela é totalmente viciada neles – afirmou Kati.

- Espera só, você vai ver – disse Isabel. – Ela tá numa rabuda danada.

- É – cochichou Rain. – Eu soube que ela entrou num tipo de seita vodu em New Hampshire.

Kati riu.

- Imagina se ela convida a gente para entrar.

- Que isso! – disse Isabel. – Ela pode dançar nua com galinhas e fazer tudo o que quiser, mas eu não entro nessa De jeito nenhum.

- E depois onde é que você vai conseguir galinhas vivas na cidade? – perguntou Kati.

- Indecente – alfinetou Rain.

- Agora eu gostaria de começar cantando um hino. Se puderem se levantar e abrir o hinário na página quarenta e três – instruiu a sra. M.

A sra. Weeds, a professora hippie de música com o cabelo frisado, começou a martelar ao piano, no canto, os primeiros acordes de um hino conhecido; depois todas as setecentas meninas se levantaram e começaram a cantar.

Suas vozes flutuaram para a rua 93, onde Serena van der Woodsen estava virando a esquina, xingando a si mesma por estar atrasada. Ela não acordava cedo desde as provas finais do segundo ano da Hanover Academy em junho passado, e tinha se esquecido de como isso era um saco.

“Ouçam os anjos da anunciação cantando!

Glória ao rei que nasceu!

Paz na Terra e misericórdia,

Deus e pecadores se harmonizam.”

A aluna da sétima série da Constance, Jenny Humphrey, pronunciava as palavras em silêncio, compartilhando com a vizinha o hinário que a própria Jenny fora encarregada de redigir numa caligrafia excepcional. Levou todo o verão, mas o hinário ficou lindo. Daqui a três anos o Pratt Institute of Art and Design estaria batendo na sua porta. Apesar disso, Jenny se sentia doente de vergonha toda vez que usava o hinário, e era por isso que não conseguia cantar em voz alta. Cantar parecia um ato de bravata, como se ela estivesse dizendo: “Olhe só para mim, estou cantando com o hinário que *eu* fiz! Eu não sou ótima?” Jenny preferia ser invisível. Por sue uma caloura baixinha de cabelos crespos, não era ao difícil ficar invisível. Na verdade, seria mais fácil se seus peitos não fossem tão grandes. Aos 14 anos, ela usava tamanho 42.

Dá para imaginar?

“Ouçam os hostes celestiais proclamando,

Cristo nas-ceu em Be-lém!”

Jenny estava de pé no fim de uma fila de cadeiras dobráveis, perto das grandes janelas do auditório que davam para a rua 93. De repente um movimento na rua chamou sua atenção. Cabelos louros voando. Casaco xadrez Burberry. Botas de camurça marrom se arrastando. Um uniforme marrom novo – uma escolha

estranha, mas que deu certo. Parecia... não pode ser... será possível... Não!... Era?

Sim, *era mesmo*.

Um minuto depois Serena van der Woodsen empurrava a pesada porta de madeira do auditório e parava, olhando para sua turma. Estava sem fôlego e os cabelos emaranhados. As bochechas estavam rosadas e os olhos brilhavam de correr as 12 quadras na Quinta Avenida até a escola. Ela estava ainda mais perfeita do que Jenny se lembrava.

- Oh, Meu Deus - cochichou Rain para Kati no fundo da sala. - Será que ela pegou as roupas no abrigo dos sem-teto no caminho pra cá?

- Ela nem penteou o cabelo. - Isabel riu. - Vai ver nem dormiu essa noite.

A sra. Weeds terminou o hino com um acorde ruidoso.

A sra. M limpou a garganta.

- E agora, um minuto de silêncio por aqueles menos afortunados que nós.

Especialmente pelos nativos americanos que oram massacrados na fundação deste país, a quem pedimos que não se aborçam por termos comemorado o Dia do Descobrimento da América ontem.

A sala caiu em silêncio. Bem, quase.

- Olha só como Serena fica com as mãos na barriga. Vai ver está grávida - cochichou Isabel Coates para Rain Hoffstetter. - Você só faz isso quando está grávida.

- Ela pode ter feito um aborto hoje de manhã. De repente, é por isso que está atrasada - cochichou Rain em resposta.

- Meu pai dá dinheiro à Phoenix House - disse Kati a Laura Salmon. - Vou descobrir se Serena esteve lá. Aposto que é por isso que ela voltou no meio do ano letivo. Ela está em reabilitação.

- Eu soube que fazem essas coisas no internato, misturam Comet com canela e café instantâneo e viram num gole só. É tipo speed, só que deixa sua pele verde se você tomar por muito tempo - piou Nicki Button. - Você fica cega e depois morre.

Blair pegou uns fragmentos da conversa das amigas e isso a fez sorrir.

A sra. M voltou a cumprimentar Serena.

- Meninas, gostaria que todas dessem as boas-vindas a nossa amiga Serena van der Woodsen. Serena está se reintegrando ao terceiro ano hoje. - A sra. M sorriu. - Por que não se senta, Serena?

Serena andou lépida para o corredor central do auditório e se sentou em uma cadeira vaga perto de uma aluna da segunda série com uma coriza crônica chamada Lisa Sykes.

Jenny mal conseguiu se conter. Serena van der Woodsen! Ela estava *ali*, na mesma sala, a alguns metros de distância. Era *de verdade*. E parecia tão madura agora.

Quantas vezes será que ela transou?, perguntou-se Jenny.

Ela imaginou Serena e um louro da Hanover se inclinando contra o tronco de uma árvore antiga, o casaco dele envolvendo os dois. Serena tinha fugido de seu alojamento sem o casaco. Sentia muito frio e tinha seiva da árvore nos cabelos, mas valeu a pena. Depois Jenny imaginou Serena e outro garoto qualquer em

um teleférico de esqui. O teleférico empacou e Serena caiu no colo do garoto para se aquecer. Eles começaram a se beijar e não conseguiram se conter. Depois de transarem, o teleférico voltou a andar e seus esquis estavam embolados, então eles ficaram na cadeira e desceram a montanha transando novamente.

Que legal, pensou Jenny. Serena era tranquilamente a garota mais cool do mundo todo. Definitivamente mais cool do que qualquer uma das outras veteranas. E tão cool que chegou atrasada, no meio do tempo, *daquele* jeito. Não importa se você é rica e fabulosa, o internato de algum jeito te deixa parecida com uma sem-teto. Uma sem-teto glamourosa, no caso de Serena. Ela não cortava o cabelo havia mais de um ano. Na noite passada, tinha amarrado os cabelos para trás, mas hoje estavam soltos e pareciam bem desgrehados. A camisa masculina branca estava puída no colarinho e nos punhos, e dava para ver o sutiã de renda púrpura através dela. Nos pés estavam suas botas marrons favoritas e tinha um buraco enorme no joelho de uma das meias pretas. O pior de tudo é que ela teve de comprar todos os uniformes novos, porque tinha jogado os antigos na lata de lixo quando foi para o internato. O uniforme novo dela não tinha nada a ver.

Os uniformes novos eram a praga da quarta série, o ano em que as meninas da Constance passavam do manto para a saia. As saias eram feitas de poliéster e tinham pregas duras e artificiais. O tecido tinha um brilho pegajoso horroroso e vinha numa nova cor: marro. Era medonho. E era essa uniforme marrom que Serena tinha decidido usar no primeiro dia de volta à Constance. Além disso, o dela vinha até os joelhos! Todas as outras veteranas usavam a mesma saia azul-marinho que vestiam desde a quarta série. As meninas cresceram tanto que as saias estavam extremamente curtas. Quanto mais curta a saia, mais cool a garota.

Blair na verdade não tinha crescido tanto, então ela encurtou a saia escondido.

- Que porra de roupa é aquela? - sibilou Kati Farkas.

- Vai ver ela pensa que o marro parece Prada ou algo assim - respondeu Laura.

- Acho que ela está tentando afirmar alguma coisa - cochichou Isabel. - Tipo assim, olha pra mim, eu sou Serena, sou linda, posso usar o que quiser.

E pode mesmo, pensou Blair. Essa era uma das coisas que sempre a enfureciam em Serena. Ela ficava bem em qualquer coisa.

Mas pouco importava a aparência de Serena. O que Jenny e todas as outras na sala queriam saber era: *Porque ela voltou?*

Elas esticaram o pescoço para ver. Será que estava com um olho roxo? Estava grávida? Estava chapada? Será que ainda tem todos os dentes? E será que havia alguma coisa diferente nela?

- Aquilo na bochecha é uma cicatriz? – cochichou Rain.

- Ela levou uma facada uma noite dessas quando estava traficando – sussurrou Kati em resposta. – Eu soube que ela fez plástica na Europa nesse verão, mas fizeram um trabalho meio porco.

A sra. McLean estava lendo em voz alta agora. Serena se sentou novamente em sua cadeira, cruzou as pernas e fechou os olhos, aquecendo-se na velha sensação de estar sentada nesta sala cheia de garotas, ouvindo a voz da sra. M.

Ela não sabe por que ficou tão nervosa antes de vir para a escola nesta manhã. Perdeu a hora e se vestiu em cinco minutos fazendo buraco em uma meia preta com uma unha pontuda do pé. Escolheu a camisa surrada do irmão Erik porque tinha o cheiro dele. Erik tinha ido para o mesmo internato que Serena, mas agora estava na faculdade, e ela morria de saudades dele.

Quando estava saindo do apartamento, sua mãe deu uma olhada nela e a teria feito trocar de roupa se Serena não estivesse tão atrasada.

- Neste fim de semana – disse sua mãe -, vamos fazer compras, e vou levar você no meu salão. Você não pode sair por ai desse jeito, Serena. Pouco importa como eles a deixavam se vestir no internato – depois beijou a filha no rosto e voltou para a cama.

- Ai, meu Deus, acho que ela dormiu – cochichou Kati para Laura.

- Vai ver ela está só cansada – cochichou Laura de volta. – Eu soube que ela foi expulsa porque dormiu com um garoto no campus. Tinha umas marcas na parede acima da cama dela. A colega de quarto dela contou e foi assim que eles descobriram.

- E depois, toda aquela dança com galinhas de madrugada – acrescentou Isabel, dando uma risadinha meio frenética para as meninas.

Blair mordeu o lábio, lutando para prender o riso. Era engraçado demais.

outra fã de s

Se Jenny Humphrey pudesse ouvir o que as meninas do segundo grau estavam falando de Serena van der Woodsen, seu ídolo, teria expulsado todas a socos. Assim que as orações acabaram, Jenny passou pelas colegas de turmas aos empurrões e disparou para o telefone para dar um telefonema. Seu irmão Daniel ia se borrar todo quando ela contasse.

- Alô? – Daniel Humphrey atendeu ao celular no terceiro toque. Estava parado na esquina da rua 77 com a West End Avenue na calçada da escola preparatória Riverside, fumando um cigarro. Semicerrou os olhos castanhos-escuros, tentando bloquear a forte luz solar de outubro. Dan não ficava no sol. Ele passava a maior parte do seu tempo livre no quarto, lendo poemas existencialistas mórbidos sobre o destino amargo do ser humano. Era pálido, os cabelos desgrenhados, e magro como uma estrela de rock.

De alguma maneira o existencialismo acabava com o apetite dele.

- Adivinha quem voltou? – Dan ouviu sua irmãzinha guinchar excitada ao telefone.

Como Dan, Jenny era meio solitária. Quando precisava conversar com alguém, ela sempre ligava para ele. Foi ela quem comprou celulares para os dois.

- Jenny, dá para esperar... – Dan começou a dizer, parecendo irritado como só os irmãos mais velhos ficam.

- Serena van der Woodsen! – Jenny o interrompeu. – Serena voltou para a Constance. Eu a vi nas orações. Dá para acreditar nisso?

Dan olhava um copo de café de plástico sendo evado pelo vento na calçada. Um Saab vermelho passou voando pela West End Avenue através de uma luz amarela. Suas meias estavam úmidas dentro dos Hush Puppies de camurça

marrom.

Serena van der Woodsen Ele deu um longo trago em seu Camel. Suas mãos tremiam tanto que ele quase errou a boca.

- Dan? – guinchou a irmã ao telefone. – Está me ouvindo? Ouviu o que eu disse? Serena voltou. Serena van der Woodsen.

Dan respirou fundo.

- É, eu ouvi – resmungou ele, fingindo desinteresse. – E daí?

- E daí? – disse Jenny incrédula. – Ah, tá legal, como se você não estivesse tendo um minienfarte. Você é tão presunçoso, Dan.

- Não, eu sou sério. – Dan, estava irritado. – Para que você me ligou? O que eu tenho com isso?

Jenny suspirou alto. Às vezes Dan era tão irritante. Por que não podia parecer feliz pelo menos uma vez? Ela estava tão cansada daquele modelito introspectivo pálido e infeliz.

- Tá legal. Deixa pra lá. A gente se fala mais tarde.

Ela desligou e Dan enfiou o celular de volta no bolso da calça de veludo cotelê preta e desbotada. Pegou um maço de cigarros do bolso de trás e acendeu outro com a guimba do que já estava fumando. Seu polegar se queimou, mas ele nem sequer sentiu.

Serena van der Woodsen.

Eles se conheceram numa festa. Não, essa não era *exatamente* a verdade. Dan a *vira* numa festa, na festa dele, a única que ele deu no apartamento da família na rua 99 com a West End Avenue.

Era abril, na sexta série. A festa foi idéia de Jenny, e o pai deles, Rufus Humphrey, o infame editor aposentado de poetas beat pouco conhecido e um fominha de festas, ficou feliz em concordar. A mão já havia se mudado para Praga alguns anos antes para “se concentrar em sua arte”. Dan convidou toda a turma e disse a eles que podiam chamar quantas pessoas quisessem. Mais de cem crianças apareceram, e Rufus manteve a cerveja rolando de um barrilete na banheira, deixando muitos garotos bêbados pela primeira vez na vida. Foi a melhor festa que Dan já viu, mesmo que ele dissesse isso só para si mesmo. Não por causa da bebedeira, mas porque Serena van der Woodsen estava lá. Pouco importa que ela tenha perdido tempo com um jogo imbecil de latim e tenha beijado a barriga toda rabiscada com marcador de um cara que estava lá. Dan não conseguiu tirar os olhos dela.

Depois, Jenny disse a ele que Serena ia à escola dela, a Constance, e a partir daí Jenny era sua pequena espiã, relatando tudo que via Serena fazer, dizer, vestir, etc., informando a Dan de qualquer evento futuro que ele pudesse vê-la novamente. Esses eventos eram raros. Não porque não fossem muitos – porque eram -, mas porque não havia muitos deles que Dan tivesse oportunidade de ir. Dan não vivia no mesmo mundo que Serena, Blair, Nate e Chuck. Ele não era ninguém. Era só um garoto comum.

Por dois anos Dan seguiu Serena, ansiosamente, a distância. Ele nunca falou com ela. Quando Serena foi para o internato, Dan tentou se esquecer dela, certo de que nunca a veria de novo, a não ser que por mágica eles terminassem na mesma faculdade.

E agora ela estava de volta.

Dan andou metade do quarteirão, depois se virou e fez o caminho de volta. Sua cabeça estava a mil. Ele podia dar uma festa. Podia fazer os convites e Jenny enfiaria um no armário de Serena na escola. Quando Serena chegasse na casa dele, Dan iria direto a ela e pegaria seu casaco, dando-lhe as boas-vindas a Nova York.

Choveu o tempo todo em que você esteve fora, diria ele poeticamente.

Depois escapuliriam para a biblioteca do pai e tirariam as roupas um do outro, e se beijariam no sofá de couro na frente da lareira. E, quando todos tivessem ido embora da festa, eles dividiriam uma tigela de sorvete de café Breyers, o favorito de Dan. A partir daí, passariam cada minuto juntos. Chegariam a se transferir para uma escola mista como a Trinity pelo resto do segundo grau porque não poderiam ficar separados. Depois iriam para a Colúmbia e morariam em um estúdio perto de lugar nenhum, mas com uma cama enorme. Os amigos de Serena tentariam seduzi-la a voltar para a antiga vida, mas nenhum baile de caridade, nenhum jantar exclusivo em black-tie, nenhuma festa cara poderia tentá-la. Ela não se importaria de abrir mão de seu fundo de fideicomisso e dos diamantes da bisavó. Serena estaria disposta a viver num chiqueirinho se fosse para ficar com Dan.

- Porra, a sineta vai tocar daqui a cinco minutos – Dan ouviu alguém dizer em uma vozinha chata.

Dan se virou, e é claro que era Chuck Bass, ou o “Porta-cachecol”, como Dan gostava de chamá-lo, porque Chuck sempre usava aquele cachecol de cashmere ridículo com o monograma. Chuck estava parado a apenas seis metros com dois colegas da Riverside Prep, Roger Paine e Jeffrey Prescott. Eles não falavam com Dan e nem o cumprimentavam com a cabeça quando o encontravam. Porque deveriam? Toda manhã esses caras atravessavam o Central Park de ônibus para ir à escola, pegando na rua 79, saindo do pretensioso Upper East Side, só se aventurando ao West Side para ir à escola ou comparecer a uma festa esporádica. Estavam na turma de Dan na Riverside Prep, mas certamente não eram *da turma dele*. Ele nada tinha a ver com eles. Certamente eles nem o notavam.

- Cara – disse Chuck aos amigos. Acendeu um cigarro. Chuck fumava seus cigarros como se fosse de maconha, segurando-os entre o dedo indicador e o polegar e puxando forte.

Ridículo demais para merecer atenção.

- Adivinha quem eu vi ontem à noite? – insistiu Chuck, bafejando um jorro de fumaça cinza.

- Liv Tyler? – sugeriu Jeffrey.

- É, e ela deu em cima de você, né? – brincou Roger.

- Não, ela não. Serena van der Woodsen – disse Chuck.

Os ouvidos de Dan se aguçaram. Estava quase na hora de entrar na sala de aula, mas acendeu outro cigarro e ficou quieto para poder ouvir.

- A mãe de Blair Waldorf deu uma festinha e Serena van der Woodsen foi com os pais dela – continuou Chuck. – E ela *deu* em cima de mim. Tipo assim, ela é a garota mais devasse que eu já vi – Chuck tirou outro trago do cigarro.

- É mesmo? – disse Jeffrey.
- É verdade. Primeiro eu descobri que ela estava fodendo com o Nate Archibald desde a oitava série. Depois ela definitivamente se educou no internato, tá ligado? Eles puseram Serena para fora, de tão piranha que ela é.
- De jeito nenhum – discordou Roger. – Qual é, cara, ninguém é expulso por ser galinha.
- É expulso se você registra cada cara que você dormiu e mete os caras nas mesmas drogas que você toma. Os pais dela tiveram de ir lá para buscá-la. Ela estava, tipo assim, assumindo o controle da escola! – Chuck estava cada vez mais exaltado. Seu rosto estava vermelho e ele cuspiu enquanto falava. – Eu soube que ela pegou doenças também. Tipo assim, DSTs. Alguém viu Serena indo a uma clínica no East Village. Ela estava de peruca.
Os amigos de Chuck sacudiram a cabeça, grunhindo de espanto.
Dan nunca tinha ouvido uma porcaria dessas. Serena não era piranha, era perfeita, não era? *Não era?*
Isso ainda tinha de ser descoberto.
- E aí, tá sabendo daquela festa dos pássaros? – perguntou Roger. – Vocês vão?
- Que festa dos pássaros? – disse Jeffrey.
- Aquela festa para os falcões peregrinos do Central Park – acrescentou Chuck.
- É, a Blair me falou disso. Vai ser na antiga loja da Barneys – deu outro trago no cigarro. – Cara, todo mundo vai.
Todo mundo não incluía Dan, é claro. Mas definitivamente incluía Serena van der Woodsen.
- Estão mandando um monte de convites essa semana – tornou Roger. - Tem um nome engraçado, não consigo lembrar qual é, um troço de mulherzinha.
- *Beijo na Boca* – Chuck esmagou o cigarro com os detestáveis sapatos Church of England. – É a festa *Beijo na Boca*.
- É isso aí – disse Jeffrey. – E aposto que vai rolar muito mais que beijo na boca por lá – deu uma risada. – Ainda mais com Serena por lá.
Os garotos riram, congratulando-se por sua incrível inteligência.
Dan já ouvira o bastante. Atirou o cigarro na calçada a poucos centímetros dos sapatos de Chuck e foi para a entrada da escola. Quando passou pelos três meninos, virou a cabeça e fez um beicinho, produzindo um som de beijo três vezes, como se estivesse dando em cada garoto um beijo estralado na boca. Depois se virou e entrou, batendo a porta atrás de si.
Dêem um beijinho misto, babacas.

no coração de cada desastre da moda existe uma romântica incurável

- O que eu procuro é tensão - explicou Vanessa Abrams à pequena turma de estudos avançados de cinema da Constance. Ela estava de pé diante da turma, apresentando sua idéia para o filme que realizava. - Vou fazer uma tomada dos dois conversando em um banco do parque à noite. Só que não dá pra ouvir o que eles estão dizendo. - Vanessa fez uma pausa dramática, esperando que

uma das colegas dissessem alguma coisa. O sr. Beckham, o professor, sempre dizia que elas deviam manter as cenas mais vivas com diálogos e ação, e Vanessa estava fazendo deliberadamente o contrário.

- Então não tem diálogo? - perguntou o sr. Beckham de onde estava, parado no fundo da sala. Ele estava dolorosamente consciente de que ninguém mais na turma ouvia uma só palavra do que Vanessa dizia.

- Vocês vão ouvir o silêncio dos prédios, do banco e da calçada, e ver as luzes da rua no corpo deles. Depois verão suas mãos se mexerem e os olhos falando. E *aí* é que vão ouvir os dois falando, mas não muito. É uma cena emocional - explicou Vanessa.

Ela pegou o controle remoto do projetor de slides e começou a passar as fotos em preto-e-branco que tinha tirado para demonstrar a visão que queria para seu curta-metragem. Um banco de madeira no parque. Um pedaço de asfalto. A tampa de um bueiro. Um pombo-correio em uma camisinha usada. Uma bola de chiclete pendurada na beirada de uma lata de lixo.

- Rá! - exclamou alguém do fundo da sala. Era Blair Waldorf, rindo alto enquanto lua o bilhete que Rian Hoffstetter tinha acabado de passar para ela.

Pelos bons tempos

Ligar para Serena v.d. Woodsen

Você entende de... doença venérea??

Vanessa olhou para Blair. Cinema era a matéria favorita de Vanessa, o único motivo para ela ir à escola. Ela levava o curso muito a sério, enquanto a maioria das outras meninas, como Blair, só considerava o curso de cinema um intervalo para os malditos cursos de conhecimentos avançados - cálculo avançado, biologia avançada, história avançada, literatura inglesa avançada, francês avançado. Iam direto para Yale, Harvard ou Brown, aonde suas famílias iam há gerações. Vanessa não era igual a elas. Seus pais nem sequer foram à faculdade. Eles eram artistas, e Vanessa só queria uma coisa da vida: ir para a Universidade de Nova York e se formar em cinema.

Na verdade, ela queria outra coisa. Ou outro *alguém*, para ser mais preciso, mas vamos falar nisso daqui a pouquinho.

Vanessa era uma anomalia na Constance, a única menina da escola que tinha cabeça quase raspada, usava suéter preto de gola alta todo dia, lia *Guerra e paz* de Tolstoi repetidamente como se fosse Bíblia, ouvia Belle e Sebastian e bebia chá preto sem açúcar. Não tinha amigas no Constance e morava em Williamsburg, no Brooklyn, com a irmã de 22 anos, Ruby. Mas então o que ela estava fazendo na minúscula e exclusiva escola particular para meninas no Upper West Side com princesas como Blair Waldorf? Era uma pergunta que Vanessa se fazia todo dia.

Os pais de Vanessa eram artistas revolucionários da antiga que moravam em uma casa feita de pneus de carro reciclados em Vermont. Quando ela fez 15 anos, eles permitiram que a ternamente infeliz Vanessa se mudasse para a casa da irmã mais velha, baixista, no Brooklyn. Mas eles queriam se certificar de que ela tivesse uma boa e segura educação no secundário, então a matricularam na

Constance.

Vanessa odiava a escola, mas nunca disse nada aos pais. Só faltavam oito meses para se formar. Mais oito meses e ela finalmente escaparia para o centro da cidade, para Universidade de Nova York.

Mias oito meses da piranhazinha da Blair Waldorf e, pior ainda, de Serena van der Woodsen, que estava de volta em todo seu esplendor. Blair Waldorf parecia absolutamente orgásmica com a volta da melhor amiga. Na verdade, toda a fila de trás da sala de cinema escrevinhava, passando bilhetes enfiados nas mangas de seus irritantes suéteres de cashmere.

Bem, que se fodam. Vanessa ergueu o queixo e prosseguiu na apresentação.

Ela era superior àquela bobajada. *Só mais oito meses.*

Se Vanessa tivesse visto o bilhete que Kati Karkas acabara de passar a Blair, talvez ela se solidarizasse um pouquinho com Serena.

Querida Blair,

Me empresta 50 mil dólares? Sniff, sniff, sniff. Se eu não pagar o que devo a meu traficante de coca, vou me dar mal.

Que merda, minha virilha está coçando.

Me dê uma resposta sobre o dinheiro.

Um beijo,

Serena v.d. Woodsen

Blair, Rains e Kati riram ruidosamente.

- Shhhhh - sussurrou o sr. Beckhan, olhando para Vanessa com simpatia.

Blair virou o papel e rabisçou uma resposta.

Claro, Serena. O que você quiser. Me liga da cadeia. Eu soube que a comida lá é muito boa. Nate e eu vamos visitar você quando tivermos tempo, o que pode ser... sei lá... NUNCA?!

Espero que a doença venérea melhore logo.

Beijos,

Blair

Blair passou o bilhete a Kati, sentindo só a mais leve pontada de remorso por ser tão cruel. Havia tantas histórias sobre Serena que ela sinceramente não sabia em quem acreditar mais.

Além disso, Serena ainda não tinha contado a ninguém o que estava fazendo de novo ali, então por que Blair devia dizer alguma coisa para defendê-la? Talvez parte daquela história toda fosse verdade. Talvez algumas dessas coisas realmente tenham acontecido.

E, além de tudo, passar bilhetes pe muito mais divertido do que pegá-los.

- Então eu vou escrever, dirigir e filmar isto. Eu já coloquei meu amigo, Daniel Humphrey, da Riverside Prep, como o príncipe Andrei - explicou Vanessa. As bochechas arderam quando ela falou no nome do Dan. - Mas ainda preciso de uma Natasha para cena. Vou fazer a seleção amanhã depois da aula, no Madison Square Park, ao anoitecer. Alguém está interessado?

A pergunta era uma piadinha particular. Vanessa sabia que ninguém na sala sequer a estava ouvindo; estavam ocupadas passando bilhetes.

O braço de Blair se ergueu.

- Eu vou dirigir! - anunciou ela. Obviamente não tinha ouvido a pergunta, mas Blair estava tão desesperada para impressionar os funcionários de admissão de Yale, que sempre era a primeira voluntária para tudo.

Vanessa abriu a boca para falar. *Dirija isto*, ela queria dizer, mostrando o dedo médio a Blair.

- Abaixei a mão, Blair - suspirou o sr. Beckhan, cansado. - Vanessa acabou de nos dizer que *ela* é a diretora, roteirista e cinegrafista. Não ser que você queria fazer o papel de Natasha, sugiro que se concentre em seu próprio projeto.

Blair olhou para ele de mau humor. Ela odiava professores como o sr. Beckham. Ele era agressivo porque era de Nebraska e finalmente tinha conseguido realizar seu triste sonho de morar em NY só para se ver ensinando em um curso inútil em vez

de dirigir filmes de vanguarda e ficar famoso.

- Não faz mal - disse Blair, enfiando o cabelo escuro por trás das orelhas. - Acho que não tenho tempo mesmo.

E não tinha.

Blair era presidente do conselho de Serviço Social e dirigia o clube de Francês; era orientadora da 1ª série em leitura; trabalhava numa sopa dos pobres uma vez por semana; tinha aulas de preparação para os exames de aptidão escolar nas terças-feiras e, nas quintas à tardinha, fazia um curso de design de moda com Oscar de la Renta. Nos fins de semana, jogava tênis para manter a pontuação no ranking nacional.

Além disso tudo, estava no comitê de planejamento de cada função social que qualquer um se preocupasse em inventar, e o calendário de outono-inverno estava ocupado, ocupado, ocupado. Seu PalmPilot vivia com memória insuficiente.

Vanessa acendeu as luzes e voltou para a carteira na frente da sala.

- Tudo bem, Blair, eu queria uma loura para o papel de Natasha. - Vanessa alisou o uniforme em volta das coxas e se sentou delicadamente, numa imitação quase perfeita de Blair.

Blair deu um sorrisinho afetado para a cabeça espinhosa e careca de Vanessa e olhou para o sr. Beckham, que limpou a garganta e se levantou. Ele estava com fome, e a sineta ia tocar em 5 minutos.

- Bem é isso, meninas. Podem sair um pouco mais cedo hoje. Vanessa, por que não coloca um cartaz no corredor para a seleção de amanhã?

As meninas começaram a guardar suas coisas e a sair da sala. Vanessa rasgou uma folha em branco do bloco e escreveu detalhes necessários no alto da página. Guerra e Paz. Curta-metragem. Seleção para Natasha. Quinta-feira, ao pôr-do-sol. Madison Square Park. Banco do parque, esquina noroeste. Ela resistiu a escrever a descrição exata da garota que estava procurando, porque não queria espantar ninguém. Mas tinha um quadro claro em sua mente, e não ia ser fácil encontrar a menina certa.

A Natasha perfeita seria clara e loura, de um louro escuro natural. Não teria uma

beleza óbvia demais, mas o tipo de rosto que atrai os olhares. Seria o tipo de garota para fazer Dan inflamar- cheia de movimentos e risos-, exatamente o oposto da energia silenciosa de Dan, que ardia por dentro dele e fazia suas mãos tremerem às vezes.

Vanessa abraçou a si mesma. Só de pensar em Dan ela sentia vontade de urinar. Sob a cabeça careca e a inacreditável gola rulê, ela era só uma garota. Encare a realidade: nós somos todas iguais.

um almoço das poderosas

- Os convites, as bolsas de brindes e o champanha. -É só o que está faltando- disse Blair. Ela ergueu uma fatia de pepino do prato e a mordiscou pensativa.- Kate Spade ainda está fazendo as bolsas de brinde, mas eu não sei... acha que Kate Spade é chata demais?

- Acho a Kate Spade perfeita- respondeu Isabel, enrolando os cabelos em um nó no alto da cabeça. - Quer dizer, acho que é muito bacana ter uma bolsa totalmente preta em vez de todas aquelas figuras de animais e as porcarias militares que todo tem. É tudo tão... de mau gosto, não acha?

- Totalmente - concordou Blair.

- Ei, e pele de leopardo? - disse Kati, parecendo magoada.

- É, mas não é pele de leopardo de verdade -argumentou Blair.- É diferente.

As três estavam sentadas no refeitório da Constance, discutindo a festa beneficente Beijo na boca que aconteceria em breve, para levantar fundos para a Fundação Falcão Peregrino do Centarl Park. Blair era presidente do comitê organizador, é claro.

- Aqueles pobres pássaros -suspirou Blair. Como se ela desse a mínima para a porcaria dos pássaros. -Eu quero muito que essa festa seja ótima. Os caras vão vir na reunião amanhã, né?

- É claro que virão - disse Isabel.- E Serena...já falou com ela da festa? Ela vai ajudar?

Blair a encarou bestificada.

Kati franziu o narizinho arrebitado de rampa salto de esqui e cutucou Isabel com o cotovelo.

- Aposto que Serena está ocupada demais, sabe como é, lidando com tudo. Todos os problemas dela. Provavelmente ela não vai ter tempo para ajudar a gente -comentou ela, dando um risinho afetado.

Blair assentiu. Do outro lado do refeitório, Serena acabava de entrar na fila do almoço. Ela percebeu Blair de imediato e sorriu, acenando animadamente como se dissesse: " Chego aí num minutinho!" Blair piscou, fingindo ter esquecido de colocar as lentes de contato.

Serena deslizou a bandeja pelo Balcão de metal, escolhendo um iorgute de limão e pulando os pratos quentes até chegar à garrafa térmica com água quente, de onde encheu um xícara e colocou um saquinho de chá Lipton, uma fatia de limão e um saquinho de açúcar no pires. Depois ela levou a bandeja para o balcão de saladas, onde encheu o prato com uma pilha de alface romana e colocou uma pocinha de molho de queijo bleu ao lado do alface. Preferia um

misto quente na Gare du Nord em Paris, comido às pressas antes de saltar para o trem London, mas isso era quase igualmente bom. Era o mesmo almoço que ela comia na Constance todo dia desde a 4º série. Blair sempre fazia a mesma coisa. Elas o chamavam de "prato de dieta".

Blair ficou olhando Serena pegar a salada, temendo o momento em que se sentaria perto dela em toda sua glória e começaria a tentar ser amiga novamente. Eca.

- Oi, gente. -Serena sentou-se ao lado de Blair, sorrindo radiante. - Como nos velhos tempos, heim? - Ela riu e abriu a tampa do iogurte. Os punhos da camisa velha do irmão estavam puídos e uns fios balançaram no soro aquoso do iogurte.

- Oi, Serene - disseram Kati e Isabel em uníssonos.

Blair olhou para Serena e virou os cantos dos lábios brilhantes para cima. Era quase um sorriso.

Serena misturou o iogurte no pote e fez sinal para a bandeja de Blair, onde os restos do pão de centeio com cream cheese e pepino estavam espalhados.

- Parece que você superou o prato de dieta -observou ela.

- Parece que sim.- Blair esmagou um pedaço do cream cheese no guardanapo de papel com o polegar, encarando os punhos puídos de Serena meio atordoada. Era legal usar as roupas velhas do irmão na 7º e na 8º séries. Depois era bacana. Mas agora? Só parecia...sujo.

- Meu currículo está um porre -disse Serena,lambendo a colher.- Não tenho aula nenhuma com vocês, meninas.

- Hmmm, é porque você não está em nenhuma turma avançada-observou Kati.

- Sorte sua -suspirou Isabel.- É tanto trabalho para fazer que eu não tenho tempo nem de dormir.

- Bem, pelo menos vou ter mais tempo para me divertir-disse Serena. Ela cutucou o cotovelo de Blair.- O que vai fazer esse mês? Estou me sentindo tão fora de tudo.

Blair se sentou reta e pegou o copo de plástico, descobrindo que não havia mais água. Ela sabia que devia contar a Serena tudo sobre a festa Beijo na Boca, como Serena podia ajudar com os preparativos e como tudo ia ser divertido. Mas não conseguiu fazer isso. Serena estava fora, tudo bem. E Blair queria que ela ficasse desse jeito.

- Está bem satisfatório. Não há muita coisa para fazer até o Natal -mentiu Blair, lançando um olhar de alerta a Kati e Isabel.

- É mesmo?-disse Serena, decepcionada.- E hoje à noite? Vocês vão sair?

Blair olhou para as amigas. Estava louca para sair, mas ainda era terça-feira. O máximo que podia fazer numa terça à noite era alugar um filme com Nate. De repente Blair se sentiu seriamente velha e chata. Deixando que Serena a fizesse se sentir chata.

- Tenho uma prova de francês avançado amanhã. Desculpe, Serena.- Blair se levantou.-Na verdade, tenho uma reunião com a Madame Rogers agora mesmo. Serena franziu a testa e começou a roer o polegar, um novo hábito que adquirira no internato.

- Bem, talvez eu ligue pro Nate. Ele vai sair comigo.

Blair pegou a bandeja e se controlou para não atirá-la na cara de Serena. Mantenha as mãos longe dele!, ela queria gritar, saltando na mesa no estilo ninja. laaaá-rá!

- A gente se vê depois, meninas -disse ela e se afastou toda dura.

Serena suspirou e sacudiu uma folha de alface para fora do prato. Blair estava sendo uma chata. Quando iam começar a se divertir? Ela olhou para Kati e Isabel com esperança, mas elas já estavam prontas para sair também.

- Tenho uma reunião idiota com o conselho da faculdade -desculpou-se Kati.

- E eu tenho de ir para a sala de arte e guardar meu quadro.-justificou-se Isabel.

- Antes que alguém veja?-brincou Kati.

- Ah, cala essa boca -disse Isabel.

As duas se levantaram com a bandeja.

- É tão bom ter você de volta, Serena -entouou Kati em sua voz mais falsa.

- É-concordou Isabel.- É mesmo.

E depois elas se afastaram.

Serena ficou rodando a colher pelo pote de iogurte,perguntando-se o que tinha acontecido com todo mundo. Elas estavam agindo como anormais. O que foi que eu fiz? -perguntou-se, roendo o polegar novamente.

Boa pergunta.

gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Onde estão os meninos

Obrigado por aparecerem, apesar de a maioria de vocês ter pouco a dizer sobre S ou B. A maioria de vocês só quer saber mais sobre os meninos.

Seu E-mail:

P: Cara GG,

D parece um doce. Por que se assanha tanto por S? Ela é só uma putinha.

- Bebe

R: Cara Bebe,

Acontece que eu sei que D não é esse inocente todo. Ele andou com uma merdinha pervertida quando voltou do acampamento de verão na 6º série.

- GG

P: Cara GG,

O que N faz na hora do almoço? Vou a escola particular dele, e será que eu vejo o cara o tempo todo sem perceber que ele está ali? Caramba!

- Tímida

Tá legal, já que quer tanto saber, eu vou te contar.

A St. Jude's deixa os meninos do último ano saírem para almoçar. Então agorinha mesmo N provavelmente está indo para aquela pizzaria na esquina da 80 com a Madison. A Vino's? Vinnie's? Sei lá. De qualquer forma, eles têm umas fatias boas e um dos caras da entrega vende um bagulho bem decente. N é um dos clientes regulares. Em geral fica um grupo de garotas da L'École parado na calçada da pizzaria, então N pára por ali e fica azarando aquela menina que vou chamar de Claire, que banca a tímida e finge que não fala inglês, mas a verdade é que ela tem um francês horroroso e é uma piranha das brabas.

N sempre faz a gracinha de comprar duas fatias de pizza e oferecer uma a Claire. Ela fica segurando a fatia o tempo todo em que os dois conversam e finalmente dá uma mordidinha na ponta da fatia. E aí N diz "Não acredito no que você está fazendo, está comendo a minha pizza!" e arranca a coisa das mãos dela e come tudo em duas dentadas. Isto faz Claire rir tão alto que seus peitos quase saltam para fora da blusa.

Todas as meninas da L'École usam roupa apertada, saia curta e salto alto. São tipo as putinhas do sistema educacional do Upper East Side. N gosta de azarar todas, e fica nessa o tempo todo, mas se B o enganar por mais tempo, ele pode começar a dar a Claire mais do que uma mordida na pizza. Só que dessa vez Claire o surpreendeu perguntando se ele conhece S. E Claire afirma ter ouvido que S não só engravidou no ano passado, mas que deu à luz na França. O nome de seu bebê é Jules e ele passa muito bem, morando em Marselha.

E quanto a D, bem, ele está se sentando no pátio da Riverside Prep novamente, lendo poesia e comendo PB & J. Sei que isso parece triste, mas não se preocupe com D. A hora dele está chegando. Fique ligada.

Flagra

K estava devolvendo uma bolsa cor-de-rosa com estampa do exército na Barneys. Pessoalmente, achei a bolsa uma graça. Mas alguém deve ter falado mal dela.

Para você que me ama,
Gossip Girl

recados

- Oi, Nate. É Serena. Só estou ligando para saber como você está. Achei que talvez a gente pudesse sair à noite, mas sabe de uma coisa? Estou cansada.

São só 10 horas, mas acho que vou dormir. Vejo você no fim de semana, tá bom? Mal posso esperar. Te adoro. Boa noite.

Serena desligou. Seu quarto parecia muito silencioso. Até a 5ª Avenida estava parada, exceto pelo ocasional táxi que passava.

De onde estava sentada, na cama com dossel, ela podia ver a foto da sua família no porta-retratos de prata, tirada na Grécia quando Serena tinha 12 anos. O capitão do veleiro que eles alugaram tinha batido a foto. Estavam todos em trajes de banho, e seu irmão, Erik, que tinha 14 anos na época, dava um grande e barulhento beijo na bochecha de Serena enquanto os pais olhavam, rindo. Serena tinha menstruado pela primeira vez naquela viagem. Ficou tão constrangida que não conseguiu contar aos pais, mas o que ela devia fazer, presa num barco? Eles estavam ancorados perto da ilha de Rhodes, e enquanto seus pais mergulhavam com snorkel e Serena e Erik deviam ter aulas de windsurf. Erik nadou até a praia, roubou uma Vespa e comprou para ela uns absorventes tamanho grande. Ele voltou com eles num saquinho plástico, amarrado no alto da cabeça, seu herói.

Serena atirou a calcinha acabada ao mar. Provavelmente ainda estava lá, presa num recife em algum lugar.

Agora Erik era um calouro da Brown e Serena nunca o via. Ele foi à França no verão, mas os dois passaram todo o tempo na pegação e não tiveram tempo para conversar.

Serena pegou o telefone novamente e pressionou o botão de discagem rápida para o apartamento do irmão, perto do campus. O telefone tocou até que finalmente a secretária eletrônica atendeu.

- Se você quer deixar um recado para Dillon, aperte 1. Se quer deixar recado para Tim, aperte 2. Se quer deixar recado para Drew, aperte 3. Se quer deixar recado para Erik, aperte 4.

Serena pressionou 4 e depois hesitou.

- Oi...é Serena. Desculpe por não ter ligado antes. Mas você podia me telefonar também, seu babacão. Fiquei presa em Ridgefield, cheia de tédio, até este fim de semana, e agora voltei para a cidade. Hoje foi meu primeiro dia na escola. Foi meio estranho. Na verdade, foi um saco. Todo mundo está...tudo está...sei lá...esquisito... De qualquer forma, me liga. Sinto sua falta, sua besta. Vou te mandar comida assim que puder. Te adoro. Tchau.

a vida é frágil e absurda

- Você é tão cheio de merda, Dan - disse Jenny Humphrey ao irmão. Eles estavam sentados à mesa da cozinha do grande apartamento de 3 andares e 4 quartos na West End Avenue. Era um lugar bonito e antigo, com pé-direito de 3,5 metros, muitas janelas ensolaradas, grande armários e banheiros enormes com pés, mas não era reformado desde a década de 1940. As paredes estavam manchadas de umidade e rachadas, e o piso de madeira era arranhado e fosco. Montes antigos e enormes de poeira se acumulavam nos cantos e juntos dos rodapés como musgos. De vez em quando o pai de Jenny e Dan, Rufus Humphrey, contrata um serviço de limpeza para dar uma faxina no lugar; seu

enorme gato, Marx, mantinha as baratas em ordem, mas na maior parte do tempo a casa parecia um sótão aconchegante e bagunçado. Era o tipo de lugar em que você espera encontrar tesouros perdidos como fotos antigas, sapatos finos ou um osso da ceia de Natal do ano passado.

Jenny comia metade de um grapefruit e bebia um copo de chá de menta. Desde que tinha menstruado na última primavera, ela comia cada vez menos. De qualquer modo, Tudo o que comia ia direto para os peitos. Dan se preocupava com os hábitos alimentares de sua irmãzinha, mas Jenny estava tô vigorosa e cheia de energia como sempre foi; então, o que ele sabia? Por exemplo, ele não sabia que Jenny comprava um bolo de chocolate tostado e amanteigado quase todo dia no caminho para a escola em uma pequena delicatessen na Broadway. Dan comia um donut de chocolate da Entenmann - o segundo - e bebia café instantâneo com mate e 4 colheres de açúcar. Ele gostava de açúcar e cafeína, e isso provavelmente era parte do motivo para as mãos tremerem. Dan não se preocupava em ser saudável. Ele gostava de ser tenso.

Enquanto comia, Dan lia o roteiro de Vanessa Abram para o curta-metragem, o filme que ele devia estrelar. Ficou lendo a mesma frase repetidamente, como um mantra: A vida é frágil e absurda.

- Vai me dizer que você não se importaria que Serena van der Woodsen tenha voltado - dasafiou-o Jenny. Ela colocou um gomo do grapefruit na boca e chupou. Depois enfiou os dedos na boca, puxou a pele branca da polpa e colocou no prato. - Você tem de ver Serena. Ela está completamente cool. É como se tivesse de visual novinho. Não estou falando das roupas; é a cara dela. Ela parece mais velha, mas não tem ruga nem nada disso. É como se fosse a Kate Moss ou uma modelo que foi a tudo que é canto, viu de tudo e saiu do outro lado. Ela parece totalmente, tipo assim, vivida.

Jenny esperou que o irmão respondesse, mas ele encarava a xícara de café. A vida é frágil e absurda.

- Você não quer nem mesmo ver a Serena? - insistiu Jenny.

Dan pensou no que tinha ouvido de Chuck Bass sobre Serena. Ele não queria acreditar em nada daquilo, mas, se Serena parece tão vivida como disse Jenny, talvez o que Chuck disse seja verdade. Talvez Serena realmente fosse a mais piranha, a mais drogada e a mais doente de NY.

Dan deu de ombros e apontou a pilha de casca de grapefruit no prato de Jenny.

- Isso é ridículo. Não dá para você comer sucrilhos ou coisa assim, como uma pessoa normal?

- Qual é o problema de grapefruit? É refrescante.

- Ver você comer desse jeito, não é. É nojento. - Dan enfiou o resto do donut na boca e lambeu o chocolate dos dedos, com o cuidado de não sujar o roteiro.

- Então não olha. E, depois, você não respondeu a minha pergunta.

Dan olhou para cima.

- Que pergunta?

Jenny colocou os cotovelos na mesa e se inclinou para a frente.

- Sobre Serena. Eu sei que você quer vê-la.

Dan voltou a olhar o roteiro e deu de ombros.

- Pode ser.

- Ah, pode ser - disse Jenny, revirando os olhos. - Olha, vai ter uma festa na sexta-feira que vem. Uma festona beneficente para salvar os falcões no Central Park. Sabia que tem falcão no Central Park? Eu não sabia. Mas aí, a Blair Waldorf está organizando, e você sabe que ela e Serena são muito amigas, então claro que Serena vai.

Dan continuou lendo o roteiro, ignorando completamente a irmã. E Jenny continuou, ignorando o fato de que Dan a estava ignorando.

- E aí só o que a gente tem de fazer é dar um jeito de ir nessa festa.- Jenny pegou um guardanapo na mesa, amassou em uma bola e atirou na cabeça do irmão. - Dan, por favor -implorou ela.-A gente tem que ir!

Dan colocou o roteiro de lado e olhou para a irmã, os olhos castanhos sérios e tristes.

- Jenny eu não quero ir a essa festa. Na sexta que vem, provavelmente, vou na casa do Deke para jogar no PlayStation, e depois devo ir para o Brooklyn para ficar com a Vanessa, a irmã dela e os amigos. Como faço toda sexta à noite. Jenny batia nas pernas da cadeira como uma garotinha.

- Mas por quê, Dan? Por que não vai na festa?

Dan sacudiu a cabeça, sorrindo com amargura.

- Porque não fomos convidados? Porque não vamos ser convidados? Desista, Jen. Desculpe, mas é assim que as coisas são. Somos diferentes deles, você sabe disso. Não vivemos no mundo de Serena van der Woodsen ou Blair Waldorf, nem de nenhuma dessas pessoas.

- Ai, como você é covarde! Você me deixa maluca - disse Jenny, revirando os olhos. Ela se levantou e colocou os pratos na pia, esfregando-os furiosamente com a esponja. Depois girou o corpo e colocou as mãos nos quadris. Estava usando um pijama de flanela rosa e seu cabelo castanho crespo estava todo para a frente porque tinha ido dormir com ele molhado. Ela parecia uma minidona-de-casa insatisfeita com peitos que eram dez vezes maiores que o corpo.

- Não ligo para o que você diz. Eu vou nessa festa! -insistiu ela.

- Que festa? - perguntou seu pai, aparecendo na soleira da porta da cozinha.

Se existisse um prêmio para o pai mais constrangedor do universo, Rufus Humphrey ganharia. Estava usando uma camiseta regata branca manchada de suor e calções de boxeador em xadrez vermelho, e coçava a virilha. Não tomava banho há dias e a barba grisalha parecia crescer a intervalos diferentes. Parte dela estava grossa e comprida, mas no meio havia trechos e mais trechos com pêlos curtos. Os cabelos grisalhos e crespos estavam emaranhados e os olhos castanhos remelentos. Tinha um cigarro atrás da orelha.

Jenny e Dan olharam para o pai em silêncio por um tempinho.

Depois Jenny suspirou e voltou aos pratos.

- Deixa pra lá - disse ela.

Dan deu um risinho e inclinou a cadeira para trás. O pai odiava o Upper East Side e todas as suas presunções. Ele só matriculou Jenny na Constance porque era uma escola muito boa e porque ele andou namorando uma das professoras de inglês de lá. Mas ele odiava a idéia de Jenny ser influenciada pelas colegas

de turma, ou "aquelas debutantes", como ele as chamava.

Dan sabia que o pai ia adorar essa.

— Jenny quer ir numa festa beneficente na semana que vem — disse ele.

O sr. Humphrey puxou um dos cigarros da orelha e enfiou na boca, brincando com ele entre os lábios.

— Em benefício de quê? — perguntou ele.

Dan balançava a cadeira para a frente e para trás, com um ar presunçoso na cara. Jenny fechou a torneira e o encarou, desafiando-o a continuar.

— Saca só — continuou Dan. — É uma festa para levantar dinheiro para aqueles falcões peregrinos que vivem no Central Park. Provavelmente vão construir umas mansões para eles, ou coisa parecida. Como se não houvesse milhares de sem-teto precisando de dinheiro.

— Ah, cala a boca — disse Jenny, furiosa. — Você acha que sabe de tudo. É uma festa idiota. Eu nunca disse que era uma ótima causa.

— Chama isso de *causa*? — berrou o pai. — Que vergonha. Aquelas pessoas só querem os pássaros por perto porque eles são *bonitos*. Porque fazem com que elas se sintam no *interior*, como nas casas que têm em *Connecticut* ou no *Maine*. Eles são *decorativos*. As classes ociosas que se dediquem a uma obra de caridade que não faz absolutamente nenhum bem a ninguém!

Jenny se inclinou contra a bancada da cozinha, encarando o teto, e se desligou do pai. Ela já ouviu o mesmo discurso antes. Isso não mudava nada. Ela ainda quer ir àquela festa.

— Eu só quero me divertir um pouco. Por que fazer esse auê todo?

— É um auê porque você vai acabar se acostumando com esse absurdo idiota de debutantes e vai acabar como um grande simulacro como a sua mãe, que anda por aí com gente rica o tempo todo porque tem medo de pensar em si mesma — gritou seu pai, o rosto barbado ficando vermelho-escuro. — Mas que droga, Jenny. Você a cada dia me lembra mais a sua mãe.

Dan de repente se sentiu mal.

A mãe tinha fugido para Praga com um conde ou príncipe ou coisa assim e era basicamente uma mulher sustentada, deixando que o conde ou príncipe ou o que fosse a vestisse e a hospedasse em hotéis de toda a Europa. O que ela fazia o dia todo era comprar, comer, beber e pintar quadros de flores. Ela escrevia cartas para eles algumas vezes por ano e lhes mandava um presente ou outro. No último Natal ela mandou para Jenny um vestido de camponesa da Alemanha. Era uns 10 números menor.

Não foi uma coisa legal seu pai dizer que Jenny lembrava a mãe. Não foi nada legal.

Jenny parecia estar a ponto de chorar.

- Deixa pra lá, pai - tornou Dan. - Não fomos convidados para a festa, de qualquer forma. Então nenhum de nós pode ir, mesmo que queira.

- Viu o que eu quis dizer? - disse o sr. Humphrey, triunfante. - Por que você quer andar com essa gente esnobe?

Jenny encarou o piso sujo e vitrificado da cozinha.

Dan se levantou.

- Vá se vestir rápido, Jen. Eu vou com você até o ponto de ônibus.

***n* recebe um e-convite**

No intervalo de 6 minutos entre o toque da sineta para o fim da aula de latim e o toque de início da aula de educação física, Nate se esgueirou para o laboratório de computação da St. Jude's School. Ele e Blair se acostumaram a trocar um bilhete de amor por e-mail toda quarta-feira (todo bem, foi idéia da Blair), para ajudar a atravessar a chatice da semana de aulas. Só mais 2 dias para o fim de semana, quando eles podiam passar o tempo que quisessem juntos.

Mas hoje Nate não estava pensando em Blair. Ele queria ver como Serena estava indo. Na noite passada ela havia deixado um recado na secretária eletrônica de seu quarto quando ele estava assistindo ao jogo dos Yankees com os amigos. A voz dela parecia solitária, triste e muito distante, embora ela morasse a apenas uma quadra e meia dele. Nate nunca ouviu a voz de Serena tão deprimida. E desde quando Serena van der Woodsen ia dormir cedo? Nate se sentou diante de um dos PCs que zumbiam no laboratório. clicou na janela de Nova Mensagem e digitou o e-mail para o velho endereço de Serena na Constance. Ele não sabia se ela ia verificar ou não, mas valia a pena tentar.

Para: serenavdw@constancebillard.edu

De: narchibald@stiudes.edu

Oi. como é que tá? Recebi seu recado ontem à noite. Desculpa por não estar lá. Vejo você definitivamente na sexta, tá legal? Beijjos, Nate.

Depois ele abriu sua caixa postal. Surpresa, surpresa, havia um bilhete de Blair. Eles não se falavam desde a festa da mãe dela duas noites antes.

Para: narchibald@stiudes.edu

De: blairw@constancebillard.edu

Querido Nate,

Estou com saudades. Segunda à noite acho que foi realmente especial. Antes de sermos interrompidos, eu estava planejando para a gente uma coisa de que falamos por um bom tempo. Acho que você sabe do que estou falando. Acho que o timing não foi dos melhores. Eu só queria dizer a você que estou pronta para isso. Eu não estava pronta antes, mas agora estou. Minha mãe e Cyrus vão viajar na sexta e eu realmente quero dormir com você.

Eu te amo. Me liga.

Beijos,

Blair.

Ele leu o e-mail de Blair 2 vezes e depois fechou o arquivo para não ter de olhar aquilo de novo. Era só quarta-feira. Será possível que Blair continuasse sem saber sobre ele e Serena até sexta, apesar de ela estar na escola com Serena todo dia e elas serem amigas e contarem tudo uma à outra? É mais provável

que não. E o Chuck Bass? Ele não era exatamente muito competente em guardar segredos.

Nate esfregou furiosamente os olhos verdes. Não importava como Blair descobrisse. Para qualquer lado que olhasse, ele estava fodido. Tentou preparar um plano, mas o único plano em que conseguiu pensar foi esperar e ver o que ia acontecer quando encontrasse Blair na sexta à noite. Não tinha sentido ficar agitado com isso agora.

Nesse momento a porta do laboratório de computação se abriu e Jeremy Scott Tompkinson pôs a cabeça na porta.

- Ei, Nathaniel, vamos matar a educação física. Vem com a gente para o parque, vamos jogar bola.

A 2ª sineta tocou. Nate estava atrasado esmo para a aula de educação física, e depois dela tinha o almoço. Matar aula parecia uma idéia excelente.

- Tá, certo. Peraí um minutinho. - Nate clicou no e-mail de Blair e o arrastou para a lixeira. - Tudo bem - disse ele, levantando-se. - Vamos lá.

Hmmm, se ele realmente a amasse, teria salvado o e-mail, ou pelo menos teria respondido, né?

Era um dia ensolarado de outubro no Central Park. Do lado de fora da Sheep Meado, grupos de garotos matavam aula, deitados na grama, fumando ou jogando Frisbee. As árvores que cercavam o gramado eram um esplendor de amarelo, laranja e vermelhos, e além das árvores avultavam os belos apartamentos antigos do Central Park West. Um cara vendia erva, e Anthony e Charlie Dern passaram um enorme cigarro entre eles enquanto brincavam com uma bola de futebol no gramado. Charlie deu um tapa e passou para Jeremy. Nate atirou-lhe a bola e Charlie tropeçou nela. Ele tinha 1,80m de altura sua cabeça era grande demais para o seu corpo. As pessoas o chamavam de Frankenstein. Sempre o louro atlético, até quando estava chapado, Anthony avançou para a bola e a chutou, pelo alto, para Jeremy. Ela atingiu Jeremy no peito magricela, que a “matou” e a deixou rolar pelo corpo, dominando-a entre os pés.

- Caraca, esse troço é forte - exclamou Jeremy, puxando a calça para cima. Ela sempre escorregava por seus quadris, independentemente de o quanto ele apertasse o cinto.

- É, é mesmo – concordou Nate. - Estou totalmente fodido – os pés de Nate coçavam. Parecia que a grama estava crescendo pelo solado de borracha dos tênis.

Jeremy manteve a bola.

- Ei, Nate. Já viu Serena van der Woodsen? – perguntou. – Eu soube que ela voltou.

Nate olhou para a bola por um longo tempo, desejando estar com ela para poder driblar para fora do campo e fingir que não tinha ouvido a pergunta de Jeremy.

Ele podia sentir os outros três garotos olhando para ele. Ele se abaixou e puxou os cadarços do tênis para poder coçar a sola do pé. Droga, como coça.

- É, eu vi a Serena na segunda – disse ele casualmente pulando em um pé só. Charlie limpou a garganta e cuspiu na grama.

- Como é que ela está? – perguntou ele. – Eu soube que ela teve todo tipo de

encrenca na Hanover.

- Eu também soube – disse Anthony, dando um tapa do fumo. – Ouvi dizer que ela foi expulsa porque transou com todo o grupo de caras da turma dela – ele riu. – Tipo assim, não dava para pagar um quarto de hotel?

Charlie riu.

- Eu soube que ela tem um filho. É sério. Ela teve o filho na França e deixou lá. Os pais dela estão pagando para ele ser criado em um convento francês chique. Parece a porra de um filme, cara.

Nate não conseguiu acreditar no que estava ouvindo. Deixou cair o tênis e se sentou na grama. Depois tirou o outro tênis e arrancou as meias. Ele não disse nada, só ficou sentado ali, coçando os pés nus.

- Dá para imaginar Serena com todos aqueles caras fortes no quarto dela? Tipo assim, *Oooh, gato, mais forte, mais forte!* – Jeremy se jogou na grama, agarrado à barriga e gargalhando histericamente. – Ah, cara!

- Será que ela sabe quem é o pai? – perguntou Anthony.

- Ouvi dizer que rolou droga pra caramba também – disse Charlie. – Ela estava traficando e ficou viciado no troço. Passou o verão todo na reabilitação na Suíça. Depois que o bebê nasceu, eu acho.

- Caraca, isso é foda – exclamou Jeremy.

- Você e ela têm um lance, né, Nate? – disse Charlie.

- Onde foi que você ouviu isso? – perguntou Nate carrancudo.

Charlie sacudiu a cabeça e sorriu.

- Sei lá, cara. Por aí. O que é que tem? Ela é gostosa.

- É, bom, eu já vi mais gostosa... – Nate imediatamente se arrependeu. Do que é que ele estava *falando*?

- É, a Blair é bem gostosa também, eu acho – disse Charlie.

- Aposto que ela é doidaça na cama – concordou Jeremy.

- O cara ai fica cansado só de pensar nisso! – interveio Anthony apontando para Nate e gargalhando.

Nate riu e sacudiu a cabeça, tentando sacudir as palavras de seus ouvidos.

Ele se deitou na grama e olhou para o céu azul e vazio. Se inclinasse a cabeça para trás, veria os telhados das coberturas da Quinta Avenida, inclusive as da Serena e Blair. Nate deixou o queixo pender para que só pudesse ver o céu azul. Estava quente demais para lidar com qualquer uma dessas coisas.

Desligou-se dos amigos e tentou limpar a mente completamente, a cabeça tão vazia e azul quanto o céu. Mas não conseguia se livrar da imagem de Serena e Blair flutuando nuas acima de sua cabeça. “Você sabe que me ama”, elas estavam dizendo. Nate sorriu e fechou os olhos.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram

abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Eu sei que não faz muito tempo. Mas eu resisto a escrever mais sobre *N*. Meu novo tema favorito. Afinal de contas, ele é tão absurdamente bonito. Mesmo que seja meio fraquinho no quesito colhões.

CHAPADO NO CENTRAL PARK

Na verdade, meu novo tema favorito é o mauricinóide - a versão da elite inútilóide, ou chapado. Ao contrário do inútilóide chapado médio, o mauricinóide não gosta de RPG, nem faz skate, nem tem uma dieta vegan. Ele tem um corte de cabelo bonitinho e uma boa pele. Cheira bem, veste os suéteres de cashmere que a namorada compra para ele, tira notas decentes e é um doce com a mãe. Veleja e joga futebol. Ele sabe como amarrar uma gravata. Sabe dançar. É sexy! Mas o mauricinóide nunca investe totalmente em nada nem em ninguém. Ele não é entrão e nunca diz o que pensa. Ele não assume riscos, e é por isso que é tão arriscado se apaixonar por ele.

Você pode ter percebido que eu sou o contrário - eu nunca sei quando calar a boca! E acredito seriamente que os opostos se atraem. Tenho de confessar que estou me transformando numa tiete de mauricinóide.

E, pelo visto, eu não sou a única.

Seu E-mail:

P: Cara Gossip Girl,
andei rolando com *N* em um cobertor no central park, pelo menos, acho que era o mesmo *N*, ele é sardento, né? tem cheiro de bronzeador e maconha?
- garotadocobertor

R: Cara garotadocobertor,
HmMMM. Aposto que era.

- GG

Flagra

B comprando camisinhas na farmácia Zitomer. Extragrande reforçada! O que quero saber é como ela sabia que tamanho usar. Acho que já fizeram de tudo, exceto. Depois, *B* foi direto para o salão J. Sisters para sua primeira depilação com cera quente na virilha. Ai. Mas, pode acreditar, vale a pena. Também peguei *S* nos correios, mandando um pacote grande. Roupas para bebê da Barneys para o francesinho, quem sabe? Peguei *I* e *K* na 3 Gyus Coffe Shop, comendo fritas e chocolate quente de novo. Tinham acabado de devolver

aqueles vestidinhos bonitinhos que compraram na Bendel's outro dia - ah, meu bem, ficaram gordas demais neles? - e estavam discutindo outras opções para o que usar na festa *Beijo na Boca*. Que pena que não é uma festa de toga.

Vocabulário

Como muitos de vocês têm perguntado, vou responder à grande pergunta que está frustrando a todos desde que descobriram sobre a festa para os falcões peregrinos.

Tudo bem. De acordo com meu dicionário tijolão aqui:

Falcão: **s. 1.** qualquer das várias aves de rapina da família Falconidae, esp. do gênero Falco, em geral distinguidas por asas longas e em pontas, um bico em gancho com chanfrado em forma de dente de cada lado do bico superior, e um vôo veloz e ágil, em geral mergulha para pegar a presa: algumas espécies de falcão estão em risco de extinção. Falcão peregrino, um falcão distribuído em todo o mundo, Falco peregrinus, muito usado em falcoaria por causa do vôo rápido.

Tenho certeza que ficaram na beiradinha da cadeira com essa. Mas só estou tentando manter vocês informados - esse é meu trabalho.

Vejo vocês no parque!

Para você que me ama,
gossip girl

s tenta se aperfeiçoar

-Bem, é maravilhoso que você tenha voltado, querida - disse a srta. Glos, orientadora universitária da Constance, Serena. Ela pegou os óculos pendurados no pescoço com uma correntinha de ouro e os deslizou no nariz para poder examinar o histórico de Serena, colocado em cima da sua mesa. - Agora, vamos ver. Hmmm. Sim. Tudo bem - murmurou ela, lendo o histórico novamente.

Serena estava sentada diante da srta. Glos, com as pernas cruzadas, esperando pacientemente. Não havia diplomas nas paredes da srta. Glos, nenhuma evidência de qualquer credencial, só retratos dos netos. É de se pensar que, se é para ela dar conselhos sobre o assunto, podia pelo menos provar que sabe. A srta. Glos pigarreou.

- Sim, bem, seu histórico é perfeitamente aceitável. Não é estelar, lembre-se, mas é adequado. Imagino que você tenha atividades extracurriculares, sim? Serena deu de ombros. *Se você chama beber Pernod e dançar nua em uma praia Cannes de atividade extracurricular.*

-Na verdade, não. Quer dizer, não estou matriculada em nenhuma atividade extracurricular atualmente.

A srta. Glos baixou os óculos. Suas narinas ficavam muito vermelhas, e Serena se perguntou se ela estava a ponto de ter uma hemorragia nasal. A srta. Glos era famosa pelas hemorragias nasais. Tinha a pele muito branca, com um toque amarelado. Todas as meninas pensavam que a srta. Glos tinha alguma doença contagiosa terrível.

- Nenhuma atividade extracurricular? Mas o que você está fazendo para se aperfeiçoar?

Serena olhou a srta. Glos de um jeito educado e vago.

Desde quando ela precisava se aperfeiçoar?

- Vejamos. Bem, vamos ter de colocar você em *alguma coisa*, não vamos? -

disse a srta. Glos. - Temo que as faculdades não se disponham a considerar você sem atividades extracurriculares. - Ela se inclinou e puxou um maço de folhas soltas de uma gaveta de mesa e começou a folhear páginas e mais páginas de folhetos impressos em papel colorido.

- Aqui está uma coisa que começa esta semana. "Flores no Feng Shui, a Arte do Design Floral".

Ela olhou para Serena, que fazia uma careta de dúvida.

- Não, tem razão. Isso não vai levar você a Harvard, não é? - disse a srta. Glos com uma risadinha.

Ela arregaçou as mangas da blusa e franziu o cenho para o maço de papéis enquanto folheava rapidamente as páginas. Não desistiria apenas com uma tentativa. Ela era muito boa em seu trabalho.

Serena roeu o polegar. Não tinha pensado nisso. Essas faculdades realmente exigiam que ela fosse um pouco mais do que era. E ela definitivamente queria ir para a faculdade. Uma faculdade boa. Seus pais certamente esperavam que ela fosse pra uma das melhores universidades. Não que eles a pressionassem - mas faziam isso sem dizer nada. E quanto mais Serena pensava no assunto, mais percebia que realmente não havia nada que ela pudesse fazer. Fora expulsa do internato, as notas estavam caindo, ela não tinha idéia do que ia acontecer em qualquer uma de suas aulas e não tinha idéia do que ia acontecer em qualquer uma de suas aulas e não tinha nenhum hobby nem atividade legais depois da escola. Sua pontuação nos testes de aptidão era terrível porque a mente dela sempre divagava durante aquelas provas idiotas de encheção de lingüiça. E quando ela as fizesse de novo, provavelmente seriam ainda piores. Em suma, ela estava ferrada.

- Que tal teatro? Suas notas de inglês são muito boas, você deve fazer teatro - sugeriu a srta. Glos. - Eles só vão ensaiar esta aqui por pouco mais que uma semana. O Clube de Teatro Interescolar está fazendo uma versão moderna de ...E o vento levou. - Ela olhou para Serena novamente. - Que tal?

Serena balançava o pé para cima e para baixo e ruía a unha cor-de-rosa. Tentou se imaginar sozinha no palco interpretando Scarlett O'Hara. Teria de chorar na hora certa, fingir desmaiar e usar vestidos imensos com corpetes e saias-balão. talvez até uma peruca.

Eu nunca vou ter fome de novo! , gritava ela dramaticamente, em sua melhor voz do sul. Podia ser meio divertido.

Serena pegou o folheto da mão da srta. Glos., com o cuidado de não tocar onde a srta. Glos. havia tocado.

- Claro, por que não? Parece legal.

Serena saiu da sala da srta. Glos. quando a última aula do dia estava terminando. Os ensaios de ...*E o vento levou* aconteciam no auditório, mas só iam começar às seis, para que os alunos que praticavam esportes logo depois da aula pudessem participar da peça. Serena subiu a ampla escadaria central da Constance até o quarto andar para pegar o casaco no armário e ver se alguém queria ficar ali até as seis. Em volta dela, as meninas passavam voando, um borrão de energia de fim de dia, correndo para a próxima reunião, exercícios, ensaio ou clube. Por hábito, elas paravam por meio segundo para cumprimentar Serena, porque, desde que se entendiam por gente, ser vista falando com Serena van der Woodsen era ser *vista*.

- Oi, Serena - gritou Laura Salmon antes de descer às pressas a escada para o Clube do Madrigal na sala de música do porão.

- Até mais, Serena - disse Rain Hoffstetter, enquanto passava deslizando com seu short de ginástica, em direção a um treino de futebol.

- A gente se vê amanhã, Serena - garantiu Lily Reed delicadamente, corando porque estava usando os culotes de montaria o que sempre a constrangia.

- Tchau - disse Carmen Fortier, mascando o chiclete, com sua jaqueta de couro e jeans. Ela era uma das poucas meninas com bolsa de estudos no primeiro grau e morava no Brounx. Dizia que não podia usar uniforme em casa para não apanhar. Carmen era presidente do Clube de Design e Arte Floral, embora sempre mentisse aos amigos do bairro e dissesse que fazia caratê.

De repente o corredor ficou vazio. Serena abriu seu armário, puxou o casaco Burberry do cabide e o vestiu.

Depois fechou o armário com estrondo e trotou pelas escadas, saindo pelas portas da escola, virando á esquerda para a rua 93 em direção ao Central Park. Tinha uma caixa de tic tac de laranja no bolso, com apenas um tic tac. Serena pescou o tic tac e o colocou na língua, mas estava tão preocupada com o futuro que mal sentiu o gosto.

Ela atravessou a Quinta Avenida, andando pela calçada que margeava o parque, Folhas caídas se espalhavam pelo asfalto. Mais á frente no quarteirão, duas meninhas do Sagrado Coração com uns aventais xadrezes vermelho e branco bonitinhos passeavam com um rottweiler preto enorme. Serena pensou em entrar no parque na rua 89 e se sentar um pouco para matar o tempo até o ensaio da peça. Mas sozinha? O que ela ia fazer, olhar as pessoas? Ela sempre foi uma daquelas pessoas que todos *os outros* olhavam.

Então ela foi pra casa.

A casa ficava no número 994 da Quinta Avenida, um prédio elegante e branco perto do Stanhope Hotel e bem em frente do Metropolitan Museum of Art. Os van der Woodsens possuíam metade da cobertura. O apartamento tinha 14

cômodos, incluindo cinco suítes, dependências completas de empregada, uma sala de estar do tamanho de um salão de baile e duas salas elegantíssimas com bar e home theaters imensos.

Quando Serena chegou em casa, o enorme apartamento estava vazio. Os pais raramente estavam em casa. Seu pai administrava a mesma empresa de navegação holandesa que o trisavô fundava na década de 1700. Os pais pertenciam ao conselho diretor de todas as grandes organizações de arte e de caridade da cidade e sempre tinham de comparecer a reuniões, almoços ou levantamentos de fundos. Deidre, a empregada, estava fazendo compras, mas o lugar estava imaculado e havia vasos de flores frescas em casa cômodo, inclusive nos banheiros.

Serena abriu a porta corrediza da menor das salas e reclinou a poltrona favorita de veludo azul, Pegou o controle remoto e pressionou os botões para abrir o armário da tv e ligar o aparelho de tela plana. Zapeou pelos canais com impaciência, incapaz de se concentrar no que quer que visse, parando finalmente do *TRL*, muito embora achasse Carson Daly o homem mais irritante do mundo.

Não assistia muito a tv ultimamente. No internato, as colegas de quarto faziam pipoca e chocolate para ver, de pijama, o *Saturday Night Live* ou *Jackass*, mas Serena referia fugir para beber schnapps de pêra e fumar cigarros com os meninos do porão da capela.

Mas o que mais a aborrecia agora não era Carson Daly ou mesmo o gato de ela estar sentada sozinha em casa sem nada para fazer, era idéia de que podia passar o resto da vida fazendo exatamente isso - vendo tv sozinha no apartamento dos pais -, se não fizesse alguma coisa decente e fosse para a faculdade! Por que ela era tão idiota? Todo mundo parecia estar fazendo uma merda qualquer. Será que tinha perdido a importantíssima conversa "está na hora de fazer alguma coisa direito"? Por que ninguém a avisou de nada?

Bem, não tinha sentido ficar tão ansiosa. Ainda tinha tempo. Ela podia se divertir também. Não tinha de virar freira só porque estava entrando no Clube de Teatro Interescolar, ou o que fosse.

Serena desligou a tv e foi para a cozinha. A cozinha dos van der Woodsens era gigantescas. Armários de vidro junto às paredes sobre as brilhantes bancadas de aço inox. Tinha dois fogões de restaurante e três geladeiras Sub-Zero. Uma enorme mesa de açougueiro ficava no meio da cozinha, e em cima da mesa havia uma pilha de correspondência.

Serena deu uma olhada na correspondência. A maioria era de convites para os pais - envelopes quadrados brancos, impressos em tipografia antiquada- a bailes, jantares beneficentes, levantamentos de fundos e leilões. Depois havia os vernissages - cartões-postais com a foto de uma obra do artista de um lado e os detalhes do vernissage no verso. Um deles chamou a atenção de Serena.

Obviamente estava esquecido na correspondência havia algum tempo, porque parecia surrado, e o vernissage que anunciava começava às quatro da tarde na quarta-feira, que era...*agora*. Serena virou o cartão olhou a foto da obra do artista. Parecia um close em preto-e-branco de um olho, pintado de rosa. O título da obra era *Kate Moss*. E o nome da exposição era "Nós Bastidores". Serena

semicerrou os olhos. Havia alguma coisa de inocente e bela naquilo, e ao mesmo tempo era meio grosseiro. Talvez não fosse um olho. Ela não sabia bem o que era. Mas era definitivamente bacana. Isso era inquestionável; Serena descobriu o que ia fazer na duas horas seguintes.

Foi correndo para o quarto, tirou o uniforme marrom e pegou a calça preta de couro favorita. Depois pegou o casaco e chamou o elevador. E minutos ela estava saindo de um táxi diante da Whitehot Gallery em Chelsea.

No minuto em que entrou ali, Serena tratou de pegar um martíni e assinou a lista de convidados. A galera estava cheia de hipsters de vinte e poucos anos com roupas moderninhas, bebendo martíni e admirando as fotos penduradas nas paredes. Cada fotografia era parecida com um cartão-postal, aquele mesmo close de um olho em preto-e-branco ampliado, em diferentes formatos e tamanhos pintados em cores diferentes. Debaxo de cada um deles havia uma etiqueta, e em cada etiqueta o nome de uma celebridade: Kate Moss, Kate Hudson, Joaquin Phoenix, Jude Law, Gisele Bündchen, Cher, Eminem, Christina Aguilera, Madonna, Elton John.

Saía música pop francesa de alto-falantes invisíveis. Os fotógrafos, os irmãos Remi, gêmeos idênticos de uma modelo francesa e um deque inglês, estavam sendo entrevistados e fotografados por *Art Forum*, *Vogue*, *W*, *Harper's Bazaar* e o *New Your Times*.

Serena analisou cada fotografia cuidadosamente. Não eram olhos, concluiu ela, agora que as via ampliadas. Mas o que eram? Umbigos?

De repente Serena sentiu um braço em volta de sua cintura.

-Oi, *ma chérie*. Linda garota, Qual é o seu nome?

Era um dos irmãos Remi. Tinha 26 anos e 1,90m, a mesma altura de Serena. Tinha cabelos pretos crespos e olhos azuis brilhantes. Falava com sotaque francês e britânico. Estava vestido da cabeça aos pés de azul-marinho, tinha lábios vermelho escuro que se curvavam para cima como os de uma raposa. Ele era absolutamente lindo, como também seu irmão gêmeo.

Garota de sorte.

Serena não resistiu quando ele a colocou em uma foto com ele e o irmão para a seção Styles da edição de domingo do *New York Times*. Um irmão ficou ao lado de Serena e a beijou no pescoço, enquanto o outro se ajoelhou diante dela e abraçou seus joelhos. Em volta deles, as pessoas olhavam cobiçosamente, ansiosas para ter um vislumbre da nova garota "da hora".

Todo mundo em Nova York queria ser famoso. Ou pelo menos ver alguém que fosse famoso, para poder falar disso depois.

O colunista social do *New York Times* reconheceu Serena das festas a que compareceu um ano ou mais atrás, mas não tinha certeza de quem era ela.

-Serena van der Woodsen?, estou certo? - disse ele, desviando os olhos do notepad para olhar para ela.

Serena enrubesceu e assentiu. estava acostumada a ser reconhecida.

-Você *precisa* posar pra nós - arfou um dos irmãos Remi, beijando a mão de Serena.

-Precisa mesmo - concordou o outro, dando uma azeitona a ela.

-Claro. Por que não? - Serena riu, embora não tivesse idéia de com o que estava concordando.

Um dos irmãos Remi apontou uma porta com a placa Privativo do outro lado da galera.

-Vamos conversar ali - sugeriu ele. - Não fique nervosa. Nós dois somos gays.

Serena riu e tomou um longo gole de seu drinque. Será que estavam brincando? O outro irmão deu-lhe um tapinha na bunda.

-Está tudo bem, querida. Você é absolutamente estonteante, então não precisa se preocupar com nada. Vamos. Voltaremos rapidinho.

Serena hesitou, mas só por um segundo. Ela podia se equiparar a gente como Christina Aguilera e Joaquin Phoenix. Sem problema. De queixo erguido, ela foi em direção à porta com a placa Privativo.

Mas aí um cara de Associação Pública de Artes e uma mulher do Departamento de Trânsito de Nova York apareceram para falar com os irmãos Remi sobre um novo programa público de vanguarda. Eles queriam colocar uma foto dos irmãos Remi nas laterais dos ônibus, no metrô e na publicidade em cima de táxis em toda a cidade.

-Sim, claro que sim - concordaram os Remi. - Se puder esperar um minuto, vamos fazer uma nova agora. Podemos dá-la exclusivamente para vocês!

-Como ela se chama? - perguntou ansiosa a mulher do Departamento de Trânsito.

-Serena - disseram os rapazes Remi em uníssono.

o despertador social está próximo de santidade

-Encontrei uma gráfica que fará isso para amanhã à tarde e vai subscitar cada um dos convites para que estejam aqui na sexta-feira de manhã - disse Isabel, satisfeita consigo mesma por ser tão eficiente.

- Mas olha como ficou caro. Se a gente usar, depois vai ter que cortar custos em outras coisas. Viu quanto a Takashimaya está cobrando pelas flores?

Assim que terminaram as atividades da quarta-feira depois da aula, o comitê organizador da *Beijo na Boca* se reuniu com batatas fritas e chocolate quente em um reservado da 3 Guys Coffee Shop - Blair, Isabel, Kati e Tina Ford, da Seaton Arms School - para tratar dos últimos preparativos para a festa.

A crise com que lidavam estava no fato de que a festa ia acontecer em nove dias e ninguém ainda tinha recebido o convite . Os convites tinham sido encomendados semanas antes, mas graças a uma confusão sobre o local da festa, que aconteceria no The Park - um novo restaurante de sucesso no baixo Chelsea - e foi transferida para o antigo prédio da Barneys na rua 17 com a Sétima Avenida, os convites prontos eram inúteis. As meninas passavam por um aperto. Tinham de conseguir convites novos, e rápido, ou não haveria festa nenhuma.

-Mas a Takashimaya é só *um* dos lugares para a gente comprar flores. E não custa tão caro assim. Ah, vamos lá Blair, pense em como vai ser legal - gemeu Tina.

- Sai caro, sim - insistiu Blair. - E tem um monte de lugares para se compara flores.

-Bem, talvez a gente possa pedir ao pessoal do falcão peregrino para arrumar isso - sugeriu Isabel. Ela pegou uma batata frita, mergulhou em ketchup e enfiou na boca. -Eles quase não fizeram nada.

Blair revirou os olhos e soprou seu chocolate quente.

-Aí é que está o problema. *Nós* é que estamos levantando dinheiro para eles. É uma *causa*.

Kati enrolou uma mecha de seu cabelo louro frisado no dedo.

-O que é um falcão peregrino, afinal de contas? É tipo um pica-pau?

-Não, acho que é maior - explicou Tina. - Eles comem outros animais, entendeu, tipo coelho, rato, essas coisas.

-Eca! - disse Kati.

-Eu li uma definição de um deles um dia desses - refletiu Isabel. - Não consigo lembrar onde foi.

GossipGirl.net, talvez?

-Eles estão quase extintos - acrescentou Blair. Ela passou o dedo pela lista de convidados para a festa. Havia trezentas e sessenta ao todo. Todos jovens - sem os pais graças a Deus.

Os olhos de Blair automaticamente foram atraídos para um nome perto do fim da lista: Serena van der Woodsen. O endereço dado era de seu quarto no alojamento Hanover Academy, em New Hampshire. Blair baixou a lista na mesa sem corrigir o endereço de Serena.

-Vamos ter de gastar dinheiro extra com a gráfica e cortar onde pudermos - disse ela rapidamente. - Eu posso cortar onde pudermos - disse ela rapidamente. - Eu posso falar com a Takashimaya para usar lírios em vez de orquídeas e deixar pra lá as penas de pavão em volta dos vasos.

-Posso fazer os convites - ofereceu-se uma vozinha atrás delas. - De graça.

As quatro meninas se viraram para ver quem era.

Olha só, é a menininha-boneca, pensou Blair. *Da sétima série que faz a caligrafia dos hinários da escola.*

Posso fazer os convites a mão hoje à noite e colocá-los no correio. Só vai ter o custo do material, mas eu sei onde conseguir papel de boa qualidade por um preço bom - disse Jenny Humphrey.

-Ela fez todos os hinários da escola - cochichou Kati para Tina. - Ficaram muito bons.

- É - concordou Isabel. - São muito bacanas.

Jenny corou e encarou o brilhante piso de linóleo da cafeteria, esperando que Blair se decidisse. Ela sabia que era Blair quem importava.

- E vai fazer tudo de graça? - perguntou Blair desconfiada.

Jenny ergueu os olhos.

Blair pesou os prós e os contras mentalmente. Prós: Os convites seriam exclusivos e, melhor de tudo, gratuitos, e assim elas não teriam de economizar nas flores. Contras: Não havia absolutamente nenhum.

Blair olhou para a garota-boneca de cima a baixo. Sua ajudantezinha da sétima série com um peito enorme. Ela era do tipo que gosta de dar duro, ficaria

totalmente deslocada na festa... e quem ligaria para isso?

-Claro, você pode fazer os convites. Faça um para seus amigos também - disse Blair entregando a lista de convidados a Jenny.

Quanta generosidade.

Blair deu todas as informações necessárias a Jenny, que saiu esbaforida da cafeteria. As lojas logo estariam fechadas e ela não tinha muito tempo. A lista de convidados era maior do que previra, e ela teria de ficar trabalhando a noite toda nos convites, mas ia à festa; era só o que importava.

Espere só até ela contar a Dan. Ele vai ficar *doente*. E ela vai fazer com que ele vá à festa, goste ele ou não.

e o vento levou tudo pras cucuias

Dois martinis e três rolos de filmes dos irmãos Remi depois, Serena saltou de um táxi na frente do Constance e subiu correndo as escadas para o auditório, onde o ensaio da peça interescolar já havia começado. Como sempre, ela estava meia hora atrasada.

O som de uma música do Talking Heads tocado no piano vinha pelo corredor. Serena empurrou a porta do auditório e via seu velho amigo, Ralph Bottoms III, cantando *Burning Down the South*, com uma cara completamente séria. Estava vestido com Rhett Butler, de bigode falso e botões de bronze. Ralph tinha engordado nos últimos dois anos e seu rosto estava corado, como se ele andasse comendo carne demais. Ele estava de mãos dadas com uma garota atarracada de cabelos castanhos crespos e um rosto em forma de coração - Scarlett O'Hara. Ela também cantava, cingindo as palavras com um sotaque forte do Brooklyn.

Serena se apoiou de costas na parede para ouvir, com um misto de horror e fascínio. A cena na galeria de arte não havia perturbado, mas isto... era apavorante.

Quando a música terminou, os outros membros do Clube do Teatro Interescolar aplaudiram e gritaram, e depois a professora de teatro, uma inglesa meia velha, começou a dirigir a cena seguinte.

- Coloque as mãos nos lábios, Scalett- insistiu ela. -Mostre-me, mostre-me. Isso. Imagine que você é a sensação adolescente do sul da Guerra Civil. Você está quebrando todas as regras!

Serena se virou para olhar pela janela e viu três meninas saindo juntas de um táxi na esquina da rua 93 com a Madison. Semicerrou os olhos e reconheceu Blair, Kati e Isabel. Serena se abraçou, afastando a estranha sensação que a assaltava desde que voltara à cidade, Pela primeira vez em toda a vida, ela se sentiu excluída.

Oi! Tchau! -, Serena deslizou para fora do auditório e saiu pelo corredor. A parede estava cheia de folhetos e notícias e ela parou para ler. Um dos folhetos era da seleção de elenco do filme de Vanessa Abrams.

Conhecendo Vanessa, o filme ia ser sério e obscuro, mas era melhor do que gritar músicas bobalhonas e ficar embromando com o vermelhão gordo do Ralph Bottoms III. A seleção de Vanessa tinha começado havia uma hora, em um

banco do Madison Square Park, mas talvez ainda desse tempo. Mais uma vez Serena se viu correndo atrás de um táxi, direto para o centro.

-É assim que quero que você faça - disse Vanessa a Marjorie Jaffe, segundanista da Constance e a única menina que apareceu para se candidatar ao papel de Natasha no filme de Vanessa . Marjorie tinha cabelos ruivos crespos e sardas, um narizinho arrebitado e não tinha pescoço. Mascava chiclete sem parar e era completamente errada para o papel, um pesadelo.

O sol estava, se pondo e o Madison Square Park ficou imerso em um brilho rosado. O ar tinha cheiro de Nova York no outono, uma mistura de fumaça de lareira, folhas mortas, cachorro-quente fervendo, xixi de cachorro e escapamento de ônibus.

Daniel estava deitado de costas no banco do parque como Vanessa lhe tinha dito para fazer, um soldado ferido, o corpo esparramado pateticamente, Ferido na guerra e no amor, ele estava tragicamente pálido e parecia amarfanhado. UM pequeno cachimbo de crack de vidro estava pousado em seu peito. Por sorte Vanessa o achou na rua em Williamsburg no fim de semana. Era o objeto de cena perfeito para seu príncipe sensualmente prejudicado.

- Vou ler a parte de Natasha. Preste bem atenção - explicou ela a Marjorie. - Tudo bem, Dan, vamos lá.

Vanessa respirou fundo.

- Você não dormiu? – começou Vanessa-como-Natasha, examinando Dan-como-príncipe-Andrei.

- Não, procurei você por muito tempo. Eu sabia, por instinto que você estaria aqui. Só você me dá essa sensação de repouso suave... que luz! Sinto-me exsudando de pura alegria - respondeu baixinho Dan-como-príncipe-Andrei. Vanessa se ajoelhou junto à cabeça de Dan, o rosto radiante de deleite solene.

- Natasha, eu a amo com tanta ternura! Mais que o mundo todo! - arfou Dan, tentando se sentar e caindo de volta ao banco como quem sente dor.

Ele disse que a amava! Vanessa pegou a mão dele, o rosto enrubescendo de emoção. Ela foi completamente apanhada pelo momento. Depois se lembrou, soltou a mão de Dan e se levantou.

-Agora é sua vez, Marjorie.

-Tá legal. - Majorie mascava o chiclete de boca aberta. Puxou os cabelos vermelhos e duros e os afofou para o alto com a mão. Depois se ajoelhou junto ao banco de Dan e ergueu o roteiro. - Pronto? - perguntou ele.

Dan assentiu.

-Você não dormiu? - disse Marjorie, piscando os olhos como quem paquera e estalando o chiclete.

Dan fechou os olhos e disse sua fala. Podia passar por isso sem rir desde que ficasse de olhos fechados.

Na metade da cena, Marjorie usou um sotaque russo falso. Foi inacreditavelmente ruim.

Vanessa sofria em silêncio, perguntando-se o que ia fazer sem uma Natasha. Por um momento imaginou-se comprando uma peruca e fazendo ela mesmo o papel, deixando que outra pessoa a filmasse. Mas era o projeto dela; Vanessa

tinha de filmar isso.

Foi então que alguém cutucou o braço e sussurrou:

-Você se importa se eu fizer o teste quando ela acabar?

Vanessa se virou e deu com Serena van der Woodsen parada atrás dela, sem fôlego de correr pelo parque. As bochechas estavam rubras e os olhos eram tão escuros quanto o céu do crepúsculo. Serena era sua Natasha, se é que já existiu alguma.

Daniel pôs-se de pé num salto, esquecendo-se dos ferimentos e da fala. O cachimbo de crack rolou para o chão.

-Peraí, eu não terminei. - Marjorie cutucou Dan no braço. - Acho que você tem que beijar minha mão.

Dan a encarou com o olhar vazio.

- Claro - disse Vanessa a Serena. - Marjorie, você se importa de dar seu roteiro a Serena?

Serena e Marjorie trocaram de lugar. Dan agora estava com os olhos abertos. Nem piscava.

Eles começaram a ler.

- Procurei você por muito tempo. - Cada palavra de Dan era verdadeira.

Serena se ajoelhou ao lado dele e pegou sua mão. Dan achou que ia desmaiar e ficou grato por estar deitado.

Ei, calma aí, garoto.

Dan já participara de várias peças, mas nunca tinha sentido tal "química" com alguém antes. E estar sentindo essa química com Serena van der Woodsen era como ter uma morte primorosa. Ele sentia que ele e Serena estavam compartilhando o mesmo ar. Ele inalava e ela exalava. Dan estava parado em silêncio, enquanto Serena explodia ao lado dela como fogos de artifício.

Serena também estava gostando. O roteiro era bonito e apaixonado, e esse cara suquinho, o Dan, era mesmo bom ator.

Essa eu posso fazer, pensou ela meio emocionada. Serena nunca pensou realmente no que queria fazer a vida, mas talvez atuar fosse a dela.

Eles ficaram lendo além do ponto de parada. Era como se esquecessem de que estavam atuando. Vanessa franziu o cenho. Serena era ótima-eles eram ótimos juntos-,mas Dan estava tendo uma síncope. Era um nojo total.

Os homens são tão previsíveis, pensou Vanessa e limpou a garganta ruidosamente.

- Obrigada, Serena. Obrigada, Dan.- Ela fingiu rabiscar uns comentários em seu bloco.-Vou comunicar a você amanhã, tudo bem?- disse ela a Serena. *Vai sonhando*, escreveu ela.

- Foi divertido!- Serena sorriu para Dan.

Dan olhou para ela sonhadamente do banco, ainda extasiado.

- Marjorie, digo a você amanhã também, tá? - disse Vanessa à ruiva.

- Tá legal- respondeu Marjorie. - Obrigada.

Dan se sentou, piscando.

- Muito obrigada por me deixar fazer o teste. - Serena falou com doçura, virando-se para ir embora.

- Te vejo depois- disse Dan, parecendo drogado.
- Tchou. - Marjorie acenou para ele e correu atrás de Serena.
- Vamos ensaiar sem monólogo, Dan - disse Vanessa ríspida. - Quero filmar isso primeiro.

- Que metrô você pega? - perguntou Marjorie a Serena, enquanto se afastavam do parque.

- Hmm - disse Serena. Ela nunca pegou o metrô, mas não morreria se acompanhasse Marjorie. - O 6, eu acho.

- Ei, eu também. Podemos ir juntas.

Era a hora do rush e o metrô estava lotado. Serena se viu encalhada entre uma mulher com uma enorme sacola da Daffy e um garotinho gordo que só podia se segurar no casaco de Serena, em que se agarrava toda vez que o trem arrancava. Marjorie se segurava no corrimão acima da cabeça, mas só as pontas dos dedos podiam alcançá-lo e ela ficava tombando para trás, pisando no pé das pessoas.

- Você não acha que o Dan é uma gracinha? - perguntou Marjorie a Serena. -

Mal posso esperar o início das filmagens. Vou ficar grudada nele todo dia!

Serena sorriu. Claro que Marjorie pensava que tinha conseguido o papel, o que era meio triste, porque Serena estava certa de que o papel era *dela*. Estava totalmente agarrada nele.

Serena imaginou como conhecer Dan. Ela se perguntou que escola ele freqüentava. Ele tinha olhos escuros e obsessivos, e disse sua fala como se fosse real. Ela gostou disso. Jamais ter de ensaiar bastante juntos depois da escola. Ela se perguntou se ele gostava de sair e o que preferia beber.

O trem parou de repente na rua 59 com a Lexington - Bloomingdale. Serena caiu em cima do garotinho.

- Ai- resmungou ele, olhando para ela.

- É aqui que eu fico - disse Marjorie, abrindo caminho até a porta. - Desculpe se você não ficou com o papel. Te vejo amanhã na escola.

- Boa sorte! - gritou Serena. O vagão do metrô esvaziou e ela escorregou para um assento, sua mente ainda em Dan.

Ela se imaginou bebendo *Irish coffees* com ele em cafeterias escuras e discutindo literatura russa. Dan parecia que lia muitos. Ele podia dar livros a ela e ajudá-la com a interpretação. Talvez eles ficassem amigos. Agora ela podia ter novos amigos.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

participei de uma peça interescolar uma vez. Tive uma ótima fala: "Iceberg!" Adivinha em que peça eu estava e o que estava vestindo? A centésima pessoa que acertar ganhará um pôster dos irmãos Remi.

Chega de falar de mim

A ESTRÉIA DE S COMO MODELO

Fiquei de tocaia este fim de semana para o novo pôster que decora os ônibus, dentro do metrô e o teto dos táxis, e disponível online para ser todo seu (eu sei disso porque estou conectada). É uma foto grande de **S** - não gosto do rosto dela, mas com o nome para você saber que é ela mesmo. Parabéns a **S** por sua estréia como modelo!

Flagra

B, K e I na **3 guys** comendo fritas e bebendo chocolate quente com grandes sacolas gordas da Intermix debaixo da mesa.
Será que essas garotas não tem outro lugar para ir? E nós aqui pensando que elas sempre saem para beber e cair na farrá. Que decepção. Mas eu vi **B** colocar uns goles de conhaque no chocolate. Boa garota. Também vi a mesma menina de peruca indo na clínica de DST no centro se era **S**, ela definitivamente está com um caso dos brabos. Ah, e para o caso de você se perguntar porque eu frequento o bairro da clínica de DST - eu corto meu cabelo num salão muito bacana do outro lado da rua.
Seu E-mail

P: cara gossip girl,
você é mulher mesmo? parece o tipinho que finge ser mulher e na verdade é um jornalista de 50 anos entediado sem nada melhor para fazer do que sacanear gente como eu. mané.
-jdwack

R: Carissimo Jdwack,
Sou a garota mais mulher que você já conheceu. E sou pré-universitária, pré-votante também. Como é que eu vou saber se você não é um cara amargurado de 50 anos cheio de pereba na cara atirando sua angústia para cima de meninas inocentes como eu?
-GG.

P: Cara GG,
Eu adoooooro tanto sua coluna que mostrei pro meu pai, que amou total! Ele tem amigos que trabalham na *Paper* e na *Village Voice* e em outras revistas. Não se surpreenda se sua coluna ficar muito, muito maior! Espero que você não

se importe! Te adoro sempre!!!!
-JNYHY

R: *Me importar?! De jeito nenhum. Estou prestes a ficar grande. Eu serei imensa. Chega de papéis de merda uma fala em peças interescolares. Você vai ver a mim na lateral de um ônibus um dia desses. É nessa!*

Pra você que me ama,
gossip girl

maltratada no recreio

-Hmmm - Serena olhou os biscoitos sobre uma mesa no refeitório da Constance. Creme de amendoim, pedaços de chocolate, aveia. Perto dos biscoitos estavam copos de plástico cheios de suco de laranja ou leite. Uma funcionária controlava os biscoitos, certificando-se que cada menina ganhasse apenas dois. Era o recreio, o intervalo diário de vinte minutos que a Constance dava às meninas depois do segundo tempo, independentemente da série em que estivessem.

Quando a funcionária do refeitório virou a cabeça, Serena pegou seis biscoitos de creme de amendoim e se afastou correndo para se empanturrar. Não era exatamente um café da manhã saudável, mas teria de ser esse mesmo. Tinha ficado a noite toda acordada tentando ler a edição encadernada em couro de seu pai de *Guerra e paz* para se preparar melhor para o filme de Vanessa. Caramba, *Guerra e paz* tem tipo dois milhões de páginas Saca a Bíblia? Serena viu Vanessa, vestindo a blusa preta gola alta de sempre e com uma expressão entediada, saindo da cozinha do refeitório com uma xícara de chá na mão. Serena acenou um biscoito para ela, e Vanessa se aproximou.- Oi - disse Serena alegremente. - Já decidiu?

Vanessa bebericou o chá. Passou metade da noite acordada tentando decidir entre Serena e Marjorie para o papel. Mas não conseguia tirar da cabeça a cara de Dan lendo o roteiro com Serena. E não importava o quanto Serena fosse boa, ela não queria de jeito nenhum ver aquela cara do Dan de novo. Ela certamente não queria capturar aquilo no filme.

-Na verdade, sim. - Não falei com a Marjorie ainda - disse Vanessa calmamente, nas vou dar o papel a ela.

Serena deixou cair o biscoito que estava comendo no chão, estarecida.

-Oh.

-É. - Vanessa era obviamente perfeita para o papel. - A Marjorie é bem crua e inocente. É o que estou procurando, Dan e eu achamos que seu desempenho foi meio...hmmmm... educado demais.

-Oh - repetiu Serena. Ela não conseguia acreditar nisso. Até Dan a havia vetado? Ela pensou que eles seriam amigos.

- Desculpe - disse Vanessa, sentindo-se meio mal. Ela sabia que não devia ter metido o Dan na história. Ele nem sabia que ela estava dispensando a Serena. Mas parecia mais profissional desta forma. Como se ela não tivesse nada de pessoal contra Serena, de jeito nenhum. Era uma decisão estritamente profissional. - Mas você é uma boa atriz - acrescentou ela. - Não fique desanimada.

- Obrigada - disse Serena. Agora não ia mais sair com Dan e ensaiar as falas como tinha imaginando. E o que ia dizer à srta. Glos? Ela ainda não tinha nenhuma atividade extracurricular, e nenhuma faculdade meio decente ia aceitá-la.

Vanessa se afastou, procurando por Marjorie para dar as boas novas. Agora que Marjorie era a estrela, teria de mudar o filme todo. Teria de ser uma comédia. Mas pelo menos ela se safou de fazer *Amor sem fim no parque ao anoitecer*, estrelando Serena van der Woodsen e Daniel Humphrey. Bleargh.

Serena ficou de pé no canto do refeitório, os biscoitos restantes esfarelados na mão... *E o vento levou* era uma imbecilidade total e ela era educada demais para *Guerra e paz*. O que mais ela podia fazer? Serena roeu a unha do polegar, imersa em pensamentos.

Talvez pudesse fazer seu próprio filme. Blair fazia cinema- ela podia ajudar. Quando eram mais novas, sempre falavam de fazer filmes, Blair sempre ia ser a estrela, usando roupas Givenchy de classe como Audrey Hepburn, só que Blair preferia Fendi. E Serena sempre quis dirigir. Ela usaria calça de linho largona, gritaria num megafone e se sentiria em uma cadeira com a palavra "diretora". Essa era a chance delas.

-Blair. - Serena quase gritou quando viu Blair na mesa do leite. Correu até lá, tomada pelo brilhantismo da idéia. - Preciso de sua ajuda - disse Serena, apertando o braço de Blair.

Blair enrijeceu o corpo até Serena largá-la.

-Desculpe. Olha só, eu quero fazer um filme, e achei que você podia me ajudar, sabe como é, tipo com as câmeras e essas coisas, já que você faz cinema. Blair olhou de lado para Kati e Isabel, que estavam bebendo leite em silêncio atrás dela. Depois sorriu para Serena e sacudiu a cabeça.

-Desculpe, mas eu não posso. Estou cheia de atividades todo dia depois da escola. Não tenho tempo.

-Ah, vamos, Blair - insistiu Serena, pegando a mão de Blair. - Lembra, a gente sempre quis fazer isso. Você queria ser Audrey Hepburn.

Blair retirou a mão e cruzou os braços no peito, olhando novamente para Kati e Isabel.

-Não se preocupe, vou fazer todo o trabalho - acrescentou Serena rapidamente.

- Só o que você tem de fazer é me mostrar como usar a câmera e a iluminação, essas coisas.

Não posso - insistiu Blair. - Desculpe.

Serena franziu os lábios para evitar que tremessem. Seus olhos pareciam aumentar cada vez mais e seu rosto estava ficando manchado.

Blair tinha visto essa transformação em Serena muitas vezes quando eram crianças. Uma vez, quando as duas tinham oito anos, elas andaram cinco

quilômetros de casa de campo de Serena até a cidade de Ridgefield para comprar sorvete de casquinha. Serena saiu da sorveteria com a casquinha tripla de morango com flocos de chocolate e tropeçou num cachorro deitado na calçada. As três bolas de sorvete caíram no chão. Os olhos de Serena ficaram imensos e seu rosto parecia ter sarampo. As lágrimas começaram a rolar, e Blair estava prestes a se oferecer para dividir sua casquinha com Serena quando o dono da loja saiu com uma casquinha nova para ela.

Ver Serena à beira das lágrimas mais uma vez tocou alguma coisa no fundo de Blair, como um impulso involuntário.

-Hmmm. Mas vamos sair na sexta-feira - disse ela a Serena. -Vamos beber lá pelas oito no Tribeca Star, se quiser aparecer.

Serena respirou fundo e assentiu.

-Como nos velhos tempos. - Ela afastou as lágrimas e tentou sorrir.

-Isso - disse Blair.

Ela fez uma anotação em seu PalmPilot mental para dizer a Nate para não aparecer na sexta, agora que Serena ia. O novo plano de Blair era virar uns drinques com Serena no Tribeca Star, sair cedo, ir para casa, encher o quarto de velas, tomar banho e esperar por Nate. E depois eles transariam a noite toda com uma música romântica. Ela já gravou um CD sensual para tocar quando eles transassem.

Até as garotas da classe recorrem a coisas vulgares como gravar CDs quando vão perder a virgindade.

A sineta tocou e as meninas tomaram caminhos separados para a aula; Blair para a aula da tarde de realização acadêmica avançada e Serena para sua sala chata de artesanato americano. Serena não conseguia acreditar que tinha sido rejeitada não uma vez, mas duas, em menos de dez minutos. E enquanto pegava os livros no armário, tentou preparar um novo plano de ação. Não ia desistir tão fácil. Sua foto não estava na lateral de um ônibus à toa.

sonho romântico e enfumaçado de uma moradora do west side

Vanessa matou os primeiros cinco minutos da aula de cálculo para ligar para Daniel em seu celular. Ela sabia que ele tinha o quarto tempo livre para estudar às quintas-feiras, e provavelmente estava fora da sala, lendo poesia ou fumando. Uma garota estava usando o telefone público da Constance no corredor perto da escada, então Vanessa escapuliu para o telefone público da esquina da rua 93 com a Madison.

os garotos do primeiro grau jogavam queimado no pátio da Riverside Prep School, então quando o telefone celular tocou, Dan estava sentado em um banco no canteiro central no meio da Broadway. Ela tinha acabado de abrir *O Estrangeiro*, de Albert Camus, que estava lendo na aula de francês daquele ano. Dan ficou siderado. Já havia lido a tradução para o inglês, mas era especialmente legal ler o original em francês, em particular sentado na calçada bebendo café e fumando um cigarro no meio da barulhenta e fedorenta Broadway. Era bem hardcore. Enquanto as pessoas passavam apressadas para chegar a algum lugar, Dan se sentia distante e afastado do caos do dia-a-dia,

exatamente como o cara do livro.

Dan tinha círculos escuros em volta dos olhos porque não conseguira dormir na noite anterior. Só no que conseguia pensar era em Serena van der Woodsen. Eles iam estrelar um filme juntos. Iam até se beijar. Era bom demais para ser verdade.

Coitadinho, ele tinha esse direito.

O celular ainda estava tocando.

-Fala - disse Dan, respondendo.

-Oi. É a Vanessa.

-Oi.

-Olha só, tenho de falar rapidinho. Só queria que você soubesse que eu disse a Marjorie que o papel é dela.

-Quer dizer Serena - disse Dan, batendo a cinza e tirando outro trago do cigarro.

-Não, eu quis dizer Marjorie.

Dan expirou e apertou o aparelho no ouvido.

-Peraí. Do que é que você está falando? A Marjorie, do cabelo vermelho e do chiclete?

-É, ela mesma. Eu não estou confundindo os nome - disse Vanessa pacientemente.

-Mas a Marjorie fedia, você não pode usar essa garota! - insistiu Dan.

-É bom, eu meio que prefiro aquele fedor dela. É tipo meio cheia de arestas.

Acho que vai ficar mais cortante, entendeu? Tipo assim, não é o que você esperava - disse Vanessa.

-Ah, não é mesmo- zombou Dan. – Olha. Eu acho realmente que você está cometendo um erro. Serena é totalmente adequada. Não sei por que você não a quer.

Ela foi maravilhosa.

-É, bom, eu sou a diretora, então quem decide sou eu. E eu escolhi a Marjorie, tá legal? - Vanessa não queria ouvir sobre como Serena tinha sido maravilhosa.

- E, além disso, andei ouvindo todas aquelas histórias sobre Serena. Não acho que ela seja assim tão confiável.

Vanessa tinha plena certeza de que todo o que ouvira era completamente falso, mas não ia se dar ao trabalho de mencionar isso a Dan.

-Como assim? Que tipo de histórias?

-Tipo ela fabricar a própria droga chamada S, e ela ter uma doença venérea das brabas. Eu realmente não quero lidar com isso.

-Onde foi que você ouviu essas coisas? - perguntou Dan.

-Eu tenho minhas fontes.

Um ônibus roncou na Madison, indo para os Cloisters. Na lateral havia uma imensa foto de um umbigo. Ou era uma ferida de tiro? Rabiscado com uma letra azul de menina ao lado do pôster estava o nome "Serena".

Vanessa viu o ônibus passar. Será que estava ficando maluca? Ou Serena realmente estava em toda parte? Cada pedaço dela?

- Eu só não acho que ela seja certa para nós - insistiu Vanessa, esperando que Dan mudasse de idéia se ela usasse a palavra "nós". O filme era *dela*, e não dele.

- Tá legal - retrucou Dan friamente.
- Então, você vai comigo e com a Ruby no Brooklyn na sexta-feira? - perguntou Vanessa, ansiosa para mudar de assunto.
- Não. Acho que não. A gente se vê. - Dan desligou e enfiou o telefone com raiva na sua bolsa preta de carteiro.

Naquela manhã, Jenny tinha entrado cambaleando no quarto dele, os olhos injetados e as mãos cobertas de tinta preta, e largou no chão, ao lado da cama dele, um convite para aquela festa idiota do falcão. Ele realmente ousou pensar que, como ia co-estrelar o filme com Serena, podia realmente *levá-la* na porcaria da festa. Agora, aquele sonhinho tinha ido pro inferno.

Dan não conseguia acreditar. A única chance de ele conhecer Serena acabara porque Vanessa queria exercitar sua licença artística para fazer o pior filme de todos os tempos. Era inacreditável. Mais inacreditável ainda era que Vanessa, rainha da cena alternativa rebelde, realmente se dava ao trabalho de espalhar boatos sobre uma garota que ela mal conhecia. Talvez a Constance finalmente estivesse acabando com ela.

Ah, deixa de ser desmancha-prazeres. Fofoca é sexy. Fofoca é bom. Nem todo mundo faz, mas devia!

Um ônibus parou no sinal bem na frente dele. Primeiro Dan percebeu o nome de Serena. Estava garatujado em azul, numa caligrafia de menina em um pôster gigante em preto-e-branco do que parecia um botão de rosa. Era bonito.

uma fã conhece sua ídolo

Jenny era um zumbi na quinta-feira por ter perdido toda uma noite de sono, mas conseguira terminar os convites de *Beijos na Boca* e agora ela e Dan tinham convites só deles.

Ela também estava faminta, porque só comeu uma banana e uma laranja no jantar na noite anterior. Não comeu o bolo de chocolate da manhã. Então, no almoço, Jenny pegou dois queijos quentes e dois iogurtes de café com as funcionárias da Constance e levou seu banquete para o refeitório, procurando um lugar em uma mesa tranqüila. Enquanto comesse, teria de preparar o dever de casa que ela não fez na noite passada.

Jenny escolheu uma mesa na frente de uma parede espelhada no canto mais afastado do refeitório. Nenhuma das meninas mais velhas almoçava perto dos espelhos porque eles a faziam se sentir gordas, então aquela mesa estava sempre vazia. Jenny baixou a bandeja, e estava prestes a começar a comer, quando percebeu uma convocação colada com fita adesiva no espelho.

Jenny fuçou a mochila atrás de uma caneta. Escreveu seu nome no alto da lista - era a primeira a assinar! - e depois se sentou diante da bandeja transbordando de comida, o coração aos saltos. A vida era cheia de milagres. E estava ficando cada vez melhor.

Mais miraculoso ainda, Serena van der Woodsen em pessoa estava saindo da fila do almoço indo direto para Jenny, levando sua bandeja. Será que Serena realmente ia se sentar com ela? *Em pessoa?*

Respire fundo, respira fundo.

- Oi - disse Serena, sorrindo para Jenny e baixando a bandeja. Meu Deus, como ela era bonita. Os cabelos eram de uma cor dourada clara que algumas garotas de Constance tentavam atingir gastando quatro horas no cabeleireiro no andar de cima da Bergdorf Goodman para fazer luzes. Mas o de Serena era natural, dava para saber.

- Eu vi você assinando para ajudar com meu filme? - perguntou Serena. Jenny assentiu, sem fala na presença de tanta grandeza.

— Bom, você é a única até agora – suspirou Serena, sentando-se de frente para Jenny, encarando a parede espelhada. Ela não tinha de se preocupar com se sentir gorda quando comia. Serena não tinha gordura nenhuma. Ela ergueu as sobrancelhas loiras para Jenny. — E aí, o que você pode fazer? Jenny empurrou o sanduíche de queijo. Não conseguia acreditar que tinha pegado dois sanduíches. Serena provavelmente estava pensando que ela era uma porca nojenta.

— Bem, sou meio artista. Fiz os hinários da escola, sabe, em caligrafia. E publiquei algumas fotos em *Rancor* este ano, e um conto – explicou Jenny. *Rancor* era a revista de arte das alunas da Constance. Vanessa Abrams era editora.

— Ah, e acabei de fazer os convites para a festona que vai ter na semana que vem que todo mundo vai – disse Jenny, ansiosa para impressionar. – Blair Waldorf me pediu para fazer. Na verdade... – Jenny pegou a mochila e puxou um envelope com o nome de Serena escrito numa caligrafia ornamentada. – A lista de convidados que Blair me deu tinha o endereço de seu internato. Eu ia colocar no seu armário ou coisa assim – disse Jenny, corando. – Mas, já que você está aqui... – Ela estendeu o envelope a Serena.

Será que estou parecendo uma maníaca?, perguntou-se Jenny.

— Obrigada. – Serena pegou o envelope. Ela abriu e leu o convite, os olhos escuros, a testa franzina.

Ai, meu Deus. Ela acha que está feio!, pensou Jenny, entrando em pânico. Serena colocou o convite na bolsa e pegou novamente o garfo, parecendo distraída. Pegou um pedaço de alface e o mastigou.

Jenny estava fazendo anotações mentais sobre como agir como misteriosa, equilibrada e cool como Serena agia naquele momento. Se ao menos ela pudesse ouvir os pensamentos pálidos de Serena, zangada com Blair.

Ela não queria que eu fosse à festa. Ela nem me falou que tinha uma festa.

— Uau – tornou Serena finalmente, ainda mastigando sua alface. – Tudo bem, está contratada. – Estendeu a mão e sorriu com doçura pra Jenny. – Eu sou Serena.

— Eu sei – disse Jenny, ficando cada vez mais vermelha. – Meu nome é Jenny.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Essa veio de uma fonte anônima: aparentemente, numa volta ao tempo em que eram ligadas, **S** e **B** dividiram um banho quente numa hidromassagem no quarto de **C** no **Tribeca Star**. Será que o beijo foi uma expressão de seus verdadeiros sentimentos? Ou elas só estavam aprontando um pouco, como duas garotas de porre? De qualquer forma, isso definitivamente coloca alguma tensão na mistura. Que divertido!

E no caso de você não ter visto o pôster colado em todos os ônibus, táxis e metrô da cidade toda, a foto original de **S** pode ser vista na Whitehot Gallery em Chelsea, entre retratos de outras estrelas em cena, inclusive eu. É, eu sei. Os irmãos Remi eram sexy demais para resistir. Os fabulosos são fabulosos por algum motivo gente.

Seu E-mail

P: Cara Gossip Girl,
Não vou te dizer quem eu sou, mas também estou na exposição dos irmãos Remi. Eu adoro o trabalho deles, e adoro a foto que tiraram de mim, mas de jeito nenhum eu deixaria que eles a colocassem num ônibus. Se quer saber, acho que **S** está pedindo. E, pelo que eu soube, ela vai ter.
- Anônima.

R: Cara Anônima,
É legal ser modesta, mas, pessoalmente, se você quisesse colocar qualquer pedacinho de mim na lateral de um ônibus, eu deixaria. Sou uma puta da fama.
- GG

Flagra

A pequena **J** comprando um livro enorme sobre filmagem na Shakespeare and Co. na Broadway. **N** grudado em **C** num bar na Quinta Avenida. Imagina que **N** quer grudar o olho em **C** para que **C** não dê com a língua nos dentes, hein? E **B** comprando montes de velas em uma loja na Lex para sua grande noite com **N**.

Por hoje é só. Divirtam-se no fim de semana – eu vou, definitivamente.

Pra você que me ama,
Gossip Girl

tribeca star

O Star Lounge do Tribeca Star Hotel era grande e presunçoso, cheio de poltronas confortáveis, sofás e banquetas circulares, para que os hóspedes pudessem se sentir como se estivessem tendo sua festinha particular em cada

mesa. Uma parede era iluminada por dezenas de velas pretas espalhadas, bruxuleando na sala meio escura, e um DJ tocava uma batida suave em uma mesa de som. Eram só oito horas, mas o bar já estava cheio de gente, vestida na moda mais atual e bebericando coquetéis de tom pastel.

Blair não estava nem aí para a hora - ela precisava de um drinque.

Estava sentada em uma poltrona perto do bar, mas a idiota da garçonete a ignorava, provavelmente porque Blair não se preocupava em se produzir. Vestia sua jeans Earl surrada e desbotada e um suéter preto comum porque só ia se encontrar com Serena para um drinque rápido antes de ir para casa preparar-se para a noite de sexo que teria com Nate. E ela não ia se produzir para isso também. Blair decidiu receber Nate na porta completamente nua.

O rosto esquentava só de pensar nisso, ela deu uma olhada na sala, constrangida. Sentia-se uma mané sentada ali sozinha, sem nem mesmo uma bebida. Onde estava Serena? Blair não tinha a droga da noite toda para esperar. Blair acendeu um cigarro. *Se Serena não vier a tempo, termino este cigarro e vou embora*, disse para si mesma, amuada.

- Olha só pra *ela*. - Blair ouviu uma mulher dizer à amiga. - Não é linda?

Blair se virou para olhar. É claro que era Serena.

Estava usando botas de camurça azul até os joelhos e um vestido Pucci de verdade. As mangas compridas com gola alta e um cinto com contas de cristal, em azul, laranja e verde. Estava superincrível. Os cabelos estavam presos em rabo-de-cavalo no alto da cabeça e ela usava sombra azul-clara nos olhos e batom cor-de-rosa cremoso. Ela sorriu e acenou para Blair do outro lado da sala, abrindo caminho pela multidão. Blair viu as cabeças se virando enquanto ela passava e seu estômago revirou. Já estava cheia de Serena e nem tinha falado com ela ainda.

- Oi - disse Serena, atirando-se em um sofá quadrado ao lado da poltrona de Blair.

Imediatamente a garçonete apareceu.

- Oi Serena, há quanto tempo. Como está seu irmão? - perguntou a garçonete.

- Oi Missy. Erik está bem. Está ocupado demais para me ligar. Acho que deve ter tipo umas oito namoradas diferentes por lá. - Serena riu. - Como é que está?

- Estou ótima - disse Missy. - Olha só, minha irmã trabalha para um bufê, e ela disse que te viu dias atrás em uma festa que estava dando em uma galeria de Chelsea. Ela disse que é você naquela foto em todos os ônibus. É verdade?

- É. Que loucura, né?

- Irado! - guichou Missy. Ela olhou para Blair que estava olhando para ela. - E aí, o que vocês vão querer?

- Ketel One e tônica - disse Blair a ela, olhando-a direto nos olhos, desafiando-a a pedir sua identidade. - Com muita lima.

Mas Missy poderia perder o emprego se discutisse com Blair Waldorf por ela ser menor.

Esse é o motivo para se ir em bares de hotéis: ninguém pede sua identidade.

- E para você, bonitinha? - perguntou Missy a Serena.

- Ah, é melhor eu começar com um Cosmo - disse Serena e riu. - Preciso de alguma coisa rosa para combinar com meu vestido.

Missy se afastou às pressas para pegar os drinques, ansiosa para contar ao bartender que a garota da foto dos irmãos Remi em toda a cidade estava sentada no bar e elas eram amigas!

- Desculpe pelo atraso - disse Serena a Blair, olhando em volta. - Achei que todo mundo estaria aqui com você.

Blair deu de ombros e deu um longo trago em seu cigarro já reduzido.

- Achei que a gente podia sair só nós duas dessa vez. A galera vem aqui mais tarde, na verdade.

- Tudo bem. - Serena ajustou o vestido e vasculhou a bolsinha vermelha procurando pelo maço de cigarros. Gauloises, da França. Pegou um e enfiou na boca. - Aceita?

Blair sacudiu a cabeça em negativa.

- São meio fortes, mas o maço é tão bacana que eu não ligo. - Serena riu. Estava prestes a acender o cigarro com uma caixa de fósforos do bar quando o bartender apareceu de repente com um isqueiro.

- Obrigada. - Disse ela, levantando os olhos para olhar para ele. O bartender piscou os olhos e voltou rapidamente para o bar. Missy trouxe as bebidas.

- Aos velhos tempos! - Serena bateu seu copo no de Blair e tomou um longo gole do Cosmopolitan cor-de-rosa. Encostou-se novamente no sofá e suspirou de prazer. - Você não adora hotéis? São tão cheios de segredos.

Blair ergueu a sobrancelha para Serena numa resposta silenciosa, certa de que Serena estava prestes a contar a ela todas as coisas malucas que aconteceram nos hotéis quando ela estava na Europa ou o que fosse, como se Blair se importasse.

- Quer dizer, você não fica pensando no que as pessoas fazem nos quartos? Tipo assim, elas podem estar vendo filmes pornôs e comendo biscoitos de queijo, ou podem estar numa trepada pervertida no banheiro. Ou talvez só estejam dormindo.

- Sim - disse Blair sem interesse, dando um gole em seu drink. Ela teria de ficar meio bêbada se quisesse atravessar aquela noite, especialmente a parte da nudez. - E aí, que papo é esse de sua foto em todos os ônibus e essas coisas? Eu não vi ainda.

Serena deu uma gargalhada e se inclinou confidencialmente para Blair.

- Mesmo que você veja, provavelmente não vai reconhecer. Meu nome está lá, mas não é uma foto do meu rosto.

Blair franziu o cenho.

- Não entendi.

- É arte - disse Serena misteriosamente e gargalhou de novo. Ela tomou um gole do drink.

O rosto das duas meninas estavam a centímetros de distância e Blair podia sentir a mistura de óleos essenciais que Serena começara a usar.

- Eu ainda não entendi, é alguma coisa suja? - Insistiu Blair, confusa.

- Na verdade não - respondeu Serena com um sorriso malicioso. - Muita gente fez a mesma coisa. Sabe como é... Celebidades.

- Tipo quem?

- Tipo Madonna, Eminem e Christina Aguilera.

- Ah - disse Blair, parecendo impressionada.

Os olhos de Serena se estreitam.

- Tem algum problema? - perguntou ela.

Blair empinou o queixo e enfiou o cabelo castanho atrás das orelhas.

- Sei lá, é que eu acho que você está disposta a fazer de tudo para impressionar as pessoas. Você não tem orgulho?

Serena sacudiu a cabeça, ainda encarando Blair.

- Tipo o que? O que foi que eu fiz? - perguntou roendo freneticamente as unhas.

- Tipo ser expulsa do internato - disse Blair vagamente.

Serena bufou.

- O que há de tão ruim nisso? Um monte de gente é expulsa todo ano. Eles têm tantas regras imbecis que é quase impossível *não* ser expulsa de lá.

Blair apertou os lábios, medindo cuidadosamente as palavras.

- O que eu quis dizer é *por que* você foi expulsa. - Pronto. Ela fez. Agora tinha se comprometido. Ia ter de ficar sentada e ouvir Serena contar tudo sobre as seitas que freqüentou e os caras com quem transou e as drogas que tomou. Merda.

Mas não acredite nem por um minuto que ela estava curiosa.

Blair remexeu no anel de rubi no dedo, girando-o sem parar. Serena ergueu o corpo para Missy, pedindo outro drinque.

- Blair, o único motivo para eu ter sido expulsa foi porque eu não apareci no início das aulas. Eu fiquei na França. Meus pais nem sabem disso. Eles acham que eu voltei no fim de agosto, mas eu fiquei até a terceira semana de setembro. Eu estava morando naquele chateau maravilhoso nos arredores de Cannes, e era tipo uma festa eterna. Não acho que eu tenha dormido uma noite inteira no tempo que fiquei lá. Era tipo aquelas festas na casa do *Grande Gatsby*. Tinha dois caras, um irmão mais velho e o outro mais novo, e eu estava totalmente apaixonada pelos dois. Na verdade, eu estava mais apaixonada pelo pai deles, mas ele era casado.

O DJ do Star Lounge trocou os vibes e começou a tocar um acid jazz meio agitado com uma batida cool. As luzes se reduziram, as velas bruxuleavam.

Serena batia o pé ao ritmo da música e olhava para Blair, cujos olhos estavam arregalados.

Serena acendeu outro cigarro e tragou profundamente.

- De qualquer forma, é claro que eu aprontei muito na escola, mas só como todo mundo. O que irritou a escola foi o fato de que eu não me importei em aparecer no começo do ano. Eu não culpo a escola, eu acho. Mas vou te contar a verdade, eu realmente não ligava de voltar pra lá. Eu estava me divertindo pra caramba.

Blair revirou os olhos de novo. Ela sinceramente não se importava se era verdade ou não.

- Já pensou no fato de que esta época é a mais importante da vida da gente?

Tipo assim, para entrar na faculdade e tudo? - perguntou Blair.

Missy trouxe a bebida de Serena, e desta vez ela só assentiu em agradecimento. Olhou para o chão. A unha cor-de-rosa entre os dentes.

- É, estou percebendo isso agora - admitiu ela. - Não pensei nisso antes.. como eu devia estar entrando em times e clubes. Sabe como é, entrar pra valer nesse negócio de faculdade.

Blair sacudiu a cabeça.

Eu lamento por seus pais - disse ela baixinho.

Os olhos de Serena estavam crescendo e seus lábios tremiam. Mas ela estava decidida a não permitir que Blair a fizesse chorar. Blair só estava sendo cretina, é isso. Talvez ela estivesse com TPM.

Serena deu um longo gole em sua bebida e enxugou a boca com guardanapo.

- E aí, você nunca me contou o que você e Nate fizeram o verão todo. Você foi para o Maine ver o barco que ele construiu? - perguntou ela, mudando completamente de assunto.

- Eu tive acampamento de tênis. Foi um porre.

- Ah.

Elas beberam os drinques em um silêncio constrangido. Serena endireitou o corpo de repente, lembrando-se de uma coisa.

- Ei - disse ela. - Sabia que uma menina realmente assinou a lista para me ajudar no filme? Uma garota da sétima série. O nome dela é Jenny. E ela me deu um convite para a festa da semana que vem. Sabe qual é, aquela que você estava planejando.

Touché, amiga, Touché.

Blair pegou outro cigarro do maço e colocou na boca. Pegou a caixa de fósforos, fazendo uma pausa antes para ver se o bartender ia saltar com um isqueiro. Não saltou. Blair acendeu o cigarro ela mesma e soltou uma grande nuvem de fumaça diretamente na cara de Serena.

Então Serena sabia da festa. Ela estava com um convite. Bem, ela ia acabar descobrindo mesmo.

- A da caligrafia. - Blair sorriu com doçura. - Ela é boa, né?

- É, ela fez um ótimo trabalho. E foi muito legal ela perceber que eu endereço estava errado na lista. Ela diz que o endereço que você deu era do alojamento da Hanover.

Blair enfiou o cabelo por trás da orelha e deu de ombros.

- Ih - disse ela fingindo não ter a menor idéia disso. - Desculpe.

- Então me fala da festa, para o que é desta vez?

Blair não conseguia falar da causa sem sorrir de constrangimento porque parecia inaceitável e nada sexy. É por isso que ela chamou a festa de *Beijo na boca*. Para ter algum apelo.

- É para aqueles dois falcões peregrinos que moram no Central Park. São espécies ameaçadas, e todo mundo está preocupado se eles vão morrer ou definhar, ou se os esquilos vão destruir o ninho deles, ou coisa assim. Então criaram uma fundação para eles - explicou ela. - Não ria. Eu sei que é meio idiota.

Serena soltou uma baforada do cigarro e gargalhou.

- Bem, é que existem *pessoas* que precisam ser salvas.

Quer dizer, e os sem-teto?

- É uma boa causa também. Queremos alguma coisa que não seja pesada demais para começar a estação - disse Blair ofendida, aborrecida. Tudo bem que *ela* risse da causa que tinha escolhido para a festa, mas Serena não tinha esse direito.

Serena recolocou a conversa em seu rumo.

- Então é uma festa tipo só pra gente, ou é para os pais também? - perguntou ela.

- Só... para a gente - disse ela por fim. Ela virou o resto do drinque e olhou o relógio. - Hmmm, tenho de ir. - Ela passou a bolsa sobre o braço e pegou o mão e cigarros da mesa.

Serena franziu a testa. Tinha levado tempo para se vestir, preparando-se para uma noite de farra com os amigos. Não esperava um grande grupo. - Blair e as outras meninas, Nate e a turma dele, Chuck e os amigos -, todos os que sempre costumavam sair juntos.

- Mas achei que a gente ficaria aqui por mais um tempinho. Esperando pelos outros - disse Serena. - Aliás, onde é que você vai?

- Tenho um teste de aptidão amanhã de manhã. - Blair sentiu-se extremamente superior, embora estivesse mentindo horrores. - Preciso me preparar para ele e quero dormir cedo.

- Oh. - Serena cruzou os braços e se encostou no sofá. - Pensei que nós todos íamos fazer uma festinha na suíte dos Bass lá em cima. Eles ainda têm aquele quarto, né?

Na oitava série, Serena, Blair e os amigos passaram muitas noites no quarto de Chuck Bass, bebendo e dançando, vendo filmes e pedindo coisas ao serviço de quarto, conversando na hidromassagem. Juntas, elas se deitavam atravessadas na cama king size e ficavam ali até que estivessem sóbrias o bastante para voltar para casa.

Uma vez, durante uma noite de porre no fim da oitava série, Serena e Blair estavam se ensaboando na hidro e Blair beijou Serena em cheio na boca. Serena parecia não se lembrar disso na manhã seguinte, mas Blair nunca se esqueceu. Apesar de ter sido por impulso e não ter significado nada, pensar naquele beijo sempre a fazia se sentir quente, ansiosa e pouco à vontade. Esse era outro motivo para o alívio que sentiu quando Serena foi embora.

- Os Bass ainda têm o quarto. - Blair se levantou. - Mas eles não gostam que as pessoas usem. A oitava série já passou. - Acrescentou ela com frieza.

- Tudo bem. - Serena não podia dizer nada certo, podia? Pelo menos, não para Blair.

- Bom fim de semana. - disse Blair com um sorriso duro, como se fosse só uma reunião. Como se elas não se conhecessem a vida toda. Ela largou uma nota de vinte dólares na mesa pelas bebidas. - Com licença. - Dirigiu-se a três caras altos que estavam bloqueando o caminho. - Posso passar?

Serena ficou girando a bebida no copo e tomou o resto do Cosmopolitan, vendo Blair partir. A bebida estava salgada agora, porque ela estava prestes a chorar de novo.

- Ei, Blair... - gritou Serena para a amiga. Se ela deixasse escapar tudo, se

perguntasse a Blair por que ela era realmente louca, se até confessasse que tinha dormido com Nate uma vez, pudessem ser amigas. Elas podiam recomeçar. Serena podia até começar a falar num curso preparatório para os teste de aptidão, assim elas podiam estudar juntas, alguma coisa assim. Mas Blair continuou abrindo caminho entre as pessoas e saiu pela porta da rua. Ela andou pela Sexta Avenida para pegar um táxi de volta para o Upper. Começava a chover e seu cabelo estava encrespando. Um ônibus roncou com a foto de Serena na lateral. Era o umbigo dela? Parecia um buraco escuro no meio de uma pêra. Blair deu as costas para ele e acenou para o táxi que vinha atrás. Não conseguiu sinalizar com a rapidez necessária. Mas o primeiro táxi que parou tinha o mesmo anúncio iluminado no teto. Blair entrou e bateu a porta com raiva. Ela não conseguia se afastar completamente - a droga da Serena estava em toda a parte.

***b&n* chegam perto, mas nada de charuto**

Serena pegou outro cigarro e colocou na boca com os dedos tremendo. De repente uma mão com anel rosa estendeu um Zippo e acendeu o cigarro para ela. O isqueiro era de ouro, com o monograma C.B. Da mesma forma que o anel.

- Oi, Serena. Você está seriamente gostosa – cumprimentou Chuck Bass. – O que está fazendo sentada sozinha aqui?

Serena inalou profundamente, reprimindo as lágrimas, e sorriu.

- Oi, Chuck. Que bom que você apareceu. Blair me largou aqui e agora estou sozinha. Vem mais alguém?

Chuck fechou o isqueiro e o colocou no bolso. Deu uma olhada na sala.

- Quem sabe? Pode vir, ou não. – Ele se sentou na poltrona onde Blair havia sentado. – Você realmente está gostosa – insistiu ele, olhando as pernas de Serena como se quisesse comê-las.

- Obrigada. – Serena riu. Era meio que um alívio ver que Chuck ainda era exatamente o mesmo, apesar de todos agirem como anormais. Serena tinha de gostar dele por isso.

- Outra rodada – gritou Chuck para Missy. – E coloque tudo na minha conta. – Ele entregou a Serena a nota de vinte que Blair tinha deixado na mesa. – Pode guardar isso.

- Mas é da Blair. – Serena pegou a nota e olhou para ela.

- Devolve a ela, então.

Serena assentiu e enfiou a nota em sua bolsinha de veludo vermelho.

- Lá vamos nós – exclamou Chuck, quando Missy colocou os drinques na mesa.

- Vamos virar! – Ele brindou com Serena e despejou o uísque na garganta.

- Epa – disse ela, quando seu Cosmo pingou no vestido. – Droga.

Chuck pegou o guardanapo e passou na mancha, que por acaso estava na coxa de Serena.

- Olha, não dá pra ver mais – disse ele, deixando sua mão pousar perto da virilha de Serena.

Serena pegou a mão de Chuck e a colocou de volta no colo dele.

- Obrigada, Chuck. Eu estou legal.

Chuck não ficou nem um pouco embaraçado. Ele nunca se embaraçava.

- Ei, vamos tomar mais um e ir para o meu quarto, tá legal? – ofereceu ele. – Vou avisar ao pessoal do bar para dizer a todo mundo para nos encontrar lá em cima. Eles sabem quem são meus amigos.

Serena hesitou, pensando no que Blair tinha dito sobre os Bass não gostarem mais que as pessoas fossem ao quarto deles.

- Tem certeza de que não tem problema?

Chuck riu e se levantou, estendendo a mão para ela.

- É claro que não. Vamos.

Embora estivesse chovendo e estivesse congelando a bunda, Nate não tinha pressa para chegar na casa de Blair. Era uma tremenda ironia, na verdade. Aqui estava ele, um cara de 17 anos, prestes a transar com a namorada pela primeira vez (a primeira vez dela, pelo menos). Ele deve estar *correndo*.

Ela deve saber agora, disse a si mesmo repetidamente. Como não saberia?

Agora toda a cidade sabia que ele tinha transado com Serena. Mas, se Blair sabia, então por que não disse nada?

Ficar pensando nisso estava deixando Nate maluco.

Ele se enfiou numa loja de bebidas na Madison Avenue e comprou meia garrafa de Jack Daniels. Já havia fumado um baseado em casa, mas precisava de um gole pra tomar coragem antes de ver Blair. Não tinha idéia do que ia encontrar.

Nate andou o resto do caminho com a maior lentidão que pôde, tomando golinhos da garrafa. Pouco antes de virar a rua 72 para o apartamento, ele comprou uma rosa para Blair.

Chuck pediu outra rodada de bebidas do bar e Serena o acompanhou no elevador e subiu ao quarto dos Bass no nono andar. Parecia exatamente o mesmo que sempre foi: sala de estar com um home theater e um bar; um quarto enorme com cama king size e outro home theater, como se eles precisassem de dois; duas imensas banheiras de mármore com hidromassagem e dois roupões felpudos. Essa era outra coisa ótima que Serena adorava nos hotéis – os roupões.

Não é o que todo mundo gosta?

Na mesa de centro de sala havia uma pilha de fotos. Serena reconheceu o rosto de Nate na foto de cima e pegou-a, embaralhando com as outras.

Chuck olhou as fotos por sobre o ombro dela.

- Do ano passado -disse ele, sacudindo a cabeça. - Foi uma doideira.

Blair, Nate, Chuck, Isabel, Kati e todo mundo estava nas fotos, nus, na hidro, dançando de roupa íntima, bebendo champanha na cama. Todas as fotos eram do ano passado - a data estava no canto de cada uma delas - e todas foram tiradas no quarto.

Então Blair havia mentido. Todo mundo ainda farreava no quarto dos Bass, como sempre. E Blair não era a boazinha que fingia ser, nem com seu teste de aptidão falso, nem com o cardigã preto formal. Em uma foto, Blair usava somente calcinha, pulando na cama com uma garrafa de champanha na mão.

Serena engoliu o drinque e se sentou na ponta do sofá. Chuck se sentou na outra ponta e colocou os pés de Serena no colo.

- Chuck - alertou Serena.

- Que foi? Só estou tirando suas botas para você -disse Chuck inocentemente. - Não quer tirar?

Serena suspirou. Estava cansada de tudo, um cansaço repentino.

- Sim, claro. -Ela pegou o controle remoto e ligou a TV, enquanto Chuck tirava as suas botas. Estava passando *Dirty Dancing* na TBS. Perfeito.

Chuck começou a massagear os pés de Serena. Estava bom. Ele mordeu seu dedão e beijou o tornozelo.

- Chuck - murmurou Serena, deitando de costas no sofá e fechando os olhos. A sala se inclinou um pouco. Ela não conseguiu segurar a bebida.

Chuck passava a mão nas pernas de Serena, Segundos depois os dedos dele estavam percorrendo a parte interna de suas costas.

- Chuck - disse Serena, abrindo os olhos novamente e sentando-se. - Você se importa de a gente só ficar sentado aqui? Não precisamos fazer nada, tá bom? Vamos ficar no sofá e ver *Dirty Dancing*. Sabe como é, como meninas.

Chuck se arrastou até Serena com as mãos e os joelhos até ficar inclinado sobre ela e ela presa embaixo dele.

- Mas eu não sou uma menina. - Ele abaixou o rosto para o dela e começou a beijá-la. Sua boca tinha gosto de amendoim.

- Merda! - grinhou Blair quando ouviu o interfone. Ela ainda estava de roupa e tinha acabado de deixar cair cera vermelha da vela em todo o tapete.

Blair apagou a luz do quarto e correu para atender o interfone na cozinha.

- Sim, mande ele subir - confirmou ela ao porteiro. Ela desabotoou o jeans e voou para o quarto, livrando-se dela. Depois arrancou o resto das roupas e as atirou no armário. Nua, borrifou o perfuma favorito, colocando perfume até entre as pernas.

Ooooh, sua safada.

Blair verificou o corpo nu no espelho. Suas pernas eram curtas demais para o resto do corpo, e os peitos eram pequenos e não "chamavam atenção para mim" como ele gostaria.

A jeans tinha deixado uma marca vermelha feia na cintura, mas mal dava para perceber na fraca luz de velas. A pele ainda era boa e bronzeada do verão, mas ser rosto parecia jovem e assustado, não era tão sensual como deveria. E os cabelos tinham um halo de fios crespos no alto da cabeça por causa da chuva. Blair correu para o banheiro, aplicou uma camada do batom que Serena tinha deixado na pia e passou a escova nos cabelos castanhos até que caíssem em cascata pelos ombros da forma mais sexy possível. Pronto, irresistível num instante.

A campainha tocou. Blair largou a escova, que caiu com estardalhaço na pia.

- Peraí! - gritou ela. Blair respirou fundo e fechou os olhos para fazer uma pequena prece, embora não fosse exatamente do tipo que reza.

Espero que tudo corra bem. Foi o máximo que ela conseguiu.

Serena deixou que Chuck a beijasse por algum tempo porque ele era pesado e ela não conseguia sair debaixo dele. Enquanto ele explorava a boca de Serena com a língua, ela assistia a Jennifer Grey espadanar num lago com Patrick Swayze. Por fim, Serena virou a cabeça e fechou os olhos.

- Chuck, eu realmente não me sinto muito bem - pediu ela, fingindo que estava prestes a vomitar. - Você se importa de eu ficar deitada aqui um pouquinho? Chuck se sentou e enxugou a boca com as costas da mão.

- Claro, tudo bem. - disse ele. Ele se levantou. - Vou pegar uma água para você. Chuck foi até o bar e encheu um copo com gelo, colocando água de uma garrafa de Poland Spring.

Quando ele voltou com a água. Serena já estava dormindo. A cabeça dela tinha caído na almofada, e as pernas estavam contraídas. Chuck afundou no sofá ao lado dela, pegou o controle remoto e mudou de canal.

- Oi - disse Blair, abrindo um pouco a porta e colocando a cabeça pela fresta.

- Oi - disse Nate, segurando a rosa. Seus cabelos estavam molhados e as bochechas rosadas.

- Estou nua.

- É mesmo? - retrucou Nate, mal absorvendo a informação. - Posso entrar?

- Claro. - Blair abriu a porta.

Nate a viu, congelando na soleira da porta.

Blair corou, colocando os braços em torno do corpo.

- Eu te disse que estava nua. - Ela estendeu a mão para pegar a flor.

Nate colocou na mão dela.

- Eu trouxe para você - disse ele rispidamente. Depois, limpou a garganta e olhou para o chão. - Será que devo tirar os sapatos?

Blair riu e abriu mais a porta. Nate estava nervoso, ainda mais nervoso do que ela. Ele era tão doce.

- Anda logo e tira a roupa. - Ela pegou a mão dele. - Está tudo bem. Vem.

Nate a seguiu para o quarto, sem fazer nenhuma das coisas que um cara deve fazer normalmente nessas circunstâncias. Tipo passar a mão na bunda nua de Blair, ou se preocupar com a camisinha, ou respirar mal, ou tentar dizer alguma coisa certa. Ele mal conseguia pensar.

O quarto de Blair resplandecia de velas. Uma garrafa de vinho tinto estava aberta no chão, com duas taças ao lado. Blair se ajoelhou e encheu as duas taças como uma pequena gueixa. Ela se sentia mais à vontade nua no escuro de seu quarto.

- Que tipo de música você quer ouvir? - perguntou ela a Nate, estendendo uma taça.

Nate bebeu o vinho, engolindo com ruído.

- Música? O que você quiser. Qualquer coisa.

É claro que Blair tinha preparado o CD que gravou. A primeira música era do Coldplay, porque sabia que Nate gostava.

Lenta e sensual, gato.

Blair tinha feito e refeito o filme desse momento na cabeça tantas vezes que se sentia como uma atriz que finalmente tinha seu grande momento, interpretando

o papel de sua carreira.

Ela estendeu os braços e colocou as mãos nos ombros de Nate. Ele tentou não olhar para ela, mas não conseguiu evitar. Ela estava nua e ela era bonita. Ela era uma garota e ele um cara.

Já fizeram muitas canções falando disso.

- Tira a roupa, Nate – sussurrou Blair.

Talvez depois eu conte a ela, pensou Nate.

Isso não parecia muito justo, mas ainda assim ele a beijou. E, depois que começou, não conseguia parar.

Quando Serena acordou um pouco mais tarde, Chuck tinha mudado o canal pra a MTV2 e estava cantando em voz alta com Jay-Z. o vestido Pucci de Serena estava erguido acima da cintura, e sua calcinha de renda azul aparecia.

Serena se ergueu sobre os cotovelos e enxugou a saliva do canto da boca.

Puxou o vestido para baixo.

- Que horas são?

Chuck olhou para ela.

- Hora de a gente tirar a roupa e ir para a cama – respondeu ele impaciente.

Tinha esperado por muito tempo.

A cabeça de Serena parecia turva e ela morrida de vontade de beber um copo de água.

- Estou me sentindo péssima – disse ela, sentando-se e esfregando a testa. – Vou para casa.

- Ah, qual é? – Chuck desligou a tv. – A gente pode fazer uma hidro primeiro.

Você vai se sentir melhor assim.

- Não – insistiu Serena.

- Tá legal – disse Chuck, irritado. Ele se levantou. – Tem água na mesa. Coloca suas botas, eu te acompanho até o táxi.

Serena calçou as botas e olhou a chuva fria caindo do lado de fora do quarto do hotel.

- Está chovendo – disse ela, bebendo um gole de água.

Chuck passou o cachecol de cashmere azul para ela, sua marca registrada, com o monograma C.B.

- Coloca na cabeça. Anda, vamos.

Serena pegou o cachecol e seguiu Chuck para o elevador. Eles desceram em silêncio. Serena sabia que Chuck estava decepcionado porque ela estava indo embora, mas ela não ligava. Mal podia esperar para sair para o ar fresco e para a própria cama.

Um táxi estacionou, e pôster dos irmãos Remi no teto. Serena pensou que parecia uma foto de uma boca franzida num beijo.

- O que é isso? Marte? – brincou Chuck, apontando para o pôster. Ele olhou para Serena sem o menor sinal de humor nos olhos. – Não, é o seu cu!

Serena piscou para ele. Ela não sabia se Chuck estava tentando ser engraçado ou se realmente pensava que a foto era isso.

Chuck abriu a porta do táxi para Serena e ela deslizou para o banco traseiro.

- Obrigada, Chuck – disse ela com doçura -, a gente se vê depois, ta?

- Tanto faz. – Chuck se inclinou para o táxi e empurrou Serena contra o assento.
– Qual é o seu problema, afinal? Você está fodendo com Nate Archibald desde a oitava série, e eu tenho certeza de que trepou com cada cara do internato, e na França também. Pode me dizer o que é demais para dar pra mim também?
Serena encarou Chuck nos olhos, vendo-o como ele realmente era pela primeira vez. Sempre foi difícil gostar dele, mas nunca o odiou de verdade antes disso.
- Tudo bem, eu não queria transar com você mesmo – desdenhou Chuck. – Ouvi dizer que você tem doenças.
- Fica longe de mim – sibilou ela, colocando as mãos no peito dele e afastando-o. Ela bateu a porta do táxi na cara dele e deu o endereço ao motorista.
Quando o táxi arrancou, Serena se abraçou, olhando direto para a frente pelo pára-brisas respingado de chuva. Quando o táxi parou em um sinal na esquina da Broadway com a Spring, ela abriu a porta, inclinou-se e vomitou no meio-fio. Isso a ensinaria a não beber de estômago vazio.
O cachecol de Chuck oscilou em seu pescoço e uma ponta caiu na poça de vômito cor-de-rosa no asfalto. Serena pegou o cachecol, limpou a boca com ele e o enviou na bolsa.
- Grosso - rosnou ela, batendo a porta do táxi novamente.
- Lenço, senhorita? - ofereceu o taxista, passando para ela uma caixa de lenços de papel.
Serena puxou um da caixa e limpou a boca com ele.
- obrigada.
Depois voltou a se sentar e fechou os olhos, grata, como sempre, pela gentileza de estranhos.

- E a camisinha ou coisa parecida? - murmurou Blair, embasbacada com a ereção de Nate. Parecia que ia dominar o mundo.
Ela conseguira tirar toda a roupa dele, e agora eles estavam se deitando na cama sobre as cobertas. Ficaram se agarrando por quase uma hora. No aparelho de som, Jennifer Lopez cantava Love Don't Cost a Thing e Blair fica cada vez mais excitada. Ela pegou a mão de Nate e lambeu os dedos dele, chupando cobiçosa a ponta de cada um deles. Teve a sensação de que sexo ia ser muito melhor do que comida.
Nate rolou de costas enquanto Blair chupava seus dedos. Ficara tão irritado por ter de ver a Blair que nem jantou, e agora estava com fome. Talvez, quando fosse pra casa, pegasse um burrito na lanchonete mexicana na Lexington Avenue. Era o que ele queria, um burrito de galinha e feijão-preto com guacamole extra.
Blair mordeu com força o dedinho mindinho de Nate.
- Ai! - gritou Nate, seu pênis desinflando como se tivesse sido furado por um alfinete. Ele se sentou e passou as mãos nos cabelos. - Não posso fazer isso - murmurou ele à meia voz.
- O quê? - Blair se sentou também. - Qual é o problema? - O coração dela desabou. Isso não estava no roteiro. Nate estava estragando um momento

perfeito.

Desajeitado, Nate pegou a cabeça de Blair e olhou nos olhos dela pela primeira vez em toda a noite.

- Tenho de te contar uma coisa. Não posso fazer isso sem que você saiba. Eu me sinto um babaca.

Blair sabia pelo olhar de Nate que o momento não estava arruinado, estava morto.

- O que é?

Nate se abaixou e pegou as pontas da colcha. Colocou uma ponta em volta dos ombros de Blair e passou a outra ponta pela própria cintura. Não parecia certo falar disso quando os dois estavam nus. Ele pegou a mão de Blair novamente.

- Lembra o verão retrasado, quando você foi para a Escócia, para o casamento da sua tia? - começou Nate.

Blair assentiu.

- Estava quente pra cacete naquele verão. Eu estava na cidade com meu pai, andando por aí enquanto ele ia a algumas reuniões, essas coisas. Eu estava entediado, então liguei pra Serena em Ridgefield e ela veio.

Nate percebeu as costas de Blair se enrijecerem quando ele mencionou o nome de Serena. Ela tirou a mão da dele e cruzou os braços sobre o peito, os olhos subitamente desconfiados.

- A gente bebeu um pouco e se sentou no jardim. Esta tão quente, a Serena começou a espalhar a água da fonte, depois espirrou água em mim. E eu acho que fiquei meio empolgado. Quer dizer... - Nate se atrapalhou. Lembrou o que Cyrus tinha dito a ele sobre as garotas gostarem de surpresas. Bom, Blair estava prestes a ter uma surpresa e tanto, e Nate achava que ela não ia gostar nem um pouco dessa.

- E o quê? - perguntou Blair. - O que aconteceu?

- A gente se beijou. - Nate inspirou fundo e prendeu a respiração. Não podia deixar isso assim. Soltou o ar. - E depois a gente transou.

Blair tirou a colcha dos ombros e se levantou.

- Eu sabia! - gritou ela. - Quem é que não transou com a Serena? Aquela nojenta, aquela puta suja!

- Desculpe, Blair. Mas não foi assim, não foi nada planejado. Só aconteceu. E foi só daquela vez, eu juro. Eu não quero que você pense que essa é minha primeira vez, porque não é. Eu tinha de contar a você.

Blair pisou duro até o banheiro e apanhou o robe de cetim rosa do gancho. Vestiu-o, apertando o cinto.

- Dá o fora daqui, Nate - disse ela, as lágrimas de raiva jorrando pela bochechas.

- Não posso mais ver você. Você é ridículo.

- Blair...- implorou Nate. Por uma fração de segundo ele tentou pensar em alguma coisa encantadora para dizer. Em geral ele conseguia pensar em alguma coisa, mas agora não vinha nada.

Blair bateu a porta do banheiro na cara dele.

Nate se levantou e vestiu a cueca. Kitty Minky colocou a cabeça sobre a cama e o encarou acusadoramente, os olhos dourados da gata brilhando sinistros no escuro. Nate pegou o jeans, a camisa e os sapatos e foi para a porta da frente.

Mal podia esperar para comer o burrito.

A porta da frente se fechou com um barulho surdo, mas Blair continuou trancada no banheiro, parada diante do espelho, olhando seu reflexo molhado de lágrimas. o batom de Serena ainda estava na pia, onde ela o havia deixado. Blair pegou-o com os dedos trêmulos. *Gash*, era como se chamava. Que nome feio. É claro que Serena podia usar brilho nos lábios com nomes feios, impermeáveis com buracos, sapatos velhos e sujos, nunca cortar o cabelo, e ainda conseguir os caras. Blair grunhiu com a ironia de tudo isso e abriu a janela do banheiro, atirando o batom para a noite e esperando ouvi-lo cair no chão abaixo. Mas não conseguiu ouvir nada.

A cabeça estava cheia demais do novo filme que estava elaborando.

O filme em que a fabulosa Serena van der Woodsen era atropelada por um ônibus com aquela foto idiota colada na lateral e era terrivelmente mutilada. A velha amiga Blair arrumaria um tempo em sua vida ocupada com o marido apaixonado, Nate, para alimentar a Mulher-elefante Serena com papinha de pêra e contar a ela tudo sobre festas a que ela e Nate tinham ido. Serena responderia com grunhidos e peidos, mas a caridosa Blair não ligaria pra isso. Era o mínimo que podia fazer. Todo mundo chamaria de Santa Blair e ela ganharia prêmios por seu coração de ouro.

será que s&n vão ficar juntos novamente?

Pouco antes da meia-noite, o táxi encostou no número 994 da Quinta Avenida. Do outro lado da rua, a escadaria do Metropolitan Museum of Art estava deserta, brilhando sinistramente branca à luz dos postes. Serena saiu do táxi e acenou para Ronald, o porteiro da noite, que cochilava no saguão. A porta do prédio foi aberta, mas não por Roland. Era Nate.

- Nate! - gritou Serena, sinceramente surpresa. - Ei, me arranja cinco pratas? Não tenho dinheiro suficiente. em geral o porteiro me ajuda, mas acho que ele está dormindo.

Nate puxou um maço de notas do bolso e deu algumas ao taxista. Colocou o dedo nos lábios e se aproximou de fininho da portaria do prédio. Depois chutou alto a porta de vidro.

- Olá!

- Ah, Nate. -Serena riu.- Você é tão mau!

Roland abriu os olhos de repente e quase caiu da cadeira. Depois, abriu a porta da frente. e Serena e Nate correram para dentro e subiram pelo elevador ao apartamento de Serena.

Serena liderou o caminho até seu quarto e se sentou pesadamente na cama.

- Recebeu meu recado?- Ela bocejou para Nate, tirando as botas. -Achei que você vinha hoje à noite.

- Não pude. - Nate pegou a pequena bailarina de vidro empoleirada na tampa da caixa de jóias de Serena. Tinha pés minúsculos, como alfinetinhos. Ele tinha se esquecido dela.

- Bem, não era nada importante -suspirou Serena. Ela se deitou na cama. -

Estou tão cansada. -Bateu na cama ao lado dela e chegou para o lado para dar lugar a Nate. - Vem deita aqui e me conta uma história pra dormir.

Nate colocou a bailarina de volta no lugar e engoliu em seco. Respirar o perfume do quarto de Serena com Serena nele doeu em seu coração. Ele se deitou ao lado dela, os corpos se tocando. Nate colocou o braço em volta de Serena e ela o beijou no rosto, aninhando-se mais perto dele.

- Acabei de sair da Blair - disse Nate.

Mas Serena não respondeu. Sua respiração era estável. Talvez já estivesse dormindo.

Nate ficou deitado, olhos bem abertos, a mente disparando. Ele se perguntou se agora ele e Blair tinham terminado oficialmente. Perguntando-se como Serena reagiria se ele a beijasse agora na boca e lhe dissesse que a amava. Perguntou-se se ele teria seguido em frente e feito sexo com Blair se tudo tivesse corrido bem.

Nate deu uma olhada no quarto, vendo todos os objetos familiares amados com que tinha crescido e dos quais se esquecera completamente. O ursinho de pelúcia vestido com kilt escocês que se sentava aristocraticamente na mesinha-de-cabeceira de Serena. O grande armário de mogno com suas gavetas meio abertas e todas as roupas cuspindo para fora . A pequena marca de queimadura marrom que ele tinha feito na 7ª série no dossel branco acima da cama.

No chão do quarto estava a bolsa de veludo vermelho de Serena. O conteúdo tinha sido expulso. Um maço azul de Gauloises. Uma nota de vinte dólares. Um cartão Amex. E um cachecol azul-marinho com a letra C.B. gravadas em ouro. Por que ela precisou pegar dinheiro emprestado com ele quando tinha 20 dólares?, perguntou-se Nate. E que diabos ela estava fazendo com o cachecol de Chuck Bass?

Nate se virou para o lado e Serena murmurou algo enquanto sua cabeça rolava no travesseiro. Ele a analisou criticamente. Ela era tão bonita, sensual e confiável, e no entanto tão cheia de surpresas. Era difícil acreditar que ela era mesmo real.

Serena estendeu o braço e o colocou em torno do pescoço de Nate, puxando-o para ela.

- Vem cá - murmurou ela, os olhos ainda fechados. - Dorme comigo.

Todo o corpo de Nate se retesou. Ele não sabia se Serena queria dizer *dormir* ou *dormir com ela*, mas ficou definitivamente excitado. Qualquer cara em seu juízo perfeito ficaria, e foi exatamente isso que desestimulou Nate.

Havia algo tão descuidado na forma como Serena tinha dito isso. Nate de repente não teve dificuldade em imaginá-la fazendo as coisas que soube que ela fez. Com Serena, tudo era possível.

Um brilho prateado capturou o olho de Nate. Era a minúscula caixinha de prata que Serena tinha na mesinha-de-cabeceira, cheia de seus dentes de leite. Toda vez que vinha aqui, ele costumava abrir a caixinha forrada de veludo para ver se os dentes ainda estavam lá. Mas não desta vez. Pelo visto, Serena não era a mesma garota que tinha perdido aqueles dentes.

Nate afastou-a dele e se levantou. Pegou o cachecol de Chuck e o atirou na cama, sem perceber que estava manchado de vômito. E depois, sem sequer

olhar para Serena novamente, bateu a porta atrás de si.
Covarde.

Ao som da porta se fechando Serena abriu os olhos e sentiu o cheiro do próprio vômito. Nauseada, atirou as cobertas para trás e correu para o banheiro. Agarrou a borda da privada e se inclinou sobre ela, o estômago doendo com o esforço. Não saiu nada. Serena abriu o chuveiro o mais quente que pôde e puxou seu pegajoso vestido Pucci pela cabeça, largando-o no chão. Só precisava era de um bom banho quente e um pouco de esfoliante. Amanhã ela estaria nova em folha.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

O PROBLEMA DA VIRGEM

Dá pra acreditar em N? Ele esteve um tiquinho assim de pegar uma bela fatia da torta de B, se estão entendendo. Acho que ele deve admirar seu autocontrole, sua capacidade de manter a salsicha no pão. Mas aposto que B realmente não teria se importado muito se N tivesse ficado de boca fechada e seguido em frente em vez de ficar cheio de moral com ela e contar tudo sobre a vez com S. Quer dizer, com quem B vai perder a coisa agora?

Eu estava errada sobre os meninos. Eu sempre pensei que eles fizessem de tudo para pegar uma virgem. Quer dizer, eu pensei que N gostava da idéia de que B nunca tivesse transado. Mas ele não parece se importar com isso. Ele só consegue trepar com sua coisinha imensa depois de apertar um baseado enorme e entornar meia garrafa de JD. Que decepção.

Não que ele tenha sido rápido demais em saltar nos ossos de S, e nós sabemos bem que ela não é virgem.

talvez N só tenha padrões morais elevados.

Oooh, isso me faz gostar dele ainda mais.

Seu e-mail

P: Oi, gossip girl,

eu vi S subir com um cara no Tribeca Star. ela estava um trapo. eu meio que fiquei tentando a bater na porta e ver se tinha uma festa rolando lá dentro ou qq coisa, mas amarelei. só queria seu conselho. vc acha que ela transa comigo? quer dizer, ela parece facinha.

- Coop

R: Caro Coop,

Se você é o tipo de cara que tem de perguntar, então provavelmente a resposta é não. S pode ser uma puta, mas tem excelente gosto.

- GG

Flagra

Só um: N na lanchonete de burritos na Lexington, batendo papo com uma garota bonita atrás do balcão. Ela deu uma porção extra de guacamole a ele de graça. É, aposto que ela fez.

Pra você que me ama,
gossip girl

a galera do west side pira na barneys

- Dan - sussurrou Jenny, cutucando o peito do irmão. - Acorda.

Dan atirou o braço nos olhos e puxou os lençóis.

- Cai fora. É sábado - murmurou ele.

- Por favor, acorda - gemeu Jenny. Ela se sentou na cama, cutucando-o repetidamente até que ele tirasse o braço para olhar para ela.

- Qual é o problema? Me deixa em paz.

- Não - insistiu Jenny. - A gente tem de fazer compras.

- Tá legal - disse Dan. Ele rolou na cama, virando a cabeça para a parede.

- Por favor, Dan. Tenho de arrumar um vestido para a festa de sexta-feira e você tem de me ajudar. O papai me deu o cartão de crédito dele. Ele disse que você pode comprar um smoking também. - Jenny deu uma risadinha. - Como se você virasse o tipo de cara esfarrapado que vai precisar de smoking e roupas e essa merda toda.

Dan rolou na cama.

- Eu não vou à festa.

- Cala a boca. Você vai, sim. Você vai e vai encontrar Serena e dançar com ela. Eu apresento você a ela. Ela é totalmente bacana - murmurou Jenny toda alegriinha.

- Não - disse Dan, obstinado.

- Bom, você pode pelo menos me ajudar a comprar um vestido. - Jenny fez beicinho. - Porque eu vou. E quero ficar legal.

- Papai não pode ir com você? - perguntou Dan.

- Ah, tá. Eu disse que queria ficar legal - zombou Jenny. - Você sabe o que o papai me disse? Ele disse: "Vai na Sears, é a loja de departamento do proletariado." Sei lá o que isso quer dizer. Nem mesmo sei onde é que fica a Sears, se é que ainda existe. de qualquer modo, quero ir na Barneys. Não consigo acreditar que nunca fui lá. aposto que gente como Serena van der Woodsen e Blair Waldorf vai lá, tipo, todo dia.

Dan se sentou e bocejou alto. Jenny estava toda vestida e pronta para sair, com os cabelos crespos puxados para trás num rabo-de-cavalo. Ela até já estava com o casaco e os sapatos. Ela estava tão bonitinha e ansiosa que era meio difícil dizer não.

- Você é um pé no saco! - Dan se levantou e cambaleou para o banheiro.

- Você sabe que me ama - disse Jenny atrás dele.

No que dizia respeito a Dan, a Barneys era cheia de babacas, como o cara que abiu a porta para ele, sorrindo da forma mais idiota possível. Mas Jenny adorava o lugar e, muito embora nunca tivesse ido ali, parecia saber tudo sobre a loja.

Jenny sabia que não devia se importar com os andares inferiores, que eram cheios de roupas de estilistas que ela não podia comprar, e foi direto para o andar de cima. Quando as portas dos elevadores se abriram, ela sentiu como se tivesse morrido e chegado ao céu. Tinha tantos vestidos bonitos pendurados nas araras que ela salvou só de olhá-los. Ela queria experimentar todos, mas é claro que não podia.

Quando você é uma 42 fica meio limitada. E definitivamente precisa de *ajuda*.

- Dan, dá pra pedir àquela mulher para me ajudar a encontrar um desses no meu número? - sussurrou Jenny, apontando uma caixa de um cintura-império de veludo púrpura com alças de contas. Ela puxou a etiqueta do preço. Seiscentas pratas.

- Meu Deus do céu! - exclamou Dan, vendo o preço por sob o ombro de Jenny. - Nem pensar.

- Só estou experimentando para me divertir - insistiu Jenny. - Não vou comprar. - Ela ergueu o vestido para si mesma. O corpete mal cobria seus mamilos. Jenny suspirou e colocou o vestido de volta na prateleira. - Poderia pedir àquela moça para me ajudar? - repetiu Jenny.

- Por que você não pede? - Dan esfregou as mãos na calça de veludo cotelê e se encostou numa prateleira de madeira.

- Por favor?

- Tá legal.

Dan andou a passos largos para uma mulher de aparência abatida com cabelos louros congelados. Parecia que trabalhava em lojas de departamentos a vida toda, só tirando férias em um ano em Atlantic City, Nova Jersey. Dan imaginou-a fumando Virginia Slims como louca numa praia, preocupada com as garotas na loja se virando sem ela.

- Posso ajudá-lo, meu jovem? - perguntou-lhe a mulher. O crachá dizia que seu nome era "Maureen".

Dan sorriu.

- Oi. Pode ajudar minha irmã a encontrar um vestido legal? Ela está bem ali. - Ele apontou para Jenny, que estava vendo a etiqueta de preço de um drapeado de seda vermelha com mangas franzidas. Jenny tinha tirado o casaco e estava usando uma camiseta branca. Dan não podia negar. Os peitos dela eram realmente imensos.

- Sim, é claro - disse Maureen, andando decidida para Jenny.

Dan ficou onde estava, dando uma olhada no salão e sentindo-se totalmente deslocado. Atrás dele, ouviu uma voz conhecida.

- Eu pareço uma freira, mão, eu juro. Está completamente errado.

- Ah Serena - lamentou outra voz. - Acho que está encantador. E se você desabotoasse um pouco a gola? Assim. Viu? É tão Jackie O.

Dan girou o corpo. Uma mulher alta de meia-idade parecida com Serena estava

parada com metade do corpo para dentro da cabine de provas. A cortina estava ligeiramente aberta, e Dan só pôde ver parte do cabelo de Serena, a clavícula, os pés nus, as unhas dos pés pintadas de vermelho-escuro. Suas bochechas arderam e ele correu para o elevador.

- Ei, Dan, aonde é que você vai? - gritou Jenny atrás dele. Seus braços já estavam com uma pilha alta de vestidos, e Maureen adejava com eficiência pelas prateleiras enquanto dava a ela todo tipo de conselhos bons sobre sutiãs e as novidades nas roupas íntimas que realçavam as formas. Jenny nunca foi tão feliz.

- Vou dar uma olhada nas coisas masculinas - balbuciou Dan, olhando nervoso para o lado do salão onde tinha visto Serena.

- Tudo bem - disse Jenny alegremente. - Eu te encontro aqui em quarenta minutos. E se precisar de ajuda, eu ligo pro teu celular.

Dan assentiu e saltou para dentro do elevador assim que a porta se abriu. No departamento masculino, ele trotou para um balcão e borrifou colônia Gucci nas mãos, franzindo o nariz com o forte aroma italiano do perfume masculino. Olhou o intimidador salão revestido de madeira, procurando por um banheiro para poder lavar as mãos. Em vez disso, encontrou um manequim todo vestido para a noite e, atrás dele, uma prateleira de smokings. Dan passou os dedos pelo rico tecido dos paletós e olhou as etiquetas. Hugo Boss, Clavin Klein, DKNY, Armani. Ele se imaginou descendo de uma limo usando um smoking Armani com Serena apoiada em seu braço. Desciam pelo tapete vermelho que levava à festa, a música palpitando em volta deles e as pessoas se virando e dizendo "Oh" em voz baixa. Serena pressionaria sua boca perfeita na orelha de Dan. "Eu te amo", sussurraria ela. Depois Dan a beijaria e pegaria no colo, levando-a de volta para a limo. Foda-se a festa. Eles tinham coisa melhor para fazer.

- Posso ajudá-lo, senhor? - perguntou um vendedor.

Dan se virou abruptamente.

- Não, eu... - Ele hesitou e olhou para o relógio. Jenny levaria uma eternidade lá em cima, e por que não ele? Já que estava ali. Ele pegou um smoking Armani e o mostrou ao vendedor. - Posso experimentar um desses no meu tamanho?

A colônia deve ter subido à cabeça dele.

Jenny e Maureen tinham limpado completamente as prateleiras e Maureen enchera uma sala de provas com dezenas de possibilidades em tamanhos variados. O problema de Jenny era que ela vestia tamanho 36, mas seus peitos eram pelo menos tamanho 40. Maureen pensou em um meio termo e pegou tamanho 40, deixando apertado no busto e folgado em todo o resto.

Os primeiros vestidos foram um desastre. Jenny quase arreventou um zíper de um, tentando desprendê-lo do sutiã. E o seguinte nem cobria os peitos. O terceiro era completamente obsceno. O quarto coube mais ou menos, mas era laranja brilhante e tinha um franzido ridículo em todo ele, como se alguém tivesse o retalhado com uma faca. Jenny enfiou a cabeça pela cortina a procura de Maureen. Na porta ao lado, Serena e a mãe estavam acabando de sair da sala de provas para o caixa.

- Serena! - chamou Jenny, sem pensar duas vezes. Serena se virou e Jenny se enrubescceu. Não conseguia acreditar que estava falando com Serena van der

Woodsen vestindo uma roupa laranja com um franzido idiota.

- Oi Jenny – disse Serena, sorrindo exultante para ela. Foi até Jenny e a beijou no rosto. Jenny prendeu a respiração e agarrou a cortina para se sustentar. Serena van der Woodsen a havia beijado – Caraça, que roupa mais doida. - Serena se inclinou para cochichar no ouvido de Jenny – Sorte sua que sua mãe não esteja com você. Tive de comprar o vestido mais feio da loja. – Serena ergueu o vestido. Era longo, preto e totalmente lindo.

Jenny não sabia o que dizer. Ela queria ser o tipo de garota que podia se queixar de fazer compras com a mãe. Queria ser o tipo de garota que podia reclamar de um vestido lindo ser feio. Mas ela não era assim.

- Esta tudo bem, querida ? – perguntou Maureen, andando a passos largos e entregando a Jenny uma geringonça de sutiã sem alça para experimentar com os vestidos.

Jenny pegou o sutiã e olhou para Serena, o rosto ardendo.

- É melhor eu continuar experimentado essas coisas. Te vejo na segunda, Serena.

Ela fechou a cortina toda, mas Maureen abriu – a um pouco.

- Esse parece bom. - sugeriu ela, assentindo com aprovação para o vestido laranja – Fica ótimo em você.

Jenny fez uma careta.

- Não tem preto? – perguntou ela

- Mas você é nova de mais para usar preto. – disse Maureen, franzindo o cenho.

Jenny também fez uma caranca e entregou a pilha de vestidos rejeitados a Maureen, fechando firmemente a cortina na cara dela.

- Obrigada pela ajuda. – Jenny puxou o vestido laranja pela cabeça e tirou o sutiã, pegando um vestido de seda – stretch preta que ela mesma tinha escolhido. Sem sutiã, ela o vestiu pela cabeça e sentiu a suavidade da roupa em todo o seu corpo.

Quando olhou para cima, a pequena Jenny Humprey tinha desaparecido da sala de provas. Em seu lugar havia uma deusa do sexo poderosa e devassa.

Enfiada em um par de saltos altos e com um batom Chanel Vamp, era assim que ela ia. Nenhuma garota nunca era nova de mais para usar preto.

brunch no domingo

No fim da manhã de domingo, a escadaria do Metropolitan Museum of Art estava abarrotada de gente. Turistas, principalmente, e moradores que tinham vindo em uma breve visita para poder se gabar com os amigos e aparentar cultura.

Dentro do museu, estavam servindo um brunch na ala egípcia para todos os membros do museu e suas famílias. A ala egípcia era um cenário soberbo para festas noturnas – em ouro brilhante e exótica, com o luar brilhando dramaticamente em todas as modernas paredes de vidro. Mas era totalmente inadequada para um brunch. Salmão defumado, ovos e faraós egípcios mumificados realmente não combinavam. Além disso, o sol da manhã brilhava tão forte pelas paredes de vidro obliquas que até a mais leve resaca parecia

dez vezes pior.

Quem foi o idiota que inventou o brunch ? O único lugar decente para ele nas manhãs de domingo era a cama.

A sala estava cheia de mesas redondas e moradores recém - lavados do Upper West Side, Eleanor Waldorf , Cyrus Rose , os van de Woodsen , os Bass, os Archibald e seus filhos estavam ali,todos sentados em volta de uma mesa. Blair sentou – se entre Cyrus Rose e a mãe ,mal humorada . Nate andou intermitentemente chapado, bêbado ou inconsciente desde sexta = feira, e parecia tonto e amarrotado, como se tivesse acabado de acordar. Serena usava uma das roupas novas que tinha comprado com a mãe na véspera e estava com um novo corte de cabelo, com camadas suaves emoldurando o rosto. Estava ainda mais bonita do que nunca , mas nervosa e quicando depois de beber seis xícaras de café. Só Chuck parecia tranqüilo, bebericando satisfeito seu Bloody Mary.

Cyrus Rose cortou a omelete de salmão e alho- poro ao meio e a enfiou em um pão de centeio.

- Estou louco para comer ovo. – disse ele para ninguém em particular, dando uma mordida faminta – Sabe quando seu corpo diz que você precisa de alguma coisa ? O meu esta gritando : “Ovo,ovo,ovo!”

E o meu esta gritando : “Cala a boca da porra!” pensou Blair.

Blair empurrou seu prato para ele:

- Toma, fica com o meu. Eu detesto ovo.

Cyrus empurrou o prato de volta.

- Não ,você esta em frase de crescimento. Precisa dele mais do que eu.

- Ele tem razão, Blair. – concordou a mãe dela- Coma seu ovo.Vai fazer bem a você.

-Ouvi dizer que ovo da brilho aos cabelos. - acrescentou Misty Bass

Blair sacudiu a cabeça.

- Eu não como aborto de galinha. – disse ela, obstinada – Me da enjôo.

Chuck estendeu o braço por sobre a mesa.

- Eu como, já que você não quer.

- Ah,agora essa, Chuck – cacarejou a sra. Bass – Não seja porco.

- Ela disse que não quer. Não é,Blair ?

Blair entregou – lhe o prato, com o cuidado de não olhar para Serena nem para Nate, sentados ao lado de Chuck.

Serena estava ocupada cortando sua omelete em quadradinhos, como peças de palavras cruzadas. Começou a construir torres altas com ela.

Pelo canto do olho, Nate a observava. Ele também observava as mãos de

Chuck. Toda vez que elas se enfiavam por sob a toalha da mesa e saiam de vista, Nate imaginava que estavam na perna de Serena.

- Alguém viu a seção Styles no Times hoje ? – perguntou Cryus , olhando para todos da mesa.

Serena teve um estalo. Sua foto com os irmãos Remi. Tinha se esquecido disso. Franziu os lábios e afundou na cadeira, esperando por uma inquisição de seus pais e de todos outros na mesa. Mas não teve nenhuma. Era parte do código social não insistir no que fosse constrangedor.

- Me passa o creme, Nate querido?—pediu a mãe de Blair, enquanto sorria para Serena.

Então fica combinado assim.

A mãe de Nate limpou a garganta.

- Como esta indo a festa do Beijo na Boca, Blair ? Vocês garotas estão prontas ?
— perguntou ela, balançando seu Seven-and–Seven.

- Sim, estamos preparadas. — respondeu Blair com educação. — Finalmente , conseguimos enviar todos os convites. E Kate Spade vai mandar as bolsas de brinde depois da aula de quinta.

- Eu me lembro dos bailes que costumava organizar. — disse a sra. Van der Woodsen, com uma expressão sonhadora. — Mas o que me preocupava neles eram se os meninos iam aparecer.—Ela sorriu para Nate e Chuck.- Não precisamos nos preocupar com vocês dois, não é ?

- Eu estou totalmente nessa. — confirmou Chuck esqueteando a omelete de Blair.

- Eu vou. - disse Nate, olhando para Blair, que agora o encarava.

Nate estava usando o mesmo suéter de cashmere que ela lhe dera em Sun Valley. Aquele com o coração de ouro.

- Com licença. — Blair se levantou de repente e deixou a mesa.

Nate a seguiu.

- Blair! — gritou ele, serpenteando pelas mesas, ignorando o amigo Jeremy , que acenava para ele do outro lado da sala.- Espera.

Sem se virar, Blair começou a andar mais rápido , os saltos martelando o piso de mármore branco.

Eles chegaram ao corredor para os toaletes.

- Qual é , Blair. Desculpa ,ta bem ? Será que a gente pode conversar ? — gritou Nate

Blair chegou a porta do banheiro das mulheres e se virou, empurrando — a pela metade com o traseiro.

- Me deixa em paz ,ta bom ? — disse ela, ríspida e entrou.

Nate ficou do lado de fora da porta por algum tempo com as mãos no bolso, pensando. Naquela manha, quando colocou o suéter verde que Blair lhe dera, encontrou um coraçãozinho de ouro costurando na manga. Nunca o tinha percebido antes, mas era obvio que foi Blair quem o colocou ali.Pela primeira vez ele percebeu

o que ela quis dizer quando falou que o amava.

Foi muito intenso.E muito lisonjeiro.E meio que o fez querê-la novamente.Não era qualquer garota que costurava um coração de ouro nas roupas.

Ele tinha esse direito.

Serena precisava desesperadamente fazer xixi, mas era demais para ela ficar no mesmo banheiro que Blair. Mas, passados cinco minutos desde que Blair e Nate tinham saído, Serena não agüentou esperar mais. Levantou-se e foi para o toailete das senhoras.

Rostos conhecidos olharam Serena enquanto ela passava pelas mesas. Uma garçõnete ofereceu-lhe uma taça de champanha. Mas Serena sacudiu a cabeça e correu pelo corredor de mármore para os banheiros. Passos rápidos e

pesados martelavam o chão atrás dela, e ela se virou. Era Cyrus Rose.

- Diz a Blair para se apressar se ela quiser a sobremesa, está bem?

Serena assentiu e empurrou a porta do toalete das senhoras. Blair estava lavando as mãos. Ela olhou para cima, viu o reflexo de Serena no espelho sobre a pia.

- Cyrus disse para você se apressar se quiser a sobremesa- disse Serena abruptamente, andando para um reservado e batendo a porta. Ela puxou a calcinha e tentou fazer xixi, mas não conseguiu, não com Blair por ali. Serena não conseguia acreditar. Quantas vezes no passado ela e Blair foram ao banheiro juntas, conversando e rindo enquanto ela fazia xixi? Ela perdeu a conta. E agora Serena se sentia tão nervosa na presença de Blair que não conseguia? Era de ferrar totalmente a cabeça.

Houve uma pausa silenciosa e estranha.

Você não *odeia* pausas estranhas?

- Tudo bem,- Serena ouviu Blair dizer antes de sair do banheiro.

A porta se fechou, Serena relaxou e começou a fazer xixi.

Cyrus pegou Nate no banheiro dos homens.

- Você e Blair *brigaram*?- perguntou Cyrus. Ele abriu o fecho da calça e parou no mictório.

Mas que sorte, Nate.

Nate deu de ombros enquanto lavava as mãos.

- Mais ou menos.

- Deixe-me adivinhar, foi por causa do sexo, não é?- insistiu Cyrus.

Nate corou e puxou uma toalha de papel do suporte.

- Bom, meio que...- Ele realmente não queria entrar nessa.

Cyrus deu a descarga no mictório e se juntou a Nate nas pias. Lavou as mãos e começou a remexer na gravata cor-de-rosa brilhante com cabeças de leão em amarelo. Muito Versace.

Leia-se *brega*.

- As únicas coisas que levam os casais a brigar são sexo e dinheiro- observou Cyrus.

Nate ficou parado ali, as mãos no bolso.

- Tudo bem, garoto. Não vou dar nenhum sermão nem nada disso. É da minha futura enteada que estamos falando. De jeito nenhum vou dizer a você como entrar nas calças dela.

Cyrus deu uma risadinha para si mesmo e saiu do banheiro, dando as costas para Nate, que se perguntava se Blair sabia que Cyrus estava planejando se casar com a mãe dela.

Nate abriu a torneira e jogou água fria no rosto. Olhou-se no espelho. Ficara acordado até tarde com os garotos, brincando de jogos de bebida idiotas com *Tomb Raider*. Toda vez que vissem os mamilos de Angelina Jolie, tinham de beber. Ele tentou afogar os pensamentos sobre Blair e Serena no máximo de álcool que conseguiu engolir, e agora estava pagando por isso. Seu rosto estava pálido, tinha círculos marrom-arroxeados sob os olhos e as bochechas estavam encovadas. Ele se sentia uma merda.

Assim que o maldito brunch terminasse, ele iria direto para o parque, para fumar

ao sol e dar uns tapas. A cura perfeita.

Mas antes tinha de azarar Balir um pouquinho. Só o bastante para ela querê-lo de novo.

Esse é o cara!

Em vez de voltar para a mesa quando saiu do banheiro das mulheres, Blair atravessou a sala, procurando pela mesa de Kati e Isabel.

- Balir! Aqui!- gritou Kati, batendo na cadeira vazia ao lado dela. Seus pais e os amigos estavam trabalhando na sala, fazendo a social, então as meninas tinham uma mesa só para elas.

- Toma- disse Isabel, entregando a Blair uma taça de champanha e suco de laranja.

- Obrigada.- Blair tomou um gole.

- Jeremy Scott Tompkinson acabou de sair daqui e tentou levar a gente ao parque com ele- disse Kati. Ela riu.- Ele é meio bonitinho, sabe, de um jeito assim meio mauricinóide.

Ei, que palavra legal!

Isabel se virou para Balir, revirando os olhos.

- Que chatura, né? E a sua mesa?

- Nem pergunte. Adivinha com quem eu estou sentada?

As duas meninas abafaram o riso. Elas não precisavam adivinhar.

- Viu aquele cartaz dela?- perguntou Isabel a Blair.

Blair assentiu e revirou os olhos.

- O que é aquilo afinal? - disse Kati. - O umbigo dela?

Blair não tinha idéia.

- Quem liga?

- Ela não tem vergonha- arriscou Isabel.- Eu realmente meio que lamento por ela.

- Eu também- concordou Kati.

- Bem, eu não- disse Blair, irritada.

Grrr

Nate empurrou a porta do banheiro dos homens no momento exato em que Serena em que Serena empurrou o das mulheres. Juntos, eles foram pelo corredor de volta à mesa.

- Nate- disse Serena, ajeitando a saída de camurça marrom sobre as pernas.-

Pode me explicar por que não está falando comigo, por favor?

- Eu não deixei de falar com você. Tá vendo, eu estou falando com você agora.

- Quase nada.- disse Serena.- O que aconteceu? Qual é o problema? Blair disse alguma coisa sobre mim?

Instintivamente, Nate pegou um frasco de uísque que estava escondido no bolso do casaco. Olhou para o piso de mármore, evitando os belos olhos tristes de Serena.

- A gente devia voltar- sugeriu Nate, acelerando o passo.

- Legal- respondeu Serena, seguindo-o lentamente.

Ela estava com aquele gosto amargo de sal no fundo da garganta de novo, o gosto de lágrimas. Tinha segurado o choro por dois dias e podia sentir uma maré chegando. De uma hora para a outra, podia começar a soluçar, e não seria

capaz de parar.

Quando Nate e Serena assumiram seus lugares à mesa, Chuck deu uma risadinha para eles como se soubesse de alguma coisa. Como é que foi?, seu rosto parecia dizer. Serena teve vontade de bater nele.

Ela pediu outra xícara de café e colocou quatro colheres de açúcar nele, mexendo e mexendo, como se tentasse abrir um buraco na xícara, no pires, na mesa e no chão, entocando-se em alguma tumba de faraó onde podia chorar o quanto quisesse e ninguém iria encontrá-la.

Nate pediu um Bloody Mary.

- Vamos virar!- declarou Chuck alegremente, batendo seu copo no de Nate e tomando um grande gole.

Blair estava de volta à mesa. Já havia devorado seu crême brûlée e estava comendo o da sua mãe. Estava cheio de aborto de galinha, mas ela não ligou- ia vomitar tudo um minuto depois, de qualquer forma.

- Ei, Blair- disse Nate delicadamente, fazendo com que Blair deixasse cair a colher com estrondo. Ela sorriu e se inclinou na mesa.- Isso parece bom. Me dá um pouquinho?

A mão de Blair agitou-se nervosamente para o coração. Nate sexy. Seu Nate. Meu Deus, ela o queria. Mas não ia se entregar com tanta facilidade. Tinha seu orgulho.

Blair recuperou a compostura e empurrou o prato para ele, pegando uma bebida e entornando o que estava dela em um gole só.

- Pode ficar com o resto- disse ela e se levantou- Com licença.- Depois saiu batendo os saltos para enfiar a garganta dentro do banheiro das senhoras.

Algumas senhoras.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Achei **S** uma graça na foto da seção Styles do *Times* de domingo. MAs acho que os professores dela não devem ter se emocionado ao ver seus martinis duplos em um dia de aula. Para falar a verdade, estou meio cheia disso tudo. Quer dizer, não basta que a gente tenha de ver aquela foto toda vez que usa um transporte público? Obviamente você não está enjoada ainda.

Seu E-mail

P: oi gg,

fui na exposição da galeria e vi sua foto. muito sexy. gosto da sua coluna

também. você é demais.

- Bigfã

R: cara Bigfã,

Se você não é um maníaco, acho que estou lisonjeada.

- GG

P: Cara Gossip Girl,

Quando vi a foto de **S** no jornal, tive uma idéia! Você é a **S**? Se é, você é cheia de segredinhos. Meu pai adora você e quer que você escreva um livro. Ele conhece um monte de gente. Se me disser quem você é, ele pode te deixar famosa.

- JNYHY

R: Oi, JNYHY,

Você é que é cheio de segredinhos. E não é para me gabar, mas eu estou mais para fama. Quer dizer, infame. O que é um motivo a mais para não contar a você quem eu sou.

- GG

Flagra

D foi visto devolvendo um smoking Armani lindo na **Barneys** e alugando outro muito mais lindo numa loja formal. Sua irmã, **J** foi vista comprando roupa íntima na **La Petite Coquette**, embora esta tenha fugido com medo da alça. **N** foi visto comprando um grande saco de maconha no Central Park. Me conta uma novidade aí. **B** foi vista no salão **J. Sisters** fazendo uma nova depilação com cera quente. A velha deve ter começado a coçar. **S** foi vista com os pés para fora da janela do quarto, para secar as unhas. Não acho que ela tenha ficado tanto em casa a vida toda. Talvez ela deva ter um gato ou coisa assim. Miau.

DUAS PERGUNTAS

Primeira: Se você soubesse de uma festa para a qual não foi convidado, você não iria, só para irritar as pessoas? Eu iria.

Segunda: Se você decidisse ir à festa, não ia querer realmente irritar as pessoas estando completamente linda e roubando o namorado de todo mundo?

Definitivamente sim.

Mas quem sabe o que **S** vai decidir fazer? Essa garota é cheia de surpresas...

Pelo menos eu nos dei alguma coisa para pensar enquanto fazemos nosso pé, tiramos a sobrancelha e esprememos nossos cravs.

Vejo vocês na festa!

Para você que me ama,
gossip girl

uma mudança de opinião

- Feio, feio, feio! – Serena embolou o novo vestido, atirando-o na cama.

Um lindo vestido Tocca? Ah, qual é, como é que isso pode ser feio?

A cada dia dessa semana, Serena vestiu o uniforme marrom, foi para a escola, voltou para casa, viu tv, jantou, viu mais um pouco de tv e foi dormir. Ela até fez o dever de casa. Não falou com ninguém exceto os pais dela e os professores e talvez um oi de passagem para as meninas da escola. Estava começando a se sentir pela metade, uma sombra de seu antigo eu, uma garota que as pessoas conheceram mas da qual não se lembravam mais. Os olhos e os cabelos lhe pareciam insípidos, e o belo sorriso e o comportamento tranqüilo tinham sumido até segunda ordem.

Agora era sexta-feira, a noite da festa *Beijo na Boca*. E a pergunta que ela não conseguia responder era: ir ou não ir?

Há bem pouco tempo, antes de festas elegantes como esta, Serena e as amigas passariam metade da noite juntas, se vestindo – bebendo gim-tônica, dançando em volta da roupa de baixo, experimentando os acessórios mais loucos. Mas nesta noite Serena esquadrinhou seu armário sozinha.

Havia uma calça jeans com um rasgão na perna de quando ela prendeu em uma cerca de arame farpado em Ridgefield. O vestido de cetim branco que ela usou na festa de Natal da sétima série. A velha jaqueta de couro do irmão. O tênis fora de moda que deviam ter ido para o lixo anos antes. E o que era isso? Um suéter vermelho de lã – de Nate. Serena o segurou para perto do rosto e o cheirou. Tinha o cheiro dela, não dele.

No fundo do armário havia um vestido de veludo preto que Serena comprara com Blair em uma loja chique. Era um vestido próprio para beber, dançar e circular decorativamente em uma casa enorme cheia de gente se divertindo.

Lembrava a garota dos bons tempos que ela fora na época em que comprara o vestido – seu velho eu, a garota que fora até duas semanas atrás. Ela deixou o robe cair no chão e colocou o vestido pela cabeça. Talvez ainda lhe conferisse parte de seu poder.

Descalça, foi até o quarto de vestir dos pais, onde eles estavam se arrumando para um evento de gala.

- O que vocês acham? – perguntou Serena, dando uma volta na frente deles.

- Oh, Serena, você não vai usar *isso*. Diga-me que não – exclamou sua mãe, prendendo um longo colar de pérolas no pescoço.

- Qual é o problema dele?

- É uma velharia horrorosa – disse a sra van der Woodsen. – É o tipo de vestido que acompanharia minha avó no caixão.

- O que há de errado com uma daquelas roupas que você comprou com sua

mãe na semana passada? – sugeriu o sr. van der Woodsen. – Não comprou nada para usar na festa?

- É claro que ela comprou – antecipou-se a sra. van der Woodsen. – Comprou um vestido preto adorável.

- Ele me deixa uma freira gorda – disse Serena, rabugenta. Colocou as mãos nos quadris e fez uma pose diante do espelho de corpo inteiro da mãe. – Gosto deste. Ele tem caráter.

A mãe suspirou em desaprovação.

- Bem, o que Blair vai usar?

Serena olhou a mãe e piscou. Sob circunstâncias normais, ela saberia exatamente o que Blair usaria, até a calcinha. E Blair insistiria em comprar sapatos com ela, porque, se você compra um novo vestido, tem de ter um novo par de sapatos. Blair adora sapatos.

- Blair disse a todo mundo para usar um clássico – mentiu Serena.

A mãe estava prestes a responder quando Serena ouviu o telefone tocar em seu quarto. Era Nate ligando para se desculpar? Blair? Ela correu pelo corredor descalça, tropeçando para pegá-lo.

- Alô?

- E aí, safada. Desculpe por não te ligar antes.

Serena respirou fundo e se sentou na cama. Era Erik, seu irmão.

- Oi.

- Eu te vi no jornal no domingo passado. Você é maluca, ou o quê? – Erik riu. – O que a mamãe disse?

- Nada. Posso fazer o que eu quiser agora. Todo mundo pensa que eu, tipo assim, estou *acabada* ou coisa parecida. – Serena procurava as palavras certas.

- Isso não é verdade. Ei, o que é que tá pegando? Você parece triste.

- É – disse Serena. Seu lábio inferior começou a tremer. – Tô meio assim.

- Assim como? O que foi?

- Sei lá. Tem uma festa que eu tenho que ir, e todo mundo vai. Você sabe como é – começou ela.

- Isso não parece tão ruim – retrucou Erik com delicadeza.

Serena ajeitou os travesseiros na cabeceira da cama e se enfiou debaixo do edredom. Apoiou a cabeça nos travesseiros e fechou os olhos.

- É, só que ninguém mais fala comigo. Eu nem sei por quê, mas desde que voltei é como se eu tivesse a doença da vaca louca ou coisa parecida – explicou ela. As lágrimas começaram a cair de suas pálpebras fechadas.

- E a Blair e o Nate? Eles devem estar falando com você. São seus melhores amigos.

- Não são mais – disse Serena baixinho. Agora as lágrimas jorravam livremente em seu rosto. Ela pegou um travesseiro e apertou-o contra as suas bochechas para deter o choro.

- Bem, sabe o que eu acho? – tornou Erik.

Serena fungou e limpou o nariz nas costas da mão.

- O quê?

- Eles que se fodam. Totalmente. Você não precisa deles. Você é tipo a gata mais cool do hemisfério ocidental. Eles que se fodam.
- Tá – disse Serena dubiamente. – Mas eles são meus amigos.
- Não são mais. Você só está dizendo isso para se convencer. Pode ter novos amigos. Estou falando sério, Serena. Não deixe que esses babacas transformem você numa babaca. Manda eles à merda.

Era o perfeito erikismo. Serena riu, esfregou o nariz escorrendo no travesseiro e o atirou pelo quarto.

- Tudo bem! – Ela se sentou. – Você tem razão.
- Eu sempre tenho razão. É por isso que é tão difícil me prender. A demanda por gente como eu é enorme.
- Estou com saudade – disse Serena a ele, roendo uma unha cor-de-rosa.
- Eu também.
- Serena? Estamos indo! – Ela ouviu a mãe gritar do corredor.
- Tá legal, é melhor eu ir – disse Serena. – Te adoro.
- Tchau.

Serena desligou. Na beirada da cama estava o convite para a festa *Beijo na Boca* que Jenny tinha feito para ela. Serena o rasgou e jogou na cesta de lixo. Erik estava certo. Ela não tinha de ir a uma festa beneficente idiota só porque todo mundo ia. Ela nem queria ir. Fodam-se. Ela era livre para fazer o que quisesse.

Serena levou o telefone para a mesa e vasculhou uma pilha de papéis até achar a lista de alunos da Constance Billard School, que tinha vindo com a correspondência na segunda-feira. Serena leu os nomes. Não era a única a matar a festa. Ela podia achar outra pessoa com quem sair.

o vermelho ou o negro

- Fala – disse Vanessa, pegando o telefone. Ela estava se aprontando para ir com a irmã e os amigos, e estava usando um sutiã preto, jeans preta e seus Doc Martens. Não tinha nenhuma blusa limpa, e sua irmã estava tentando convence-la a usar uma vermelha.
- Oi. É a Vanessa Abrams? – perguntou uma voz de mulher do outro lado da linha.
- É. Quem fala? – Vanessa, de pé diante do espelho do quarto, segurou a blusa vermelha no peito. Ela não usava nenhuma outra cor havia dois anos. Por que deveria começar agora?

Ah, dá um tempo. Vestir uma blusa vermelha não vai transformá-la numa líder de torcida saltitante com rabinho-de-cavalo louro. Ela teria de passar por uma lavagem cerebral para chegar a isso.

- É Serena van der Woodsen.

Vanessa parou de se olhar no espelho e atirou a blusa na cama.

- Oh – disse ela. – E aí?
- Tudo bem. Eu entendi totalmente você querer a Marjorie no papel. Sabe, para seu filme? Mas você parece saber o que fazer, e eu realmente

preciso de uma atividade extracurricular ou a srta. Glos vai me matar. Então, pensei em tentar fazer meu próprio filme.

- Ok. – concordou Vanessa, tentando imaginar por que, de todas as pessoas, era justamente Serena van der Woodsen quem estava ligando para ela numa sexta-feira à noite. Ela não tinha um baile ou coisa parecida? Alguma festa?
- Então eu estava me perguntando se você podia me ajudar. Sabe como é, tipo me mostrar a usar a câmera, essas coisas. Quer dizer, eu realmente não sei o que estou fazendo. – Serena suspirou. – Sei lá, talvez fazer um filme seja uma idéia imbecil. Provavelmente é muito mais difícil do que eu penso.
- Não é imbecil – afirmou Vanessa, lamentando um pouco por Serena, involuntariamente. – Eu posso te mostrar algumas coisas básicas.
- É mesmo? - Serena pareceu exultante. – Que tal amanhã? Pode ser amanhã?

Sábado era o dia do vampiro de Vanessa. Em geral ela acordava ao anoitecer e ia jantar ou ver filmes com a irmã ou com Dan.

- No domingo é melhor.
- Tudo bem. Domingo – disse Serena. – Você deve ter um monte de equipamentos e coisas na sua casa, né? Eu podia ir até aí, para você não ter de carregar as coisas.
- Parece legal.
- Tudo bem. – Serena fez uma pausa. Não estava muito ansiosa para desligar o telefone.
- Ei, não vai ter uma festona no prédio antigo da Barneys hoje à noite? – Perguntou Vanessa. – Você vai?
- Não – respondeu Serena. – Não fui convidada.

Vanessa assentiu, processando a informação. Serena van der Woodsen não foi convidada? Talvez ela não seja assim tão má.

- Bem, quer sair com a gente esta noite? – Vanessa se ofereceu antes que conseguisse se reprimir. – Eu e minha irmã mais velha vamos a um bar aqui em Williamsburg. A banda dela vai tocar.
- Eu adoraria – disse Serena.

Vanessa deu-lhe o endereço do Five and Dime – o bar onde a irmã estava tocando – e desligou.

A vida era tão estranha. Num dia você está tirando meleca do nariz e comendo donuts, no outro sai com Serena van der Woodsen. Ela pegou a blusa vermelha, vestiu-a e se olhou no espelho. Parecia uma tulipa. Uma tulipa com uma cabeça preta eriçada.

- Dan vai gostar disso – disse a irmã, parada na soleira da porta. Entregou a Vanessa um batom vermelho. *Vamp*.
- Bem, Dan não vai sair hoje à noite. – Vanessa deu um sorriso afetado para a irmã. Ela abriu o batom e passou nos lábios. – Ele tem de levar a irmãzinha numa festa chique.

Ela se olhou no espelho mais uma vez. O batom deixava seus olhos castanhos ainda maiores, e a blusa era meio legal, de uma forma gritante, olha-eu-aqui.

Vanessa empinou o peito e sorriu convidativa para seu reflexo. *Talvez eu tenha sorte*, pensou ela. Ou talvez não.

- Tem alguém que vai se encontrar com a gente – informou Vanessa à irmã.
- Homem ou mulher? – perguntou Ruby, virando-se para verificar a bunda no espelho.
- Mulher.
- Nome?
- Serena van der Woodsen.
- A garota da foto que está na cidade toda? – perguntou Ruby, passando gel nas mechas pretas e grossas.
- Talvez – respondeu Vanessa. – Acho que vamos descobrir.

beijo na boca

- Que flores fantásticas – exclamou Becky Dormand, do primeiro grau da Constance. Ela beijou Blair no rosto. – É que vestido demais!
- Obrigada, Beck. – Blair olhou para o vestido de cetim verde que estava usando. Tinha ficado menstruada essa manhã e estava usando uma calcinha extremamente fina com o vestido. Isso a deixava nervosa.

Um garçom passou com uma bandeja de champanha. Blair tirou uma flute rapidamente da bandeja e a esvaziou em questão de segundos. Era a terceira até agora.

- Adorei seus sapatos – disse Blair. Becky estava usando sandálias pretas de salto alto com tiras trançadas até os joelhos. Ficaram perfeitas com o tutu preto curto e o rabo-de-cavalo superalto. Parecia uma bailarina do mal.
- Mal posso esperar pela bolsa de brindes – guinchou Laura Salmon. – Kate Spade, né?
- Eu soube que puseram até uma camisinha que brilha no escuro nela. – Rain Hoffstetter riu. – Não é legal?
- Até parece que você vai usar – disse Blair.
- Como é que você pode saber? – ofendeu-se Rain.
- Blair? – Blair ouviu alguém falar com a voz trêmula.

Ela se virou para ver a pequena Jenny Humphrey parada atrás dela, parecendo um Wonderbra humano com seu vestido de cetim preto.

- Ah, oi – cumprimentou Blair com frieza. – Obrigada novamente por fazer os convites. Ficaram mesmo ótimos.
- Obrigada a você por me *deixar* fazê-los – disse Jenny.

Seus olhos dardejavam pela imensa sala, que pulsava de gente, música e fumaça. Velas pretas de um metro de altura em copos altos de vidro decorados com penas de pavão e fragrantes orquídeas brancas tremulavam em toda parte. Jenny nunca tinha visto nada tão bacana em sua vida. – Meu Deus, eu não conheço ninguém aqui.

- Não? – Blair se perguntou se Jenny achava que ia conversar com *ela* a noite toda.

- Não. Meu irmão Dan devia vir comigo, mas ela não quis vir, então eu deixei ele pra lá. Na verdade, eu só conheço uma pessoa – disse Jenny.
- Oh. E quem é?
- Serena van der Woodsen – piou Jenny. – Vamos fazer um filme juntas. Já falou com ela?

Exatamente nesse momento uma garçonete brandiu um prato de sushi debaixo do nariz de Blair, que pegou um sushi de atum parrudo e o enfiou na boca.

- Serena ainda não chegou – disse ela, mastigando faminta. – Mas tenho certeza de que vai ficar encantada em ver você.
- Ei, *oi* – disse uma voz profunda, pairando acima dela.

Jenny olhou para cima. Seus olhos deram na cara de comercial de loção pós-barba de Chuck Bass e ela prendeu a respiração. Ele era o cara mais lindo que ela já vira, e estava olhando direto para ela.

- Não vai me apresentar? – Chuck olhava o peito de Jenny.
- A quem? – perguntou Jenny, franzido a testa.

Chuck riu e estendeu a mão. Blair o mandara conversar com alguma garota e ele tinha sido cético. Mas agora não. Olha o colo dessa menina! Definitivamente, esta era sua noite de sorte.

- Meu nome é Chuck. Quer dançar?

Jenny hesitou e olhou para a porta. Nada de Serena ainda. Depois voltou os olhos para Chuck. Não conseguia acreditar que um cara tão lindo e seguro de si como ele ia querer dançar com *ela*. Mas ela não estava usando um vestido preto sexy para ficar sentada na escada a noite toda. Ela se levantou, cambaleando mais do que antes, depois de tanto champanha.

- Claro, vamos dançar – balbuciou Jenny, caindo no peito de Chuck.

Ele passou o braço pela cintura dela e a apertou forte.

- Boa garota – disse ele, como se estivesse falando com uma cadelinha.

Enquanto tropeçava para a pista de dança com ele, Jenny percebeu que Chuck nem tinha perguntado seu nome. Mas ele era tão lindo, e a festa tão maravilhosa. Esta noite definitivamente vai ficar como uma das mais memoráveis de sua vida.

Sim. Vai mesmo.

o five and dime

- Eu sempre bebo rum e Coca-Cola – disse Vanessa a Serena. – A não ser que eu esteja filmando. Mas você bebe o que quiser. Eles têm de tudo por aqui.

Ruby estava pedindo as bebidas. Como era da banda, podia beber de graça.

- Acho que quero uma coisa diferente – refletiu Serena. – Posso tomar uma Stoli e uma Coca separada? – perguntou ela a Ruby.
- Boa pedida - aprovou Ruby, que tinha cabelo preto bacana com fios curtos e estava usando calça de couro verde-escuro. Ela parecia o tipo de garota que podia se virar sozinha em qualquer lugar, a qualquer hora. O nome de sua banda era SugarDaddy, e ela era a única garota nela. Ruby tocava baixo.

- - E não se esqueça da minha cerveja! – gritou Vanessa depois de Ruby ter saído para pegar os drinks.
- Sua irmã é incrível – disse Serena.

Vanessa deu de ombros.

- É. Mas ela é um pé o saco pra mim. Quer dizer, todo mundo sempre diz “Ruby é tão legal!” e, para mim, “Se liga!”.

Serena riu.

- Sei o que quer dizer. Meu irmão mais velho... ele foi para a Brown, e todo mundo gosta dele. Meus pais sempre estão presentes em tudo o que ele faz; agora que voltei do internato é tipo assim: “Oh, nós temos uma filha?”
- É isso aí – concordou Vanessa. Não conseguia acreditar que estava tendo essa conversa ridicularmente normal com Serena van der Woodsen.

Ruby trouxe as bebidas.

- Desculpe, meninas, tenho de ir.
- Boa sorte – disse Serena.
- Obrigada, docinho. Ruby pegou o estojo do baixo e foi se encontrar com os companheiros da banda.

Vanessa não acreditou. Ruby nunca chamava ninguém de docinho, só Tofu, o periquito dela. Serena certamente tinha um jeitinho especial de derreter o coração das pessoas. Vanessa até já estava começando a gostar dela um pouco. Ela pegou seu drink e brindou com Serena.

- Às gatas supermaneiras – disse ela, sabendo que parecia seriamente gay, mas sem dar a mínima para isso.

Serena riu e bebeu seu gole da Stoli. Enxugou os olhos e piscou algumas vezes. Um cara meio desganhado usando um smoking grande demais estava entrando no bar. Ele parou na soleira da porta e olhou para Serena como se tivesse visto um fantasma.

- Ei, não é o seu amigo Dan? – perguntou Serena a Vanessa, apontando para ele.

Dan estava usando smoking pela primeira vez na vida. Ele se sentiu elegante quando o colocou, mas ainda assim não conseguiu lidar com a festa *Beijo na Boca*. Então, quando Jenny deixou que ele matasse a festa, ele veio para o Five and Dime para se desculpar com Vanessa por ter sido um mala com a história da Marjorie.

Ele tentou se convencer de que não se importava de nunca mais ver Serena van der Woodsen na vida. Afinal, disse ele a si mesmo, a vida era frágil e absurda.

A vida era mesmo frágil e absurda. Porque Serena *estava ali*. De todos os lugares do mundo, estava em Williamsburg. A garota dos sonhos dele.

Dan se sentia a Cinderela. Enfiou as mãos no bolso para evitar que tremessem e tentou planejar o próximo movimento. Ele iria até lá e ofereceria um drink a Serena com a maior elegância. O pior é que a única coisa elegante nele era a roupa. Mesmo que tivesse só metade da elegância que teria se tivesse comprado o smoking Armani na Barneys.

- Oi – disse Dan quando chegou à mesa, a voz falhando.

- O que está fazendo aqui? – perguntou Vanessa. Não conseguia acreditar em sua sorte. Tinha de ficar ruim desse jeito? Então ela ia ter de ficar sentada ali pelo resto da noite vendo Dan babar para Serena?

Desculpe, meu bem.

- Caí fora da festa *Beijo na Boca*. Não é a minha – respondeu Dan.
- Eu também – disse Serena, sorrindo para Dan como ele nunca vira antes.

Dan se apoiou nas costas da cadeira de Vanessa para recuperar o equilíbrio.

- Oi – disse ele tímido.
- Você se lembra de Serena – afirmou Vanessa. – Ela é da minha turma na Constance.
- Oi, Dan. Belo smoking.

Dan corou e olhou para si mesmo.

- Obrigado. – Olhou para cima novamente. – E esse vestido... é... bonito também – gaguejou ele. Nunca pensou que seria possível ficar tão retardado.
- E a *minha* blusa? – perguntou Vanessa em voz alta. – Já me viu assim tão gostosa?

Dan olhou para a blusa de Vanessa. Era uma camiseta vermelha. Não era muito excitante.

- É nova? – sugeriu ele, confuso.
- Deixa pra lá – suspirou Vanessa, girando impacientemente a cereja em seu copo.
- Puxa uma cadeira – disse Serena, afastando-se para abrir espaço para ele. – A banda de Ruby vai tocar daqui a pouco.

Os boatos não podiam ser verdadeiros. Serena não parecia uma maníaca doida por sexo e viciada em drogas. Ela parecia delicada e perfeita e excitante, como uma flor silvestre com que a gente topa inesperadamente no Central Park. Dan queria pegar as mãos dela e trocar sussurros com ela a noite toda.

Ele se sentou ao lado dela. Suas mãos tremiam tanto que ele teve de se sentar em cima delas para mantê-las paradas. Ele a queria loucamente.

A banda começou a tocar.

Serena terminou a vodca.

- Quer outra? – ofereceu Dan, ansioso.

Serena sacudiu a cabeça.

- Eu tô legal – disse ela, encostando-se novamente na cadeira. – Vamos ouvira a música um pouco.

Tudo bem – disse Dan. Desde que ficasse perto dela, ele faria qualquer coisa.

como sempre, *b* está no banheiro e *n* está chapado

- Oi, todo mundo! – disse Jeremy Scott Tompkinson em voz alta, escancarando as portas do antigo prédio da Barneys.

Como sempre, Nate, Jeremy, Anthony e Charlie tinham fumado um bom baseado antes da festa. Nate estava doidão e, quando passou pela porta e viu Blair abrindo caminho entre as pessoas com a mão na boca, começou a rir.

- Está rindo de quê, imbecil? – perguntou Anthony, cutucando as costelas de Nate com o cotovelo. – Não aconteceu nada ainda.

Nate passou a mão no rosto e tentou parecer sério, mas era difícil ficar sério em uma sala cheia de caras vestidos como pingüins e de garotas com roupas sensuais. Ele sabia que Blair estava no banheiro, vomitando, como sempre. A questão era, será que devia ir lá resgatá-la? Era o tipo de coisa que um namorado bom e preocupado faria.

Vai lá. Você sabe que quer ir.

- O bar é bem ali – indicou Charlie, liderando o grupo.
- Encontro vocês depois – disse Nate, passando pelas pessoas na pista de dança.

Ele passou por Chuck, que estava girando a virilha na bunda de uma garota baixinha de cabelos crespos castanhos e um decote insano, e foi para o banheiro das mulheres.

Mas Blair não estava no banheiro das mulheres. Quando ia para lá, uma mulher de meia-idade com um tailleur Chanel vermelho e um button “Salve os Falcões” interrompeu seu caminho.

- Blair Waldorf? – perguntou a mulher, estendendo a mão e dando seu melhor sorriso de levantamento de fundos. – Sou Rebecca Agnelli, da Fundação Falcão Peregrino do Central Park.

Mas que hora horrrosa para isso.

Ela olhou a mão da mulher. Sua própria mão direita estava grudada na boca, prendendo o vômito que ameaçava sair a qualquer momento. Blair começou a tirar a mão para poder cumprimentar a mulher, mas um garçom passou por ela com espetos de frango apimentado crepitando e ela sentiu náuseas.

Blair apertou os lábios para evitar que o vômito saísse pelos cantos da boca e trocou de mão, usando a esquerda para cobrir a boca e estendendo a direita para cumprimentar Rebecca.

- É tão maravilhoso finalmente conhecer você – disse a mulher enquanto apertavam as mãos. – Nem sei como agradecer por tudo o que você fez.

Blair assentiu e puxou sua mão de volta. Chega. Ela não podia segurar mais. Seus olhos dardejavam pela sala lotada, procurando desesperadamente por ajuda.

Lá estavam Kati e Isabel, dançando uma com a outra. Havia Anthony Avuldsen, estendendo tabletes de Ecstasy. Lá estava Jeremy Scott Tompkinson, tentando ensinar Laura Salmon e Rain Hoffstetter a fazer anéis de fumaça no bar. Lá estava Chuck, segurando tão apertado a menina-boneca que parecia que os peitos dela iam explodir.

Todos os extras estavam ali, mas onde estava o protagonista, seu salvador?

- Blair?

Ela se virou e viu Nate abrindo caminho pela multidão em direção a ela. Os olhos de Nate estavam injetados, o rosto frouxo e os cabelos despenteados. Ele parecia mais um ator coadjuvante esquecível do que um protagonista.

Era isso o que ele era? Nate era *isso*?

Blair não tinha escolha. Arregalou os olhos, pedindo em silêncio a Nate para ajudar e rezando para que ele assumisse a tarefa.

A Srta. Agnelli franziu o cenho e se virou para ver o que Blair estava olhando.

Blair já começava a correr, e Nate chegou bem a tempo.

Graças a Deus ele estava chapadão.

- Nate Archibald – cumprimentou ele, apertando a mão da mulher. – Minha mãe é uma grande fã de seus falcões.

A Srta. Agnelli riu e corou um pouco. Que rapaz encantador.

- Bem, é claro que ela é. Sua família tem sido muito generosa com nossa fundação.

Nate pegou duas flutes de champanha de uma bandeja que passava e entregou uma a ela. Ele ergueu sua taça.

- Aos pássaros – disse ele, brindando com ela e tentando conter um acesso de riso.

A Srta. Agnelli corou novamente. Esse garoto era tão gracinha!

- Ei, aquelas duas meninas ajudaram a planejar a festa também. – Nate apontou para Kati e Isabel, que estavam paradas na margem da pista de dança, inúteis como sempre. Ele acenou para elas.
- Oi Nate – disse Kati, cambaleando sobre saltos de dez centímetros.

Isabel agarrou seu drinque e olhou a mulher estranha parada ao lado de Nate.

- Oi. *Adorei* sua roupa.
- Obrigada, querida. Sou Rebecca Agnelli, da Fundação Salve o Falcão Peregrino do Central Park – disse a mulher.

Ela estendeu a mão a Isabel, que abriu os braços pra dar-lhe um abraço de bêbada.

- Com licença. – Nate aproveitou a deixa para escapulir.

- Blair? – chamou Nate, empurrando cauteloso a porta do banheiro das mulheres. – Você está aí?

Blair estava agachada no último reservado.

- Merda – resmungou baixinho, limpando a boca com uma toalha de papel. Ela se levantou e deu a descarga. – Já vou sair – disse ela, esperando que ele fosse embora.

Mas Nate abriu completamente a porta do banheiro e entrou. Na bancada das pias havia garrafinhas de Evian, perfume, *spray* para cabelo, Advil e creme para as mãos. Ele desatarraxou uma garrafa de água e colocou um Advil na palma da mão.

Blair abriu a porta do reservado.

- Você ainda está aí.

Nate estendeu a ela o comprimido e a água.

- Eu ainda estou aqui – repetiu ele.

Blair engoliu o comprimido, bebericando a água lentamente.

- Eu estou bem. Pode voltar para a festa.
- Você está bonita. Nate ignorou o que ela dissera. Ele estendeu a mão e apertou o ombro nu de Blair. A pele dela era quente e macia, e Nate quis se deitar com ela na cama e dormir juntos como sempre fizeram.

- Obrigada – disse Blair, o lábio inferior começando a tremer. – Você também.
- Desculpe, Blair. Eu realmente sinto muito – começou Nate.

Blair assentiu e começou a chorar. Nate pegou uma toalha de papel e estendeu a ela.

- Acho que o único motivo para o que eu fiz... quer dizer, para o que eu fiz com a Serena... é porque eu sabia que ela ia topar – prosseguiu ele, procurando pelas palavras certas. – Mas era você que eu queria o tempo todo.
- Essa foi boa.

Blair engoliu em seco. Ele disse a coisa certa, exatamente do jeito que ela havia escrito em seu roteiro mental. Ela colocou os braços em volta do pescoço de Nate e deixou que ele a abraçasse. As roupas dele cheiravam a maconha. Nate a afastou e olhou nos olhos dela.

- Então está tudo bem de novo? Você ainda quer ficar comigo?

Blair viu o reflexo dos dois juntos no espelho do banheiro, fitou os lindos olhos verdes de Nate e assentiu um sim.

- Mas só se você prometer ficar longe da Serena – fungou ela.

Nate enrolou uma mecha do cabelo de Blair no dedo e sentiu o aroma de seu perfume. Era bom ficar parado ali, abraçando-a. Era uma coisa que ele podia fazer. Agora e talvez para sempre. Ele não precisava de Serena.

Ele assentiu.

- Eu prometo.

E depois eles se beijaram – um beijo doce e triste. Em sua cabeça, Blair podia ouvir a música crescendo, indicando o fim da cena. Tinha começado de um jeito meio turbulento, mas pelo menos terminou bem

- Vamos – disse ela, afastando-se e enxugando as manchas da maquiagem de sob os olhos. – Vamos ver quem está aqui.

De mãos dadas, eles saíram do banheiro das mulheres. Kati Farkas deu um sorriso de reconhecimento quando passou por eles na entrada do banheiro.

- Gente – resmungou ela. – Arranja um quarto!

s e d se divertem

- Essa banda é demais! – gritou Serena para Vanessa por cima das marteladas do baixo e da bateria. Mexia o traseiro de um lado para o outro em sua cadeira, os olhos brilhando. Dan não conseguia respirar normalmente. Ele mal tinha tocado na bebida.

Vanessa sorriu, satisfeita por Serena ter gostado da música. Pessoalmente, ela odiava, embora nunca tenha dito isso a Ruby. A SugarDaddy era cheia de gente que dançava, suave e sacudia o corpo, o que definitivamente não era a praia de Vanessa.

Ela preferia se deitar no escuro para ouvir canto gregoriano ou coisa parecida.

Creeedo!

- Vamos lá – chamou Serena, se levantando. – Vamos dançar.

Vanessa sacudiu a cabeça.

- Para mim está bom – disse ela. – Vai você.
- Dan? – perguntou Serena, puxando as mangas do casaco dele. Dan nunca, jamais dançou na vida. Era péssimo nisso, e o fazia parecer um bobalhão. Ele hesitou, olhando para Vanessa, que ergueu as sobancelhas, desafiando-o. *Se você se levantar e dançar agora, vai direto para o tó da minha lista de manés*, era o que dizia o olhar dela.

Dan se levantou.

- Claro, por que não?

Serena pegou a mão dele e abriu caminho para o grupo que rodopiava, Dan cambaleando atrás dela. Depois Serena começou a dançar, os braços erguidos sobre a cabeça, batendo os pés na frente e sacudindo os ombros. Ela definitivamente sabia dançar.

Dan sacudia a cabeça para cima e para baixo e balançava os joelhos no ritmo da batida, observando-a.

Serena estendeu os braços e segurou os quadris de Dan, balançando-os de um lado para outro, imitando o que seus quadris estavam fazendo. Dan riu e Serena sorriu e fechou os olhos, curtindo muito. Dan fechou os olhos também, deixando que seu corpo a seguisse. Realmente não importava se ele dançava como um mingo, ou que fosse o único ali a usar smoking – provavelmente o único em Williamsburg. Ele estava *com ela*, era isso que importava.

Sozinha na mesa, Vanessa primeiro terminou seu drinque e depois o de Dan. Depois se levantou e foi se sentar no bar.

- Bonita blusa – observou o bartender quando a viu.

Ele tinha uns vinte anos, cabelos ruivos, costeletas longas e um sorriso bonitinho e sacana. Sua irmã sempre falava de como ele era uma graça.

- Obrigada – disse Vanessa, sorrindo para ele. – É nova.
- Devia usar com mais frequência. – Ele estendeu a mão – Meu nome é Clark. Você é Vanessa, né? A irmã da Ruby?

Vanessa assentiu. Ficou se perguntando se ele só estava sendo legal com ela porque gostava da irmã.

- Posso te contar um segredo? – perguntou Clark. Colocou um monte de coisas diferentes numa coqueteira e agitou.

Ah, porra, pensou Vanessa. *Nesse ponto ele se abre e me conta tudo, que ele sempre foi apaixonado pela Ruby, mas ela parece não perceber. E ele quer que eu banque o Cupido e blablabla.*

- O quê?
- Bem – disse Clark. – Vejo você e Ruby aqui o tempo todo.

Lá vai ele, pensou Vanessa.

- E você nunca apareceu aqui no bar e falou comigo. Mas eu meio que tive uma quedinha por você desde a primeira vez em que te vi.

Vanessa o encarou. Ele estava brincando, né?

Clark despejou o drinque da coqueteira em um copinho baixo e espremeu umas limas nele. Empurrou para Vanessa.

- Experimente este. Por conta da casa.

Vanessa pegou o copo e provou. Era doce e amargo ao mesmo tempo, e ela não conseguia sentir o gosto de álcool. Era bom.

- Como se chama?
- Me beija – disse Clark, com a cara absolutamente séria.

Vanessa largou o drinque e se inclinou sobre o balcão. Serena e Dan podiam rebolar a bunda a vida toda, se quisessem. Ela estava prestes a ser beijada.

A DJ da *Beijo na Boca* tinha rompido um namoro de quatro anos e não parava de tocar canções de amor tristes e lentas.

Casais elegantemente vestidos se abraçavam e balançavam com a batida melancólica, mal se movendo sob as luzes suaves. O ar cheirava a orquídeas, cera de vela, peixe cru e fumaça de cigarro, e havia uma sofisticação pacífica na noite que era ao mesmo tempo inesperada e familiar. Não era a festa batidão que alguns esperavam, mas também não era uma festa ruim. Ainda havia muita bebida, nada tinha se incendiado e os tiras não apareceram para pegar a identidade das pessoas. Além disso, o ano acabara de começar e haveria toneladas de festas para ir.

Nate e Blair estavam dançando juntos, a bochecha dela colada no peito dele, os dois de olhos fechados, os lábios dele roçando o alto da cabeça de Blair, que tinha dado um tempo ao cérebro e sua cabeça estava cheia de estática. Estava cansada de imaginar filmes. Agora mesmo, a vida real convinha muito bem a ela.

A alguns casais de distância, Chuck estava com as mãos em cheio em Jenny Humphrey, que queria que a DJ acelerasse o ritmo. Jenny estava querendo dançar o mais rápido que podia, para impedir que Chuck a apalpasse, mas produzia o efeito oposto. Toda vez que mexia os ombros, seus peitos saltavam do vestido e praticamente o atingiam no rosto.

Chuck estava absolutamente deliciado. Colocou os braços em torno da cintura de Jenny e a puxou para si, dançando para longe da pista, em direção ao banheiro das mulheres.

- O que vamos fazer? – perguntou Jenny, confusa. Ela olhou nos olhos dele. Ela sabia que Chuck era amigo de Serena e Blair, e queria confiar nele. Mas Chuck ainda não tinha perguntado o nome dela. Ele mal falou com ela a noite toda.
- Eu só quero te beijar – disse Chuck. Inclinou a cabeça para baixo e envolveu a boca de Jenny na dele, pressionando a língua contra os dentes dela com tanta força que ela arfou. Jenny abriu a boca e deixou que ele enfiasse a língua fundo até sua garganta. Ela já havia beijado meninos antes, em brincadeiras de festas. Mas nunca um beijo de língua como aquele. *É assim que deve ser?*, perguntou-se ela, de repente sentido-se meio assustada. Estendeu os braços e empurrou o peito de Chuck, afastando a cabeça dele, desesperada por ar.
- Tenho de ir ao banheiro – murmurou ela, tropeçando para um reservado atrás e trancando a porta.

Ela podia ver os pés de Chuck, parado do lado de fora do reservado.

- Tudo bem – disse ele. – Mais ainda não terminei com você.

Jenny se sentou na privada sem levantar o vestido e fingiu fazer xixi. Depois, levantou-se e puxou a descarga.

- Pronto? – gritou Chuck.

Jenny não respondeu. A mente disparava. O que ela devia fazer? Ansiosa, procurou o celular em sua bolsinha.

Chuck se agachou para olhar por baixo da porta do reservado. O que ela estava fazendo ali, a pentelhinha? Ele rastejou de quatro.

- Tá legal – disse ele. – Então é isso, estou entrando.

Jenny fechou os olhos e se recostou na parede do reservado. Rapidamente, pressionou os botões do número do celular de Dan, rezando para ele atender.

A banda de Ruby estava tocando a última música, e Serena e Dan brilhavam de suor. Dan executava uns movimentos novos, e estava no meio de uma largada para o lado com a pélvis quando seu celular tocou.

- Droga – resmungou, puxando o aparelho do bolso.
- Dan – ele ouviu a voz da irmã. – Eu...
- Oi, Jen. Espera aí, tá? Não consigo te ouvir. – ele deu um tapinha no braço de Serena e apontou para o telefone. – Desculpe! – gritou acima da música. Voltou para a mesa e cobriu a orelha livre com a mão. – Jenny?
- Dan? – A voz de Jenny parecia muito baixinha, assustada e distante. – Preciso de sua ajuda. Pode vir aqui me pegar?
- Agora? – Dan olhou para cima. Serena estava andando na direção dele, uma ruga de preocupação no rosto perfeito.
- Está tudo bem? – gritou ela.
- Por favor, Dan? – implorou Jenny. Ela parecia realmente perturbada.
- Qual é o problema? – perguntou Dan à irmã. – Você não pode pegar um táxi?
- Não, eu... – A voz de Jenny tremia. Vem aqui, por favor, tá bom, Dan? – Ela desligou apressada.
- Quem era? – disse Serena.
- Minha irmãzinha. Está na festa. Quer que eu vá buscá-la.
- Você vai?
- Vou, acho melhor ir. Ela estava meio estranha.
- Eu vou com você – ofereceu-se Serena.
- Tudo bem – disse Dan, sorrindo com timidez. Esta noite estava ficando cada vez melhor. – Seria legal.
- É melhor a gente dizer a Vanessa – sugeriu Serena, indo para o bar.

Dan a seguiu. Tinha se esquecido de Vanessa. Mas ela parecia que estava se divertindo, conversando com o bartender.

- Ei, Vanessa – disse Serena, tocando o braço dela. – Dan acaba de receber uma ligação da irmã na festa. Ele tem de ir lá para buscá-la.

Vanessa se virou lentamente. Estava esperando que os olhos de Clark caíssem em Serena. Para que os globos oculares dele de repente registrassem a “linda garota” em letras pretas garrafais como cerejas numa caça-níqueis. Mas Clark, só olhou Serena como se fosse outra cliente qualquer.

- O que posso fazer por você? – perguntou ele, colocando um guardanapo no bar diante dela.
- Ah, nada, obrigada. – Serena se virou para Vanessa. – Acho que vou com o Dan.
- Ei, Serena, é melhor a gente ir – chamou Dan com urgência atrás dela.

Vanessa virou-se e olhou para ele, esperando tão ansiosamente por Serena. A língua de Dan estava praticamente pendurada na boca.

- Tá, então bom fim de noite para você – disse Serena. Ela se inclinou e deu um beijo no rosto de Vanessa. – Diz pra Ruby que eu achei ela incrível. – Depois deslizou para se juntar a Dan.
- A gente se vê, Vanessa – gritou Dan, virando-se para ir.

Vanessa se virou para Clark sem dizer uma palavra. Ela mal podia esperar para beijá-lo novamente e esquecer tudo de Serena e Dan, saindo para passar a noite juntos.

- Quem são eles? – perguntou Clark, apoiando os cotovelos no balcão. Ele pegou uma azeitona de um prato e a segurou diante dos lábios de Vanessa.

Vanessa mordeu a azeitona e deu de ombros.

- Só umas pessoas que eu não conheço muito bem.

s encontra esperança

Dan fez sinal para um táxi e abriu a porta para Serena. O ar de outubro estava claro e cheirava a açúcar queimado, e Dan de repente se sentiu muito elegante e maduro – um homem de smoking saindo com a linda garota. Deslizou para o banco traseiro ao lado dela e olhou para as próprias mãos, enquanto o táxi se afastava do meio-fio. Elas não estavam tremendo mais.

Embora parecesse inacreditável, ele tinha tocado em Serena com essas mesmas mãos quando estavam dançando. E agora ele estava sozinho com ela num táxi. Se quisesse, ele podia pegar a mão dela, acariciar seu rosto, até mesmo beijá-la. Ele olhou atentamente o perfil de Serena, sua pele brilhando na luz amarela dos postes, mas não encontrou coragem para fazer isso.

- Meu Deus, adoro dançar – exclamou Serena, deixando a cabeça cair no encosto. Ela se sentia completamente relaxada. – Eu podia dançar pra valer toda noite.

Dan assentiu.

- É, eu também - disse ele. *Mas só com você*, ele queria acrescentar.

Só uma garota como Serena para fazer um cara com dois pés esquerdos dizer que gosta de dançar.

Eles rodaram o resto do caminho em silêncio, desfrutando a sensação de cansaço nas pernas e o ar frio que entrava pela janela aberta na testa suada. Não havia nada de estranho no fato de que eles não conversassem. Era legal. Quando o táxi encostou na frente do antigo prédio da Barneys na rua 77, Dan pensou que Jenny estaria esperando por ele do lado de fora, mas a calçada estava vazia.

- Acho que vou ter de entrar e pegá-la lá dentro – disse Dan. Ele se virou para Serena. – Você pode ir para casa. Ou pode esperar...
- Eu vou com você – insistiu Serena. – Assim posso ver o que eu perdi.

Dan pagou o táxi, eles desceram e foram para a porta.

- Espero que deixem a gente entrar – cochichou Serena. – Eu joguei meu convite fora.

Dan puxou do bolso o convite amassado que Jenny fizera para ele e mostrou ao segurança da porta.

- Ela está comigo. – Dan colocou o braço em torno de Serena.
- Vai em frente – disse o segurança, acenando para eles.

Ela está comigo? Dan não conseguia acreditar em sua coragem. Ele não tinha idéia da dimensão daquilo tudo.

- É melhor eu procurar por minha irmã – disse ele a Serena quando estavam lá dentro.
- Tudo bem – respondeu ela. – Vejo você aqui em dez minutos.

O salão estava cheio de velhos rostos conhecidos. Tão conhecidos que ninguém ali tinha muita certeza se Serena van der Woodsen acabara de chegar ou se ela esteve ali a noite toda. Ela certamente parecia que tinha se divertido muito. Os cabelos estavam desgrenhados pelo vento, o vestido escorregava dos ombros, havia um tremor em suas coxas e as bochechas estavam completamente rosadas, como se ela tivesse corrido. Parecia dissoluta, como o tipo de garota que fez o que todo mundo diz que fez e provavelmente muito mais.

Blair logo percebeu Serena, parada na beira da pista de dança naquele vestido velho engraçado que elas compraram juntas na Alice Underground.

Blair afastou-se de Nate.

- Olha quem está aqui – disse ela.

Nate se virou, apertando a mão de Blair quando viu Serena, como que para demonstrar sua dedicação.

Blair retribuiu o aperto na mão.

- Por que não vai falar com ela? perguntou a ele. – Diz a ela que você não pode mais ser amigo dela. – Sua barriga roncava nervosamente. Afinal, depois de ter vomitado tudo, ela realmente precisava de outro sushi de atum.

Nate olhou para Serena meio doidão, com uma determinação implacável. Se Blair achava essencial que ele dissesse a Serena para sumir, ele ia fazer isso. Mal podia esperar para deixar tudo para trás e poder relaxar. Na verdade, depois de falar com Serena, ele ia subir e encontrar um lugar reservado para apertar um.

Regra número um do mauricinóide: Quando o bicho pega, fume um baseado.

- Tudo bem. – Nate largou a mão de Blair. – Lá vou eu.
- Oi – disse Serena, dando um beijo no rosto de Nate. Ele corou. Não esperava que ela tocasse nele. – Você está ma-ra-vi-lho-so, querido – completou ela, de um jeito tolo e fútil.

- Obrigado. – Nate tentou colocar a mão no bolso, mas seu smoking não tinha nenhum. Que coisa idiota. – E aí, o que é que tá rolando? – perguntou ele.
- Bem, eu meio que fugi da festa – explicou Serena. – Fui dançar num lugar muito doido no Brooklyn.

Nate ergueu as sobrancelhas de surpresa. Mas nada que Serena dissesse iria surpreendê-lo mais.

- E aí, quer dançar? – perguntou Serena. Colocou os braços em volta do pescoço de Nate antes que ele respondesse e começou a balançar os quadris de um lado a outro.

Nate olhou para Blair, que os observava cuidadosamente, e se retraiu.

- Olha, Serena – disse ele, dando um passo para trás e retirando os braços dela. – Eu não posso... sabe como é... ser seu amigo... não como a gente era antes – começou ele.

Serena olhou curiosa nos olhos dele, tentando ler seus verdadeiros pensamentos.

- O que foi que eu fiz? Eu fiz alguma coisa?
- Blair é minha namorada – continuou Nate. – Eu tenho de... Tenho de ser fiel a ela. Não posso... Realmente não posso... – ele engoliu em seco.

Serena cruzou os braços no peito. Se ao menos pudesse odiar Nate por ser tão cruel e tão baixo. Se ao menos ele não fosse tão bonito. E se ao menos ela não o amasse.

- Bem, eu acho que a gente deve parar de se falar, então Blair pode ficar nervosa. – Ela deixou os braços caírem ao lado do corpo e se afastou abruptamente.

Enquanto atravessava o salão, os olhos de Serena encontraram os de Blair. Ela parou e abriu a bolsa, procurando pela nota de vinte dólares que Blair tinha deixado na mesa da Tribeca Star. Queria devolvê-la. Como se de certo modo isso provasse que ela não tinha feito nada de errado. Nem naquela noite nem nunca. Seus dedos encontraram os cigarros. Ela puxou um e colocou nos lábios. A música estava ficando mais alta e em volta dela as pessoas dançavam.

Serena podia sentir Blair observando-a, e suas mãos tremeram enquanto ela vasculhava a bolsa procurando o isqueiro. Como sempre, não tinha um. Sacudiu a cabeça irritada e ergueu os olhos para Blair. E depois, em vez de se fuzilarem com os olhos, as duas garotas sorriram.

Foi um sorriso estranho, e nenhuma das duas sabia o que a outra queria dizer com ele.

Será que Blair estava sorrindo porque tinha conquistado o cara no fim e tinha pisado nos sapatos de festa de Serena? Porque – como sempre - ela estava conseguindo o que queria?

Será que Serena estava sorrindo porque se sentia pouco à vontade e nervosa? Ou estava sorrindo porque não tinha se rebaixado ao nível de Blair de espalhar boatos e brincar com a cabeça de Nate?

Ou era um sorriso triste porque a amizade delas tinha acabado?

Talvez estivessem sorrindo porque as duas, no fundo, sabiam que, não importava o que viesse a acontecer – não importava por quem o cara tenha se

apaixonado, ou que roupas elas usavam, ou como foram seus testes de aptidão, ou para que faculdades iriam -, as duas ficariam muito bem.

Afinal, o mundo em que viviam cuida de tudo sozinho.

Serena tirou o cigarro da boca, largou-o no chão e começou a andar na direção de Blair. Quando as duas se estavam cara a cara, ela parou e pescou a nota de vinte dólares da bolsa.

- Toma – disse ela, estendendo a nota a Blair. – É sua. – E depois, sem dizer mais nada, ela continuou andando, direto para o banheiro das mulheres para jogar uma água fria na cara.

Blair olhou para a nota na mão e parou de sorrir.

Perto da porta, Rebecca Agnelli, da Fundação Falcão Peregrino do Central Park, vestia o casaco de mink e dava um beijo de boa-noite em Isabel e Kati. Blair veio a ela e colocou a nota de vinte dólares na mão dela.

- É para os pássaros – disse Blair com seu sorriso mais falso. – Não se esqueça da bolsa de brindes!

Serena abriu a torneira e jogou a água fria e limpa no rosto repetidas vezes. Era tão bom que ela queria tirar toda a roupa e mergulhar nela.

Ela se inclinou para a fila de piaas, secando o rosto. Seu olhar deslizou para o chão, onde ela viu um par de sapatos pretos, a ponta franjada de um cachecol azul e uma bolsa preta de mulher.

Serena revirou os olhos e foi até lá.

- Chuck, é você? – perguntou ela na fresta da porta. – Quem está aí com você?

Uma garota arfou.

Chuck erguera Jenny em cima da tampa da privada no último reservado e puxara o vestido dela para baixo para que pudesse pegar aqueles peitos enormes. Serena tinha chegado na pior hora possível.

Chuck abriu a porta do reservado alguns centímetros.

- Foda-se – grunhiu ele.

Atrás dele Serena pôde ver a pequena Jenny Humphrey, o vestido puxado para baixo até a cintura, os braços pendendo, parecendo apavorada.

Alguém empurrou a porta do banheiro.

- Jenny? Você está aí? – chamou Dan.

Serena de repente entendeu: Jenny era a irmã de Dan. E estava prestes a ser traçada por Chuck.

- Estou aqui. – choramingou Jenny.
- Sai daqui. – Serena deu um tapa em Chuck, puxando a porta o bastante para que ele passasse por ela.

Chuck a empurrou, afastando-a da porta do reservado.

- Ah, me desculpe, piranha – sibilou ele. – Da próxima vez eu vou me lembrar de pedir sua autorização.
- Um minutinho aí, seu babaca – disse Dan, encarando Chuck. – O que é que está fazendo com a minha irmã?

Serena fechou a porta do reservado e ficou do lado de fora, esperando que Jenny descesse da privada e se arrumasse antes que seu irmão a visse. Dentro, ela podia ouvir Jenny fungando.

- Vai se foder – disse Chuck, empurrando Dan.
- Vai se foder você, Porta-cachecol – retrucou Dan. Ele nunca tinha se metido numa briga antes. Suas mãos começaram a tremer de novo.

Serena odiava quando os meninos brigavam. Era tão absurdo, e os deixava como babacas.

- Ei, Chuck – disse Serena, cutucando Chuck nas costas. Chuck se virou. – Por que não vai se foder sozinho? Você sabe fazer isso como ninguém – sibilou ela.
- Sua puta – sibilou Chuck de volta. – Você acha que pode voltar e agir toda superior e cheia de poder depois de tudo o que fez? Acha que pode agir como uma princesa e dizer para *mim* para eu me foder?
- O que foi que eu fiz, Chuck? – quis saber Serena. – O que é que você acha que eu fiz?

Chuck lambeu os lábios e riu baixinho.

- O que você fez? – perguntou ele. – Você foi expulsa do internato porque é uma puta pervertida que deixou marcas na parede acima da cama do seu quarto para cada cara que pegou. Você tem doença venérea. Você é viciada em todo tipo de drogas e fugiu da reabilitação, e agora está traficando seus próprios trecos. Você era membro de alguma seita que matava galinhas. Você tem uma porra de um filho na França. – Chuck respirou fundo e lambeu os lábios.

Serena estava sorrindo novamente.

- Caramba. Eu andei bem ocupada.

Chuck franziu o cenho. Olhou para Dan, que estava parado ali, observando em silêncio com as mãos no bolso.

- Vai se foder, Chuck – sussurrou Serena.

Chuck deu de ombros e pegou uma garrafa de Evian da bancada.

- Como quiser, piranha – disse ele, empurrando Dan e saindo pela porta.
- Você sabe que me ama! – gritou Serena atrás dele.

Dan bateu na porta do reservado.

- Jenny? – chamou ele delicadamente. – Está tudo bem?

Mais fungação.

Jenny não conseguia se controlar. Simplesmente não conseguia acreditar que, de todas as pessoas do universo, tinha de ser encontrada daquele jeito por Serena van der Woodsen. Serena deve pensar que ela é ridícula.

- Eu estou bem – finalmente Jenny conseguiu dizer. Ela pegou a bolsa no chão e abriu a porta. – Me leva para casa.

Dan colocou o braço em torno da irmã e Serena pegou a mão dela. Juntos, eles abririam caminho pela festa lotada.

- Esperem! As bolsas de brindes! – gritou Rain Hoffstetter de seu posto na porta da frente. Estendeu a Serena e a Jenny uma bolsa preta Kate Spade.

Dan empurrou as portas para abri-las e correu para a rua para chamar um táxi. Quando encontrou um, Serena entrou primeiro, depois Jenny e em seguida Dan. Jenny colocou os pés na lombada do piso do carro e abraçou os joelhos, descansando a cabeça entre eles. Serena estendeu o braço e remexeu seus cabelos castanhos crespos.

- Vocês vão para casa primeiro – sugeriu Serena.

Dan olhou para Jenny. Ela precisava ir para a cama.

- Tudo bem – concordou ele e deu o endereço ao motorista.

Serena se inclinou para trás, ainda acariciando os cabelos de Jenny.

- Uau – disse ela ironicamente. – Não tinha tanto agito assim desde que saí do internato.

Dan a encarou, os olhos arregalados e confiantes.

- Então, aquelas histórias... – começou ele, depois corou. – Quer dizer, alguma coisa daquelas aconteceu mesmo?

Serena franziu o cenho. Pegou um cigarro na bolsa e depois pensou melhor.

- Bem, o que você acha? – perguntou ela.

Dan deu de ombros.

- Acho que é um monte de besteira.

Serena ergueu as sobrancelhas, meio sacana.

- Mas como você pode ter certeza? – insistiu ela.

A boca de Serena estava aberta, os cantos tremiam. Seus olhos azuis brilharam na luz do farol de um carro que passava.

Não, Dan não podia imaginar que ela fizesse qualquer uma das coisas de que Chuck a acusara. A única coisa que ele podia imaginar Serena fazendo era beijando-o. Mas isso ia ficar para depois.

- Eu só não vejo você desse jeito.

Os cantos da boca de Serena se ampliaram e ela estava sorrindo novamente.

- Ótimo – disse ela. Respirou fundo e deixou a cabeça tombar de novo no encosto do banco.

Dan tombou a cabeça ao lado da dela.

- Ótimo – concordou ele, fechando os olhos.

Enquanto passavam velozmente pelos cartazes brilhantes e as luzes cintilantes da Times Square, Serena ficou de olhos abertos. Ela sempre achou a Times Square feia e deprimente se comparada com as ruas silenciosas e bem-cuidadas de seu bairro. Mas agora as luzes brilhantes, o barulho e o vapor que subia das grades nas esquinas lhe deram esperança. Na escuridão do táxi, ela estendeu a mão para Dan no mesmo momento em que ele estendia a mão para ela.

Ela mal podia esperar para ver o que ia acontecer depois.

Gossipgirl.net

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram

abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Bem, eu me diverti muito na *Beijo na Boca*. Devo ter perdido uns dez quilos dançando – não que eu precise disso.

Nem preciso dizer que estou me sentindo ótima.

Flagra

B e **N** na casa da cidade, juntos, na madrugada de sexta-feira. **C**, perambulando pela Décima Avenida, procurando ter sorte com alguma garota de Nova Jersey. **D**, **J** e o pai desganhado tomando um café da manhã em família naquela lanchonete onde costumavam gravar **Seinfeld**. **V** alugando filmes de terror com o novo namorado no Brooklyn. **S** entregando uma bolsa Kate Spade preta para um sem-teto nas escadarias do Met.

Seu E-mail

P: Oi, GG,
Só queria dizer a você que estou escrevendo minha tese na faculdade sobre você. Você é demais!
- Estudioso.

R: Caro Estudioso,
Estou lisonjeada... E aí... como é que você é?
- GG

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Por que se preocupar com a faculdade? Tenho muito o que me divertir agora. E são tantas as perguntas a serem respondidas:

Será que **S** e **D** se apaixonaram? Será que **S** não vai se cansar do veludo cotelê dele?

Será que **J** renuncia à alta sociedade e aos vestidos elegantes e se limita a ter amigas de sua própria idade (mesmo que elas nunca usem seu tamanho de sutiã)?

V será domada e vai começar a usar todo tipo de cores brilhantes? E ela vai deixar crescer o cabelo? Será que ela e aquele bartender vão se envolver?

B vai ficar com **N**?

C vai parar de incomodar as garotas novas e admitir que é um mané?

S realmente vai fazer um filme? Ela nunca sequer usou uma polaróide.

Será que as pessoas vão parar de falar de tudo isso?

É improvável. Eu sei que não vou. É tudo tão bom.

Até a próxima.

Pra você que me ama,

gossip girl

Créditos: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34725232>